



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS
INSTITUTO DE ECONOMIA**

BRUNO HUMBERTO ALVES DA SILVA

**Uma outra transformação: valores e preços no debate
da conclusão do sistema marxiano a partir das
contribuições de Sombart, Engels e Böhm-Bawerk**

**Campinas
2019**



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS
INSTITUTO DE ECONOMIA**

BRUNO HUMBERTO ALVES DA SILVA

**Uma outra transformação: valores e preços no debate
da conclusão do sistema marxiano a partir das
contribuições de Sombart, Engels e Böhm-Bawerk**

Prof. Dr. Eduardo Barros Mariutti – orientador

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Econômico do Instituto de Economia da Universidade Estadual de Campinas para obtenção do título de Mestre em Desenvolvimento Econômico, na área de História Econômica.

**ESTE EXEMPLAR CORRESPONDE À VERSÃO
FINAL DA DISSERTAÇÃO DEFENDIDA PELO
ALUNO BRUNO HUMBERTO ALVES DA SILVA,
ORIENTADA PELO PROF. DR. EDUARDO
BARROS MARIUTTI.**

**Campinas
2019**

Ficha catalográfica
Universidade Estadual de Campinas
Biblioteca do Instituto de Economia
Luana Araujo de Lima - CRB 8/9706

Si38o Silva, Bruno Humberto Alves da, 1992-
Uma outra transformação : valores e preços no debate da conclusão do sistema marxiano a partir das contribuições de Sombart, Engels e Böhm-Bawerk / Bruno Humberto Alves da Silva. – Campinas, SP : [s.n.], 2019.

Orientador: Eduardo Barros Mariutti.
Dissertação (mestrado) – Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Economia.

1. Valor (Economia). 2. Economia marxista. I. Mariutti, Eduardo Barros, 1974-. II. Universidade Estadual de Campinas. Instituto de Economia. III. Título.

Informações para Biblioteca Digital

Título em outro idioma: Another transformation : values and prices in the debate on the conclusion of marxian system from the contributions of Sombart, Engels and Böhm-Bawerk

Palavras-chave em inglês:

Value

Marxian economics

Área de concentração: História Econômica

Titulação: Mestre em Desenvolvimento Econômico

Banca examinadora:

Eduardo Barros Mariutti [Orientador]

Roberto Resende Simiqueli

Alex Wilhans Antonio Palludeto

Data de defesa: 27-02-2019

Programa de Pós-Graduação: Desenvolvimento Econômico

Identificação e informações acadêmicas do(a) aluno(a)

- ORCID do autor: 0000-0001-7894-2610

- Currículo Lattes do autor: <http://lattes.cnpq.br/5411713464295406>



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS
INSTITUTO DE ECONOMIA**

BRUNO HUMBERTO ALVES DA SILVA

**Uma outra transformação: valores e preços no debate
da conclusão do sistema marxiano a partir das
contribuições de Sombart, Engels e Böhm-Bawerk**

Prof. Dr. Eduardo Barros Mariutti – orientador

Defendida em 27/02/2019

COMISSÃO JULGADORA

**Prof. Dr. Eduardo Barros Mariutti - PRESIDENTE
Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP)**

**Prof. Dr. Alex Wilhans Antonio Palludeto
Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP)**

**Prof. Dr. Roberto Resende Simiqueli
Escola Superior de Administração, Marketing e Comunicação (ESAMC)**

A Ata de Defesa, assinada pelos membros da Comissão Examinadora, consta no processo de vida acadêmica do aluno.

*Para dois Sebastões (in memoriam) e duas Marias
Pelo amor, o convívio, as lições e o apoio incondicional*

Agradecimentos

A elaboração e conclusão deste trabalho não seria possível sem a nobre ajuda de algumas pessoas e instituições. Agradeço primeiramente à minha família. Não fosse seu amor por quem escreve e sua crença na educação como uma forma emancipação, essas linhas jamais seriam possíveis. Meus pais, Sandra e Donacio, fizeram um enorme esforço em prol da minha educação. Minha avó Regina, meu tio Luciano e minha tia Eliana foram inspirações que me levaram ao gosto pelo estudo. Minha avó Lourdes, meus tios Ana Paula, Ana Cristina e Osvaldo também foram fundamentais sempre que precisei de apoio. Agradeço ao meu tio Inácio pelas conversas de muito tempo atrás sobre educação e pós-graduação. Graças a elas, desde os nove anos de idade a pós-graduação era uma opção na minha vida.

Obtive sempre o apoio e o diálogo dos meus amigos em Guaxupé. Seria muito difícil não mencionar as conversas com Luiz Ribeiro do Valle, Matheus Santos, Pedro Negrão, Luiz Marinelli, Emerson Teles, Felipe Giordani, Guilherm Gazola, Luis Correa, Romer Vergili, Pedro Simões, Vinicius Sousa, Cristiano Gonçalves, Gabriel e Bruno Santos como motivadoras das minhas inquietações, desde muito tempo. Matheus Paschoal, Carlos Iramina, Robson Cerveira, Lucas, Ana Carolina Vicentini, Juliana Boldrini, Wilton, John e Ju dividiram ideias, experiências, alegrias e tristezas, além de um teto em Barão Geraldo. Gabriel Escada, Ana Londe, Ana Salviatti, Gustavo Romero, Elisa Brasil, Alisson Carvalho, Rayssa Boleli, Marcio Ferreira foram ótimos interlocutores da minha pesquisa no Instituto de Economia da Unicamp. Flavia Lima, Laura Naggiar, Nina Adorno, Delaíde Passos, Victo José e Carolina Fischmann foram ombros disponíveis nos momentos mais tensos desta caminhada. Leandro Ramos, Thiago 'Peixe' Franco deram minha primeira oportunidade de lecionar. Thomas Conti, Lucas Andrietta, Lucas Corazza, Eduardo Rao, Bruno Marcheto, Douglas Maciel e muitos outros compartilharam leituras muito importantes GENII. Agradeço a Mariel Nakane, Lilian Roizman, Heitor Dellasta, Álvaro Micheletti, Marina Souza e a Carlos Iramina por constituírem o Tapuia, um coletivo que me inspira e motiva.

Agradeço às minhas professoras do fundamental Uátufa, Isabel, Solange, Maísa, Sandra, Sulima pelos primeiros passos. Às muitas e muitos professores que marcaram minha formação no Ginásio Estadual e na Escola Interativa. Ao Eduardo Mariutti, mestre e amigo, pelos muitos anos de orientação paciente. Agradeço aos demais colegas discentes, funcionários e professores do Instituto pelo convívio de tanto tempo. Agradeço especialmente a Alex Wilhans e Roberto Simiqueli pela leitura e crítica cuidadosa deste trabalho. E, por fim, agradeço ao Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico, o CNPq, pelo financiamento desta pesquisa.

Resumo

SILVA, B. H. A. Uma outra transformação: valores e preços no debate da conclusão do sistema marxiano a partir das contribuições de Sombart, Engels e Böhm-Bawerk. Campinas: IE/UNICAMP, 2019 (Dissertação de Mestrado)

O tema dessa pesquisa é o debate germanófono sobre a teoria do valor e dos preços nos volumes de *Das Kapital*, escritos Karl Marx e finalizados por Friederich Engels. Reconstituímos a recepção partindo do volume I, lançado em 1867. Constatamos que nessa fase da recepção os autores aproximam a teoria do valor de Marx a uma teoria dos preços e do capital. Tal análise se modifica com o anúncio de Engels, no prefácio do volume II de 1885, de que as teorias do valor e dos preços são distintas. Engels desafiou os críticos do sistema marxiano a descobrir como, através da disjunção das teorias dos valores e dos preços, Marx resolvera problemas teóricos da Economia Política de David Ricardo. Esse desafio lança um debate sobre o todo formado pelos volumes de *Das Kapital*. Tal debate tem seu clímax com a publicação do volume III. A partir dela temos a primeira defesa da teoria contida em *Das Kapital* por um economista acadêmico germanófono, Werner Sombart. Sua resenha crítica amplia o debate sobre a teoria do valor marxiana, das questões de dedução lógica da teoria do valor, para as questões de natureza histórica. A existência de contextos históricos em que as mercadorias se trocam pelos seus valores passa a ser uma questão central do debate. O debate maduro sobre a conclusão do sistema marxiano caracteriza-se pela combinatória dos problemas lógicos e históricos da teoria do valor, tendo suas maiores expressões nas contribuições de Sombart, Engels e Böhm-Bawerk.

Palavras-Chave: Valor; Economia Marxista

Abstract

SILVA, B. H. A. (2019) Another transformation: values and prices in the debate on the conclusion of marxian system from the contributions of Sombart, Engels and Böhm-Bawerk (Master Thesis). University of Campinas, Campinas, SP, Brasil

The subject of this research is the German-speaking debate on *Das Kapital's* theory of value and prices in volumes, written by Karl Marx and finalized by Friederich Engels. We reconstitute reception from volume I, launched in 1867. We find that at this stage of reception the authors approximate Marx's theory of value to a theory of prices and capital. Such an analysis changes with Engels's announcement in the preface to volume II of 1885 that the theories of value and price are distinct. Engels challenged the critics of the Marxian system to discover how, through the disjunction of value and price theories, Marx had solved David Ricardo's theoretical problems of political economy. This challenge launches a debate about the whole formed by the volumes of *Das Kapital*. Such a debate has its climax with the publication of volume III. From it we have the first defense of the theory contained in *Das Kapital* by a German-speaking academic economist, Werner Sombart. His critical review broadens the debate about Marxian value theory, from questions of logical deduction of value theory, to questions of a historical nature. The existence of historical contexts in which commodities exchange for their values becomes a central issue of the debate. The mature debate on the conclusion of the Marxian system is characterized by the combinatory of the logical and historical problems of the theory of value, having its greatest expressions in the contributions of Sombart, Engels and Böhm-Bawerk.

Keywords: Value; Marxist Economy

Sumário

Introdução	10
1- Uma Gênese do debate da conclusão do sistema marxiano (1874-1894)	26
1.1 <i>A Nationalökonomie</i> encontra o volume I de <i>Das Kapital</i> (1874-1884) ...	27
1.1.1 Caracterização das fontes.....	27
1.1.2 Exposição dos excertos.....	31
1.1.3 Análise e conclusões.....	35
1.2 Da emergência do debate da conclusão do sistema marxiano à publicação do volume III de <i>Das Kapital</i> (1885-1894)	47
1.2.1 Engels contra Rodberthus: A polêmica da autoria da teoria do valor, os prefácios de 1885 e a “Prize Essay Competition”	47
1.2.2 A consolidação da especificidade da crítica da economia marxiana (II): as pistas metodológicas do volume III.....	55
2- A Dupla prova do valor: o debate da conclusão do sistema marxiano posterior à publicação do livro III a partir das contribuições de Sombart, Engels E Böhm-Bawerk (1894-1896)	62
2.1 Valor como fato conceitual, preço como fato empírico, sistema marxiano como última expressão da abordagem objetiva da economia: a interpretação de Werner Sombart acerca de <i>Das Kapital</i>	63
2.2 O milenar valor e o processo histórico de transformação de valores em preços: A crítica de Engels à Sombart.....	72
2.3 A Contradição irreconciliável, falha fatal do sistema marxiano e a crítica à apologia de Sombart: A crítica de Böhm-Bawerk ao sistema marxiano.....	83
2.4 Rumo a uma conclusão	97
2.4.1 A transformação da recepção de Marx: síntese e condições de possibilidade	97
2.4.2 A Dupla Prova do valor: uma breve proposta de síntese do debate.....	106
Conclusão	110
Bibliografia	113

Introdução

O debate da conclusão do sistema marxiano¹, objeto desse texto, é aqui definido como um agrupamento de textos, produzidos nas últimas décadas do século XIX, cujo tema central é a conexão entre níveis de abstração e categorias nos volumes I, II de *Das Kapital*, de um lado, e o volume III, de outro. A publicação do segundo volume de *Das Kapital* por Engels, em 1885, e o desafio feito no prefácio para que se adiantasse a solução de Marx para o problema ricardiano das remunerações distintas para capitais com diferente proporção de trabalho vivo empregado, a ser publicada no volume III, fez com que a atenção do debate sobre a obra marxiana se voltasse ao terceiro livro e à sua conexão com os volumes anteriores. Esse desafio sublinhava as afirmações do primeiro tomo que apontavam que, diferente do suposto nesse livro, as mercadorias não se trocavam pelo trabalho socialmente necessário à sua produção. O desafio de Engels consolidou um debate especulativo sobre o volume III por aproximadamente uma década, direcionando a expectativa dos intérpretes para a publicação do último volume da obra máxima marxiana. Quando o último foi publicado, dada a complexidade do sistema marxiano e das questões tratadas, as avaliações feitas a obra marxiana, antes centradas no livro I passaram por uma necessária revisão, a qual desaguou num debate central para as ciências sociais naquele período. É essa controvérsia, que demarca um segundo período do debate da conclusão do sistema marxiano, o objeto central dessa dissertação.

Este trabalho foca na recepção germanófona a obra de Marx. Alguns motivos justificam esse recorte como uma simplificação razoável. O primeiro consiste em que a obra marxiana foi publicada originalmente em alemão, o que torna razoável a suposição de que o leitor germanófono teve, em média, um acesso mais rápido aos tomos de *Das Kapital*, o que por sua vez condicionou uma avaliação mais profunda e imediata da obra marxiana recém-publicada na Alemanha e na Áustria. O segundo diz respeito ao desenvolvimento do campo

¹ A ideia de que as formulações contidas nos 3 tomos de *Das Kapital* consistem num sistema de pensamento ou num sistema econômico é, por si só, polêmica. Quando se nomeia o objeto dessa dissertação como debate da conclusão do sistema marxiano, está se reproduzindo o nome dado pelos primeiros intelectuais ao problema que enfrentaram. Os principais textos do debate trazem o termo em seu título: “Zur Kritik des ökonomischen Systems von Karl Marx”, de Werner Sombart, e “Zum Abschluss des Marxschen Systems”, de Eugen Böhm-Bawerk.

econômico, especialmente da economia acadêmica, na Alemanha. A pesquisa universitária na área, as revistas científicas e as associações civis uma realidade na Alemanha do fim do século XIX. Nas palavras de Eric Hobsbawm: “(...) no final do século XIX a Alemanha provavelmente possuía mais cargos no ensino de economia e uma literatura mais volumosa na área que os franceses e ingleses juntos”² (Hobsbawm, 1998, p.111). O terceiro consiste na coetaneidade de um profundo debate sobre recorte e metodologia dentro do campo da economia o qual expôs as fissuras metodológicas que fariam algumas produções vinculadas a *Nationalökonomie*³ parte do recorte da ciência econômica moderna e outra parte renegada por esse campo e constitutiva de outras áreas das ciências sociais, especialmente da sociologia, antropologia econômica e história econômica. A interpretação do volume III e de seu significado frente a totalidade da obra marxiana se dá num contexto intelectual influenciado por esse debate, de modo que autores de ambas trincheiras da *Methodenstreit*⁴ abordam *Das Kapital* ainda com vistas a questões lançadas na controvérsia entre Menger e Schmoller.

² Para uma discussão sobre as diferenças entre o desenvolvimento da economia na Alemanha e na Inglaterra ver Tribe (2003).

³ *Nationalökonomie* é o termo germanófono empregado a partir de meados do século XIX para descrever o conjunto dos estudos econômico. Em fins do século XVIII e início do século XIX, ele dizia respeito apenas ao campo do pensamento econômico alemão delimitado a partir da absorção da contribuição de Smith. O prefixo *National* faz menção ao termo *Nations*, presente no título da obra clássica de Smith. Nesse período o equivalente da *Political Economy* inglesa e da *Économie Politique* francesa na Alemanha é a somatória dos objetos da *Nationalökonomie*, que resumem os temas teóricos da economia, e da *Staatswirtschaftlehre*, que diz respeito às questões conectadas a política dos Estados (cf. Tribe, 1988, p.174-175; Lindenfeld, 2007, p.66). O recente trabalho de Curi traz uma definição geral do termo enquanto definidor da especificidade do pensamento econômico alemão: “No início do século XIX, formou-se uma linhagem de pensamento econômico singular na Europa de língua alemã, herdeira do cameralismo setecentista e também influenciada pelo estudo da “riqueza das nações” por Adam Smith, que se tornou conhecida como *Nationalökonomie*. Era um discurso econômico que reconhecia a existência do indivíduo e pensava-o como ente distinto do Estado, numa perspectiva que já dava conta da existência de uma sociedade civil em vias de autonomização. Porém, era um pensamento produzido para uma audiência de administradores públicos, portanto bastante voltado para questões da esfera ampla da “política econômica” e para preocupações ligadas ao ordenamento da esfera pública. Isso tornava esse tipo de conhecimento econômico mais flexível, mais aberto, por exemplo, à relativização de certos princípios “teóricos”” (Curi, 2018, p.11-12).

⁴ A *Methodenstreit* (Batalha dos métodos) é o nome de um famoso debate acerca da metodologia adequada para a abordagem da economia teórica. Ele se origina das críticas endereçadas por Carl Menger a abordagem historicista do que se convencionou a chamar de escola histórica alemã. As críticas de Menger são respondidas por Gustav Schmoller, um dos principais economistas da perspectiva da escola histórica. O debate entre os autores é tratado com mais detalhes na seção 2.4.1.

Os austríacos, defensores do método dedutivo que reconstrói os fenômenos econômicos a partir dos seus elementos essenciais, se interessam pela obra marxiana por esta estar estruturada em bases dedutivas, compartilhando a ideia de uma unidade celular do estudo dos fenômenos econômicos e de uma teoria do valor que permita a definição das relações de troca entre essas unidades. As discordâncias vêm exatamente sobre qual a unidade celular, o bem ou a mercadoria, e de qual teoria do valor será utilizada, questões que recaem em fundamentações metodológicas de ambas perspectivas. Por outro lado, a parte a natureza dedutiva do raciocínio de Marx, este apresentava afinidades com o historicismo por comportar uma teoria de fases de desenvolvimento econômico e pela tentativa de revelar as leis de desenvolvimento em determinada formação histórica. Ao menos um intelectual associado a perspectiva historicista, Werner Sombart, vê na perspectiva marxiana a possibilidade de uma teoria objetiva que dê conta do movimento de uma economia específica: a capitalista. A adoção desta, ainda que de maneira peculiar, daria conta do problema lançado por Menger a Schmoller: a confusão entre a teoria econômica pura, desenvolvida a partir da dedução sobre os aspectos fundamentais do fenômeno econômico, e a teoria econômica aplicada, a história econômica e análise de casos, baseadas em induções sobre largo material empírico. Marx forneceria uma teoria dedutiva compatível com o historicismo, em contraponto à abordagem austríaca.

A lente da *Nationalökonomie* sobre a obra de Marx é fundamental por ser peculiar em relação àquelas lançadas após o movimento de especialização das ciências sociais. Isso porque esse movimento de especialização levou à fragmentação das questões que aparecem no debate da conclusão do sistema marxiano. A sociologia absorveu as discussões sobre as relações de determinação e da tensão entre as perspectivas (neo) kantiana e hegeliana sobre a possibilidade de se alcançar o conhecimento em si, sintetizadas na oposição entre as sociologias de Marx e Weber. A história econômica absorveu os temas da definição do conceito de capitalismo e do processo de sua formação, que tendo os marcos nas contribuições de Marx e Sombart, os quais

foram confrontados especialmente pelas academias inglesa e francesa⁵. À Economia Política ou Economia Teórica coube a questão da teoria do valor, sintetizada no confronto entre as teorias do valor utilidade e trabalho, de Marx e os assim chamados marginalistas, respectivamente. Uma terceira perspectiva, de raízes clássicas, apoiou-se nos problemas de ambas análises, respectivamente da imputação e da transformação, para a formulação de um terceiro paradigma.

Os temas supracitados geralmente são tratados em tópicos de teoria e historiografia dessas disciplinas, pois, embora comportem obras antigas, eles lidam com a metodologia e as fundações básicas de cada campo. Porém, eles facilmente se confundem com histórias do pensamento de cada metodologia, o que particiona a memória histórica do debate de acordo com os temas centrais para cada campo, mutilando-o segundo os moldes da divisão das ciências. Cria-se não apenas o Marx economista, sociólogo, antropólogo e cientista político, mas também a *Nationalökonomie* que se assemelha a economia moderna, aquela que se assemelha a sociologia, à antropologia e a política. Violam-se assim as tendências totalizantes das perspectivas marxiana e da *Nationalökonomie* em prol dos recortes contemporâneos das ciências humanas.

As objeções a esse procedimento são inúmeras. Primeiramente, ao projetar as divisões da ciência do presente para o passado, esse procedimento incorre em anacronismo, o que é inaceitável do ponto de vista da abordagem acadêmica da História. Em segundo lugar, ele mais cria que soluciona problemas pedagógicos. Imagine que sociologia, economia política e história econômica sejam matérias no currículo de um jovem economista em formação e que os tópicos metodológicos enumerados no parágrafo anterior apareçam a ele em separado nas disciplinas de economia política, história econômica e sociologia. Ensina-se três polêmicas que na realidade se constituem numa só, geralmente sem uma amarração satisfatória entre elas, o que compartimenta o conhecimento. Para o aluno será fácil encontrar o que se decantou de Marx em cada área do conhecimento, mas as conexões gerais entre os temas são secundarizadas, o que as opaciza. Esse problema pedagógico pode ser

⁵ Sobre o tema ver o artigo “A história britânica e os Annales: um comentário” presente em Hobsbawm (1997)

agregado num terceiro problema, maior e que tem a ver com imaginário das ciências sociais: as dificuldades imputadas ao cientista social contemporâneo na análise de objetos complexos, cuja análise envolve a combinação de diversas esferas da existência e níveis da realidade, como é o caso do capitalismo⁶. Os processos de especialização e profissionalização que as ciências sociais começaram a sofrer no fim do XIX, as levaram a se adequar à perspectiva de *problem-solving theories*, ou seja, das abordagens teóricas que tomam a institucionalidade contemporânea como um dado, legando os problemas sociais a fontes claras que podem ser associadas as áreas específicas da existência social. Essas áreas seriam dotadas de autonomia relativa e tratadas em disciplinas específicas. Isso certamente dificultou o desenvolvimento das abordagens em ciências humanas que se baseiam no enfrentamento de objetos complexos, os quais combinam as diversas esferas da realidade. Esses recortes favorecem um diagnóstico dos problemas distintos daquele das *problem-solving theories*. Neles a institucionalidade contemporânea é parte do problema, de modo que é pouco realista partir de uma perspectiva recortada a realidade social. É exigida, portanto, uma abordagem holista que combine essas dimensões⁷. O estudo que se segue certamente é mais útil para aqueles que se interessam pela segunda perspectiva, das ciências sociais como base para uma *critical theory*, sendo concebido como parte do esforço para se *impensar* as ciências sociais⁸. Desse ponto de vista, ele pretende ser útil aos que querem romper as especializações das humanidades.

A parte a ambição de auxiliar a superação da divisão das ciências sociais, este estudo parte de uma crítica a forma como a economia, mais especificamente a história do pensamento econômico tratou o debate da conclusão do sistema marxiano. Esse debate foi reconstituído de maneira enviesada pela forma como a Teoria Econômica do século XX absorveu a contribuição marxiana, a partir do famoso “Problema da Transformação dos

⁶ Nossa referência para a discussão entre esferas de existência e níveis de realidade é a “Introdução” da *Nova História em perspectiva* redigida por Fernando Novais e Rogério Forastieri.

⁷ Para detalhes na distinção entre *problem-solving theory* e *critical theory* ver Cox(1981).

⁸ Essa proposta está sintetizada em Wallerstein (2001).

Valores em Preços”. De modo a explicitar a crítica é necessária uma breve reconstituição desse problema.

É de amplo conhecimento dos economistas o fato dos raciocínios e conclusões dos livros I e II fundarem-se na hipótese de que as mercadorias se trocam pelo trabalho social médio necessário à sua produção. Também é, o fato de que no terceiro livro, a partir da segunda secção, esse pressuposto é abandonado e trocado por outro que afirma que as mercadorias na realidade se trocam segundo preços, definidos inicialmente pelo capital total da mercadoria e a taxa média de lucro. Tal procedimento adequa a análise marxiana ao pressuposto da equalização da taxa de lucro, ignorado nos primeiros livros, implicando não apenas a modificação dos preços relativos das mercadorias, mas também dos lucros auferidos por cada um dos setores da produção, agora distribuídos segundo o capital total adiantado e não apenas pela proporção do capital variável em relação ao capital total de cada setor. Como apresentado a seguir, para Marx esse raciocínio não invalida as formulações dos livros anteriores, pois embora a inserção dos preços no sistema altere a distribuição da mais-valia entre os setores da produção e as proporções relativas pelas quais se trocam as mercadorias, ela não altera as leis da produção da mais-valia para o capital como um todo. A produção da massa de mais-valia é determinada pelo trabalho social total empregado e a composição orgânica média do capital social total. A partir da divisão da massa de mais-valia pelo capital social total, obtêm-se a taxa média de lucro que, por sua vez, que regulará os preços de produção das mercadorias. Em uma formulação mais curta: o valor determina, em última instância, os preços, cujo efeito se restringe à redistribuição da mais-valia produzida entre os diversos setores da produção. Portanto, o salto do raciocínio baseado nos valores para os preços possuiria apenas efeitos redistributivos, uma vez que a taxa geral de lucro está determinada pela massa de mais-valia, sendo a massa dos lucros igual à massa de mais-valias⁹.

No século XX essa problemática da teoria marxiana foi retomada sob o tema d’ “O Problema da Transformação de Valores em Preços”, tema de amplo debate entre os economistas políticos e historiadores do pensamento

⁹ O argumento de Marx está reconstituído de maneira mais detalhada e com as referências bibliográfica explícitas no item 1.2.2.

econômico. Seu ponto de partida são objeções feitas a formulação de Marx que se originam da crítica formulada por Eugen von Böhm-Bawerk em 1896. Segundo o economista austríaco, os preços de produção não seriam determinados apenas pelos valores, mas por dados externos como a taxa de salários e o capital social total. Marx, ciente de que as mercadorias não são trocadas pelo trabalho incorporado nelas, havia ocultado nos primeiros livros que a proporção pela qual as mercadorias são trocadas não é determinada pelo trabalho incorporado através de uma teoria hipotética onde essa condição é um ponto de partida. No terceiro livro, onde a análise deveria se aproximar da realidade dos fenômenos, esses fatores apareceriam, mas seriam apresentados como controlados em última instância pelo valor. Böhm-Bawerk insiste que essa suposição é irreal e foi manipulada para Marx, de modo a assentar sua teoria da exploração. A existência de outros fatores determinantes do preço, não condicionados pelo valor, provaria um erro fundamental no sistema de Marx: a adoção da teoria de uma teoria do valor baseada no trabalho incorporado às mercadorias. Böhm-Bawerk apresenta a teoria psicológica do valor como uma alternativa cientificamente superior para a explicação da troca, argumentando que sua adoção seria útil especialmente aos economistas socialistas. O autor também anunciaria, em tom provocativo, que a teoria marxiana seria um sistema com passado, presente, mas sem futuro¹⁰.

A parte a conquista da hegemonia na disciplina Economia por aqueles que defendiam o recorte, método e a teoria do valor advogada por Böhm-Bawerk, sua crítica ao sistema marxiano teve futuro e, ironicamente, ajudou a garantir certo futuro a teoria marxiana na discussão acadêmica das ciências econômicas no século XX. Primeiramente porque, de acordo com que a abordagem dedutiva baseada na teoria da utilidade marginal vence as disputas pelo método e recorte na ciência econômica, como queria Böhm-Bawerk, o sistema marxiano passa a ser absorvido como uma abordagem incorreta, mas, ainda assim, pertencente ao campo da teoria econômica por compartilhar com o *mainstream* um sistema dedutivo que parte de determinada teoria do valor para determinar preços relativos. Desse modo, diferente de outras abordagens que reclamavam a

¹⁰ A interpretação e crítica de Böhm-Bawerk ao sistema marxiano está reconstituída de maneira mais detalhada e com as referências bibliográfica explícitas no item 2.3.

análise dos fenômenos econômicos no século XIX, a marxiana não foi expelida da teoria econômica pelo que se tornou seu *mainstream*. Isso permitia que ela entrasse nesse campo ao menos como parte da história do pensamento econômico, onde se encaixa perfeitamente como parte da história de erros e acertos que levaram a abordagem dominante contemporânea (cf. Hobsbawn, 1997, p.111-112).

Em segundo lugar porque a controvérsia sobre valores e preços não cessou em sua contribuição. Na realidade, o problema da transformação, como se conhece hoje, não aparecia em sua formulação conhecida contemporaneamente e com esse nome na contribuição de Böhm-Bawerk. Ele começa a tornar os contornos conhecidos na contribuição de Ladislaus von Bortkiewicz que, menos depois de uma década após a refutação de Böhm-Bawerk, já retrabalhava a teoria do valor marxiano numa crítica que era um meio termo a posição de Bawerk e a dos marxistas ortodoxos. O autor aceitava a dualidade entre a lógica dos valores e a lógica dos preços proposta por Böhm-Bawerk, porém e reformulava sua crítica. Marx erraria a determinação do preço das mercadorias ao calcular o *input*, força de trabalho e meios de produção que adentram o processo de produção, a partir da lógica dos valores e o *output*, o preço do produto, a partir da lógica dos preços. O problema ganha assim uma formulação intertemporal. Esse erro teria como repercussão maior uma inconsistência no preço da oferta e da demanda agregada no setor de bens de produção que impediria o equilíbrio intersetorial em condições de reprodução simples, como preconizado por Marx no livro II. Bortkiewicz lança uma correção ao sistema marxiano a partir dessa problemática: os valores seriam determinados por equações simultâneas que representam o equilíbrio da oferta e demanda dentro dos setores de produção em condições de reprodução simples. Sem adentrar aos detalhes dessas equações, fato é se determinam simultaneamente a taxa geral de lucro e as taxas de lucro em valor para cada um dos 3 setores da produção pressupostos por Bortkiewicz. Com mais refinamento e no contexto do debate do pós-guerra uma solução com características similares foi formulada por Pierro Sraffa em *Production of Commodities by mean of Commodities*. Nela a equação de três setores da produção são substituídas por uma matriz *input-output* para n distintas indústrias

(cf. Moseley, 2015b, p. 220-225). Essas abordagens, embora reconhecessem o suposto erro de Marx em coro com Böhm-Bawerk, tornavam possível a manutenção de um sistema de preços objetivamente definido que se distinguia da abordagem subjetivista da utilidade marginal. Dada a noção de determinação simultânea que essa formulação da teoria do valor pressupunha, a ideia de que o valor determinava em última instância os preços perdia o sentido¹¹. Ainda assim, essa abordagem foi adotada por alguns autores de inspiração marxista, pois ainda mantinha bases de uma teoria objetiva dos preços.

A formulação do problema da transformação enquanto um tema central da teoria econômica marxiana, teve como uma de suas bases a constituição de uma história particular do debate do sistema marxiano. Ela encontra sua primeira expressão na coletânea *Karl Marx and the Close of His System*, editada e publicada em 1949 por Paul Sweezy. Nela Sweezy introduziu e republicou as traduções para o inglês dos artigos “Zum abchluss des Marxschen Systems” (1896) de Eugen Böhm-Bawerk e “Böhm-Bawerk Marx-Kritik” (1904) escrito por Rudolf Hilferding e publicou como apêndice a tradução inédita de “Zur Berichtigung der grundlegenden theoretischen Konstruktion von Marx im 3 Band des ‘Kapital’” (1907) de Ladislaus von Bortkiewicz (cf. Sweezy, p. v). Tal compilado transformou-se na principal edição anglofônica destes textos, sendo posteriormente, reimpresso por mais 3 editoras anglo-saxãs, além de contar com uma tradução para o espanhol¹². Na introdução, Sweezy fornece uma interpretação do debate da conclusão do sistema marxiano. Ela possui dois momentos centrais. Num primeiro, o autor insere os textos de Böhm-Bawerk e Hilferding a partir da tensão entre a escola psicologista, representante da emergente ciência econômica, e os defensores da perspectiva marxiana. O texto de Böhm-Bawerk aparece como uma das várias respostas da ciência

¹¹ Paul Samuelson constatou, através de uma criativa metáfora, a falha das soluções do problema da transformação que se tratam-o a partir de sistemas intertemporais de determinação simultânea: “In summary, ‘transforming’ from values to prices can be described as the following procedure: ‘(1) Write down the value relations; (2) take an eraser and rub them out; (3) finally write down the price relations thus completing the so-called transformation process’” (Samuelson, 1970, p.425).

¹² Além da edição da A M Kelley, existem mais três edições em inglês das editoras Merlin(1975), Orion(1984) e do Ludwig von Mises Institute (2007), além da edição argentina da Século XXI publicada sobre o nome de *Economía Burguesa y Economía Socialista* (1974). A curiosa publicação da edição de Sweezy pelos austríacos do Ludwig von Mises Institute atesta que a aceitação da compilação de Sweezy enquanto aproximação deste debate atravessa a barreira das escolas de economia.

econômica contra a abordagem marxiana. Sweezy indica os limites dessa crítica exatamente na incompatibilidade entre as perspectivas. O objeto da ciência econômica é a explicação do fenômeno das trocas a partir do estabelecimento de taxas que são formadas pelos mecanismos de mercado. A formação destas taxas, os preços relativos, seria explicada a partir do princípio do valor, sendo os preços sua expressão monetária. Deste modo, testar a coerência da formulação de valor de um sistema econômico seria um primeiro passo para o teste da e sua coerência. Sweezy atribui esse tipo de teste ao texto de Böhm-Bawerk. O autor identificará duas teorias do valor no sistema marxiano e demonstrará uma incongruência lógica entre ambas que expressaria uma falha fundamental do sistema marxiano: a adoção da teoria do valor trabalho. Essa seria, em resumo, a crítica da ciência econômica à Marx (*cf. Idem*, p. viii-ix; xii-xiii).

Sweezy destaca a resposta de Hilferding como a única grande resposta a Bawerk exatamente por ser a que melhor delimita a diferença das perspectivas da economia marxiana e da moderna economia ortodoxa (*cf. Idem*, xix). Hilferding insiste que a análise econômica no sistema marxiano parte da análise da sociedade como ponto de partida da análise e não do indivíduo, o que a diferenciaria da escola psicologista. A primeira seria associal e a-histórica, utilizando-se de categorias naturais, ao partir de um indivíduo que é universal. Marx, por sua vez, partiria da sociedade capitalista onde o trabalho é o tecido conjuntivo de uma sociedade de produtores atomizados. Seu desenvolvimento, que se expressa no avanço da produtividade do trabalho e na organização do trabalho, determinaria a forma de desenvolvimento da sociedade. O objetivo do sistema marxiano também seria distinto daquele da economia psicologista. Marx estaria preocupado em traçar as leis de movimento da economia capitalista e não definir preços. A partir dessas diferenciações, resumidas na oposição entre o recorte objetivo do sistema marxiano de economia e o recorte subjetivo da escola psicologista, Hilferding aponta que a falha de Bawerk consiste em avaliar a obra marxiana a partir da perspectiva subjetiva, ignorando suas especificidades. A conclusão que Sweezy faz, a partir da crítica de Hilferding, é a da dificuldade de comunicação entre as escolas dadas as preferências distintas de recorte e metodologia. Enquanto Böhm-Bawerk insiste em que a teoria marxiana pode ser julgada pelo mesmo padrão que a teoria marxiana, Hilferding

diz o contrário. Se para o primeiro a teoria marxiana é errada em sua construção lógica, para o segundo a teoria psicologista é irrelevante do ponto de vista do recorte marxiano (cf. *Idem*, xx-xxii).

Em seguida, Sweezy recupera de maneira mais detida a inconsistência na transformação e valores em preços apontada por Böhm-Bawerk e argumenta que Hilferding não a atacou. Daqui se desdobra o segundo momento de sua reconstituição. A partir dessa ausência, Sweezy insere o texto de Bortkiewicz como complemento da seleção. Diferente do que faz com outros autores Sweezy aqui não introduz o método de Bortkiewicz, mas apenas diz que o utilizou em seu *Teoria do Desenvolvimento Capitalista*, considerando-o o mais completo e satisfatório atualmente para a resolução do problema da transformação (cf. *Idem* xxii-xxiv, xviii, xix). A formulação de Sweezy da conclusão do debate do sistema marxiano divide o problema da absorção de Marx pela ciência em dois. Primeiramente há uma distinção de recorte, objeto e objetivo de análise que torna o diálogo entre ambas perspectivas mais complexo do que o texto de Böhm-Bawerk assume e faz parecer. Esse problema foi explicitado e resolveu-se, por assim dizer, na análise de Hilferding. Porém, o economista marxista austríaco não resolveu o segundo problema, interno ao sistema marxiano, a questão dos valores e preços. Nesse sentido o texto de Bortkiewicz aparece como um esboço de uma resposta completa, a melhor disponível, para um problema que ainda movia os economistas na época.

Dado alcance da língua inglesa, a importância da academia americana e o diálogo que este texto propunha com o debate econômico da época é razoável inferir que tal seleção se tornou um cânone do debate da recepção do volume 3 de *Das Kapital* fora da Alemanha. As reconstituições de história do pensamento econômico tendiam a partir da problemática posta pelo texto de Böhm-Bawerk, reconhecer a diferenciação dos objetos realizada por Hilferding, bem como sua fuga do problema da transformação, passando a integrar soluções baseadas no problema da transformação como a colocada por Bortkiewicz. Um exemplo da perenidade desse tipo de representação do debate pode ser encontrado no artigo de Heinz Kurz “Marginalism, Classicism and Socialism in german-speaking countries, 1871–1932” parte da coletânea *Socialism and Marginalism in Economics* organizada por Ian Steedman e

publicada em 1994. O artigo, embora possua um escopo mais amplo e realize uma análise mais detalhada das fontes, repete os trejeitos fixados por Sweezy. A contribuição de Böhm-Bawerk, ao fixar o valor trabalho como pilar da construção marxiana e demonstrar que os a taxa de lucro e os preços relativos não são deduzíveis do trabalho socialmente necessário para a produção de mercadorias, aparece como a revelação de uma inconsistência. Essa inconsistência não foi superada pelos contendores imediatos, que seguiram com o credo na teoria do valor trabalho, o que tornara a economia marxista vulnerável. Sua inabilidade em contra argumentar a crítica de Böhm-Bawerk explicaria em parte o crescente domínio da doutrina marginalista. A Hilferding é novamente creditada a diferenciação de recortes do campo econômico da escola psicologista e da marxista, ainda que de uma forma mais crítica, e a falha em contra argumentar a crítica de Böhm-Bawerk sobre a incoerência entre as análises do valor e dos preços. Bortkiewicz aparece como formulador de uma possível solução ao problema, a qual o próprio legara a resenha que William Lexis fizera do livro II (cf. Kurs, 1994, p.37, 39-40, 47-49).

A narrativa fixada em *Karl Marx and the Close of hys System* uma fraqueza central. Ela consiste na ausência dos textos relevantes no contexto do debate da recepção de Marx nos anos 1890 como “Zur Kritik des ökonomischen Systems von Karl Marx” (ZKOS) (1894) e “Wertgesetz und Profitrate” (WP) (1895). Numa rápida leitura dos textos que integram *Karl Marx and the Close of Hys System* já é palpável a ausência de ZKOS. *Zum abchluss des Marxschen Systems* (ZAMS)¹³ possui toda uma seção dedicada a crítica do que Böhm-Bawerk chama de “apologia de Sombart [a Marx]”. Os 34 parágrafos dessa seção, além das menções incidentais ao texto mostram a relevância que Böhm-Bawerk atribuiu a contribuição de Sombart. Tal relevância é justificada se retomarmos os elementos contextuais do debate. Sombart foi o primeiro catedrático do Império Alemão a redigir uma recepção positiva à teoria do valor de Marx. O autor era ligado a catedráticos de renome como Adolph Wagner e Gustav von Schmoller, este último seu orientador de doutoramento. Ambos autores, embora fossem sensíveis a questão social, o que lhes garantiu a

¹³ Daqui em diante os textos serão nomeados por suas abreviações: ZKOS, WP e ZAMS, respectivamente.

alcunha de *Kathedersozialists*¹⁴, não tiveram uma recepção positiva da teoria do valor de Marx e de *Das Kapital*. Nesse tópico ambos concordavam com os autores da Austríacos, como Böhm-Bawerk, a parte as polêmicas metodológicas lançadas na década anterior. ZKOS altera essa retórica em favor de uma crítica prospectiva da teoria de Marx, o que sinaliza uma distensão do juízo acerca da obra de Marx no acadêmico debate acadêmico germanófono sobre *Das Kapital* e num capítulo importante da absorção da contribuição de Marx pela academia. Na contribuição de Hilferding a influência da obra de Sombart também é sensível. A distinção entre as perspectivas subjetiva e objetiva da ciência econômica, a noção de que o objetivo de Marx é fornecer as leis de movimento da sociedade capitalista, são todos argumentos que já aparecem no texto de Sombart e são retrabalhados por Hilferding.

A referência direta ou indireta a Sombart, também aparece em divergências entre Böhm-Bawerk e Hilferding. Elas estão são colocadas a partir da publicação de WP, um manuscrito de Engels publicado após sua morte, no qual o autor critica aspectos da leitura que Sombart propôs em relação a *Das Kapital*. Neste texto, um dos últimos escritos por Engels, o autor faz elogios a Sombart e considera sua interpretação da contribuição de Marx como correta no que é essencial. Porém, ele marca a divergência entre os marxistas ortodoxos e a interpretação de Sombart em dois tópicos centrais. O primeiro é o realismo da categoria valor. Sombart insiste a categoria valor existe apenas como uma ferramenta que guia a análise dos intelectuais, como fato conceitual, e não como uma categoria que guia a ação dos agentes, como fato empírico. Engels discorda, insistindo que a categoria é uma abstração de fatos empíricos. Essa contenda se projeta num segundo tópico, ligado a temas de história econômica: a existência de uma situação pretérita ao capitalismo em que as trocas de mercadorias se davam diretamente pelo tempo socialmente necessário de trabalho para a sua produção e de um processo de histórico de equalização da taxa de lucro, coincidente com a consolidação do modo de produção capitalista,

¹⁴ O termo *Kathedersozialist* é um termo de origem depreciativa cunhado por Heinrich Openheim na polêmica entre os economistas que compunham a *Verein für Sozialpolitik* como Schmoller, Menger e Brentano e os economistas do *Kongress der deutschen Ökonomen*. Na primeira organização predominavam os economistas que defendiam reforma social e o protecionismo alemão, na segunda os defensores do livre comércio e o *laissez faire*. (cf. Lindenfeld, 2007, p.225).

em que as mercadorias passassem a se trocar segundo os preços de produção. Sombart defende a inexistência dessa situação pretérita de troca segundo valores, argumentando que a forma como se deu a passagem a produção capitalista não segue a lógica da equalização da taxa de lucro proposta por Marx. O valor não possui existência empírica nessa leitura. Já Engels argumenta favoravelmente à existência da troca segundo o trabalho socialmente necessário em situações pretéritas ao modo de produção capitalista e argumenta que o processo histórico de equalização da taxa de lucro não segue a análise lógica proposta no volume 3 de *Das Kapital*. A descrição dessa transição, ausente no volume III, é objeto de WP, que fora concebido como um suplemento ao último volume. Böhm-Bawerk adere ao argumento de Sombart, reproduzindo o texto de parte sua crítica a Marx e Engels relacionada. Já Hilferding, defenderá a perspectiva de Engels.

Ciente do contexto propício ao declínio da narrativa do debate da conclusão do sistema marxiano enquanto gênese do problema da transformação e das falhas de reconstituição histórica dessa narrativa, a dissertação a seguir apresenta uma reconstituição do debate do sistema marxiano que culmina nas publicações de ZKOS, WP e ZAMS. A reconstituição desses textos, o miolo do debate da conclusão do sistema marxiano na concepção desse trabalho, não basta. Inicialmente fez-se necessária a reconstituição da gênese do debate da conclusão do sistema marxiano. Dadas as bases metodológicas e epistemológicas de *Das Kapital*, extremamente peculiares para aqueles que tratavam dos fenômenos econômicos¹⁵, e o lento processo de publicação dos volumes restantes de *Das Kapital*¹⁶, esse debate teve um lento desenvolvimento.

¹⁵ Nos prefácios de *Das Kapital* Marx observa o ineditismo de seu método, “(...) o método de análise que empreguei, e que ainda não havia sido aplicado aos assuntos econômicos (...)” (Marx, 2013, p. 93), registra as dificuldades de compreensão do livro, “O método aplicado em *O Capital* foi pouco compreendido, como já o demonstram as interpretações contraditórias que se apresentaram sobre o livro” (idem, p. 88). O autor percebe que parte das queixas ao seu método vem da sua exposição dialética, qualificando em seguida em que medida se aproxima e afasta de Hegel. Num momento anterior, ele considera correta afirmação de que seu método dedutivo, como o dos economistas políticos (cf. *Idem*, p. 88-91). O único trabalho notável, anterior ao de Marx, de um autor que combinava tais abordagens, foi *Système des contradictions économiques ou Philosophie de la misère* [1846] de Pierre-Joseph Proudhon, criticado por Marx em *Misère de la Philosophie* [1847].

¹⁶ O volume I de *Das Kapital* foi publicado em vida pelo autor em 1867. Já os volumes II e III, que foram publicados a partir de manuscritos editados por Friederich Engels após a morte de Marx,

O capítulo inicial parte da descrição das linhas gerais em que se dá a crítica do primeiro volume *Das Kapital* pela *Nationalökonomie*, num trabalho de gênese histórica. Argumenta-se que, até aquele 1885, a crítica de Marx seguia certo padrão recorrente nas análises: o autor era predominantemente compreendido enquanto um continuador da análise Ricardo e Rodberthus, sendo que as especificidades de sua formulação eram pouco reconhecidas tanto pelos economistas de cátedra, quanto por alguns economistas socialistas. Essa leitura não pode ser atribuída apenas à ausência dos volumes II e III de *Das Kapital*, mas a forma como a *Nationalökonomie* tratava a temática do valor, o que está intrinsecamente ligado ao seu recorte do que é a natureza e o recorte dos fenômenos econômicos. As primeiras linhas do debate da conclusão do sistema marxiano, embora estivessem indicadas em alguns trechos dos textos de Marx sobre Economia Política, foram publicamente estabelecidas nos prefácios de Engels às edições de 1885 de *Das Eleni der Philosophie* e do volume II de *Das Kapital*. Neles, Engels rebate as acusações de plágio que Rodberthus e seus seguidores fizeram a Marx, defendendo a especificidade do sistema categorial de *Das Kapital*, bem como conectando-a a proposta marxiana de superação do paradigma da economia política estabelecido nos *Principles of Political Economy* de David Ricardo. Quanto à especificidade categorial Engels insiste que em *Das Kapital* há dualidade de níveis lógicos que se a partir dos quais está estruturada a apresentação das categorias em *Das Kapital*: um primeiro nível ao qual corresponde análise da mais-valia e, do valor, e outro, onde estão problematizadas as formas que essa mais-valia adquire: lucros, juros e renda da terra. Sobre os tópicos do sistema Engels. A superação das formulações de Ricardo não envolveria apenas a distinção desses níveis, mas dois problemas que, segundo Engels, eram centrais para Marx: o da determinação do salário e o das remunerações iguais aos capitais de diferente composição orgânica¹⁷. Engels desafia os seguidores de Rodberthus, dentre outros críticos de Marx, a resolverem o segundo problema¹⁸, que teria sua solução apresentada no terceiro volume de *Das Kapital*. Uma vez delineadas as diferenças dos sistemas

tiveram suas primeiras edições em 1885 e 1894, respectivamente. Para o resumo das controvérsias que permeiam o trabalho de edição de Engels ver Moseley (2015a).

¹⁷ Que futuramente ficaria imortalizado no debate econômico como o “problema da transformação de valores em preços”.

¹⁸ O primeiro problema já estava respondido no volume I.

conceituais das obras de Marx e Ricardo, bem como os tópicos em que a primeira busca superar a segunda, a aproximação dos autores, comum até então, é relativamente inviabilizada. As questões lançadas a *Das Kapital* deixam de versar principal sobre aquilo que havia nos primeiros tomos e passam a se dirigir ao que o livro III e como ela traria ou não a resolução das questões destacadas por Engels nos prefácios. A partir de então é possível se afirmar que o debate sobre *Das Kapital* se concentra nos problemas da conclusão da obra, que se daria com a publicação do terceiro tomo. Ao destacar a especificidade conceitual de *Das Kapital* e a tentativa de superação do paradigma ricardiano por Marx, Engels delimita os termos do debate da conclusão do sistema marxiano. Porém, embora essas questões fundamentais já estivessem colocadas, a resposta de Marx às questões lançadas por Engels estariam disponíveis apenas após 9 anos depois da publicação do segundo tomo, com a publicação do livro III. No livro III, o aspecto central que permeia a forma de exposição do sistema de Marx é melhor explicitado: na distinção entre dois níveis de análise, o da análise do valor e de mais-valia e àquele da análise das diferentes formas da mais-valia, é a inserção das determinações lógicas referentes à concorrência capitalista que estabelece a transição entre os níveis de análise. Passa-se de uma análise na qual o Capital é apresentado como um todo, para um raciocínio em que os vários capitais são apresentados em sua inter-relação. A inserção da concorrência, corresponde a uma aproximação ao nível da consciência dos capitalistas, que assistem o processo a partir de seu capital particular e não da totalidade do movimento do Capital. A intersecção entre a questão dos níveis de análise e do problema da formação de uma taxa de lucro uniforme, aparece de maneira mais cristalina nessa obra. A resolução do problema da remuneração equânime para os capitais de diferente composição orgânica, questão que saltava aos olhos dos economistas, é estabelecido como primeira mediação a ser considerada na inserção da concorrência na análise marxiana. Ele será o tópico central no qual se estabelecerá o debate da conclusão do sistema marxiano.

1- Uma Gênese do debate da conclusão do sistema marxiano (1874-1894)

A crítica da visão que a história do pensamento econômico do século XX legou ao debate da conclusão do sistema marxiano tem como uma primeira exigência a delimitação de tal debate. A ideia de sistema marxiano ou dos sistemas de Karl Marx é um termo que aparece no título de dois textos centrais para esse trabalho: “Zur Kritik des ökonomischen Systems von Karl Marx” de Werner Sombart e “Zum abchluss des Marxschen Systems” e de Eugen Böhm-Bawerk. O uso do termo sistema marxiano ou sistema de Karl Marx naquele contexto e também neste trabalho faz referência ao conjunto dos tomos que compõem *Das Kapital*. Já a noção de conclusão, presente de maneira explícita apenas no título do segundo texto, mas que está explícita no conteúdo do primeiro, diz a respeito ao aspecto de complemento que a publicação do último volume de *Das Kapital* traz frente a reflexão iniciada nos primeiros tomos da obra. O debate da conclusão do sistema marxiano diz respeito, portanto, às questões lançadas nos primeiros tomos de *Das Kapital*, especialmente no primeiro, que teriam suas respostas concluídas apenas no último volume¹⁹.

Para delimitá-lo recorre-se a uma gênese histórica. Essa gênese começa da recepção ao tomo I de *Das Kapital*. O debate da conclusão do sistema marxiano não existia ali, porque não era certa sequer da existência dos tomos restantes de *Das Kapital*, nem da sua publicação. Naquele contexto, a compreensão acerca da obra de Marx era muito distinta daquela que se esboçaria a partir da publicação do tomo II em 1885. Percorrer esse caminho, de modo a delimitar a especificidades do debate da conclusão do sistema marxiano, é o objeto desse capítulo.

¹⁹ Sombart define o recorte de seu texto não como uma interpretação do livro III, mas de seus resultados frente aos demais volumes: “If I thus agreed with the editor to publish in this journal my criticism of the third volume of Capital, and of some fundamental discussions tied up with it, I did so in the conviction that, in the face of a work of Capital’s scope, the task of criticism cannot possibly be to have the final say a few months after its task of criticism cannot possibly be to have the final say a few months after its publication, or to ‘settle’ the debate on the book. Although we have had plenty of time to go into Marx’s train of thought, and although the newly published third volume frequently only confirmed the results to which our own thinking had led us on the basis of the earlier volumes, a system like Marxism, whose criticism almost entirely lacks any preparatory work, obviously requires a kind of assessment, both intensive and extensive, that differs from what a critical review was in a position to offer” (Sombart, 2017, p. 166-167).

Esse esforço se diferencia do que seria o de uma história da recepção da obra de Marx, tarefa de maior escopo do que o exigido pelo objeto aqui tratado. Portanto, não há, a seguir, uma reconstituição sobre toda a recepção de *Das Kapital* que delimite os caminhos que ela poderia tomar e os caminhos que ela tomou. Foi privilegiada uma reconstituição de como o discurso econômico sobre *Das Kapital* parte de certo consenso que se modificará até tornar-se a forma de um dissenso, de acordo com que se opera a publicação dos volumes restantes da obra por Engels. Nessa reconstituição optou-se por privilegiar os textos do debate germanófono, pelos motivos já sublinhados na introdução, o fato do alemão ser a língua em que os 3 volumes de *Das Kapital* foram originalmente publicados, o que fez com que os leitores desse idioma foram aqueles que tiveram o contato mais imediato com as obras, além do aflorado debate sobre no que consistem os fenômenos econômicos e qual a metodologia para abordá-los que se dava na Alemanha e na Áustria. Os textos originalmente publicados em língua alemã se aproximam, portanto, de um retrato mais instantâneo da recepção de *Das Kapital* e de seu estatuto dentro da disputa pelo entre recortes e metodologias para o tratamento dos fenômenos econômicos.

1.1A *Nationalökonomie* encontra o volume I de *Das Kapital* (1874-1884)

1.1.1 Caracterização das fontes

Esta seção pretende explorar alguns fragmentos da recepção e crítica do primeiro volume de *Das Kapital* por parte dos economistas germanófonos. Seu objetivo é a especificar pontos em comum que caracterizam a recepção da abordagem da economia germanófona à *Das Kapital* até 1884. Selecionou-se 3 textos representativos do pensamento econômico germanófono, publicados entre 1874 e 1884: *Geschichte der National-Oekonomik in Deutschland*, publicado em 1874 Wilhelm Roscher, *Allgemeine oder theoretische Volkswirtschaftslehre* a parte teórica do clássico *Leherbuch der Politischen Ökonomie* de Rau reeditada por Adolph Wagner em 1874 e *Kapital und Kapitalzins*, o extenso exame das teorias do capital e dos juros publicado por Eugen Böhm-Bawerk em 1884. A seleção dos fragmentos obedeceu à disponibilidade dos textos, de traduções com as quais os originais pudessem ser

cotejados, bem como a sua importância dentro da abordagem germanófila da economia.

O texto de Roscher fazia parte de uma coleção de 3 volumes sobre a história das *Staatwissenschaften*²⁰ (Ciências do Estado), campo acadêmico do qual a economia era parte, promovida pela Academia Bávara de Ciências. O autor da obra era um dos mais prestigiados economistas alemães, responsável pelo primeiro esboço do método histórico na economia alemã e, na época da publicação do livro, era docente há mais de 30 anos. Sua compilação fornece não apenas uma ampla pesquisa sobre a produção da *Nationalökonomie*²¹ até aquela década do século XIX, como define um recorte moderno da área, separando-a de recortes que anteriormente eram considerados parte desse campo como a *Technologie*²² e a *Hausväterliteratur*²³ (cf. Tribe, 1988, p.203-205; Tribe, 2008, p.67-71; Lindenfeld, 2007, 153-157). O segundo excerto aparece na nona e décima edição do volume *Allgemeine oder theoretische Volkswirtschaftslehre*, redigida por Adolph Wagner²⁴. Tal texto consiste no volume

²⁰ *Staatwissenschaften* podem ser definidas inicialmente como os campos do conhecimento da academia alemã que tem o Estado enquanto principal sujeito e objeto. As *Staatwissenschaften* emergem no século XVIII como um desdobramento das *Kameralwissenschaften* (ciências camerais). Com o tempo, parte das ciências camerais passam a descrever a economia privada em conexão com a ciência e outra parte se concentra nas questões referentes ao Estado. Ambos léxicos convivem durante nos fins do século XVIII e XIX. Mas, a partir dos fins do XVIII, pensadores liberais como Schlözer insistem nas nomenclaturas que destacam o olhar a partir do Estado em tais disciplinas, sendo que o léxico *Staatwissenschaften* tende a substituir o léxico *Kameralwissenschaften*. A história do pensamento contemporâneo, especialmente a partir da contribuição de Tribe, associa essa passagem a absorção do pensamento iluminista de Kant, Smith, dentre outros, que fornece pela primeira vez uma teoria da sociedade civil, com a qual passa a ter um movimento considerado próprio e independente do Estado. Nessa chave, a passagem das *Kameralwissenschaften* para as *Staatwissenschaften* pode ser compreendida como a passagem e uma metáfora mecânica do Estado, onde este cria a sociedade civil, para uma metáfora orgânica, onde ele procura equilíbrio com a sociedade civil, a qual leis próprias de funcionamento (cf. Lindenfeld, 2007, 1, 33-34, 43-44, ; Tribe, 1988, 208-209). Sobre as *Kameralwissenschaften* ver nota 37.

²¹ Para uma definição de *Nationalökonomie* ver nota 2.

²² Campo que transporta o método descritivo da história natural para a descrição de processos de produção. Ele tem sua fundação na contribuição de Beckmann, discípulo direto de Linnaeus (cf. Lindenfeld, 2007, p.31-33). Um exame mais detalhado do desenvolvimento e crise do campo da *Technologie* se encontra em Frison(1993).

²³ *Hausväterliteratur* consiste na herança da filosofia prática aristotélica e de Xenofontes ligada a noção *oekonomia*, a gestão da casa. O Gênero foi recuperado de modo a auxiliar a nobreza proprietária em tópicos como relações familiares, construção de casas e instalações, veterinária, dentre outros campos da vida cotidiana (cf. Lindenfeld, 2007, p. 16-17).

²⁴ Wagner se encontrava num período de profunda mutação em seu pensamento na época da organização da nova edição do *Lehrbuch*. A partir da absorção da obra de Johan Karl Rodberthus ele passa a aderir ao estilo dedutivo e aos resultados dos economistas socialistas. Essa verdadeira conversão no pensamento de Wagner pode ser atestada em pelo registro de uma fala, proferida para uma audiência de 400 pessoas, em que diz que antigamente achava a teoria socialista 95% errada e passou a considerá-la 95% correta. A inclusão da obra de Marx

dedicada à economia teórica do *Leherbuch der politischen Ökonomie*. Trata-se de um texto com vasto histórico. Ele fora publicado pela primeira vez por Karl Heinrich Rau em 1826, tornando-se o manual de grande circulação na Alemanha, mantendo importância até o fim do século XIX²⁵. O *Leherbuch* era o livro introdutório que não só ajudava o estudante que se deparava com o estudo da *Nationalökonomie*, como também aos homens de negócio e oficiais dos estados germanófonos, podendo ser considerado como uma síntese do pensamento da ortodoxia alemã após a recepção de *Wealth of Nations* de Adam Smith. Rau publicou os 3 volumes do livro em várias edições, que eram revistas e expandidas de acordo com o desenvolvimento do campo da *Nationalökonomie*. Na década de 1870, logo após a morte de Rau, Adolph Wagner e Erwin Nässe passaram a organizar as novas edições do livro-texto²⁶, com novas inserções de conteúdo. As edições do *Leherbuch* continuaram populares até início do século XX, sendo porta de entrada ao pensamento econômico, não apenas para estudantes das *Staatswissenschaften* e do Direito, mas para oficiais, administradores e demais interessados num estudo introdutório da economia (cf. *idem*, p.183-185, 194, 197; cf. Lindenfeld, 2007, p. 221-223).

O terceiro texto é *Kapital und Kapitalzins*, de 1884, livro em que Eugen Böhm-Bawerk, o jovem professor da Universidade de *Innsbruck*, faz um amplo resumo e classificação das teorias que explicam a origem dos rendimentos do capital. O livro antecede a solução proposta pelo autor a esse problema *Positive Theorie des Kapitals*, quatro anos depois. É uma fonte importante por posicionar Marx ao lado de vários autores do campo da *Nationalökonomie*, só que da perspectiva de um autor radicado na Áustria que fez parte de um grupo que iniciava uma ruptura metodológica a perspectivas histórica e indutiva de parte do pensamento alemão²⁷. Além do mais, trata-se de um texto importante por

na parte teórica do *Leherbüch*, se correlaciona com esse movimento no pensamento do autor (cf. Lindenfeld, 2007, p. 221-223, 243-244).

²⁵ Para uma apreensão completa do *Leherbuch* de Rau e sua evolução ver Tribe(1988) capítulo 9.

²⁶ A nona edição, primeira organizada por Wagner e Nässe, é de 1876, a décima de 1879. (cf. Tribe, 1988, 183).

²⁷ Esse tópico será tratado no capítulo 2.

anteceder ZAMS, a famosa de crítica de Böhm-Bawerk a Marx redigida 12 anos depois, enquanto resposta do livro III²⁸ (cf. Lindenfeld, 2007, p.251).

Essa amostra de obras e autores busca uma representação heterogênea da obra de *Das Kapital* dentro do debate germanófono. As obras, um livro de história do pensamento econômico, um livro-texto e os prolegômenos de um livro teórico que organiza determinada história do pensamento de um problema, se dirigem a públicos com diferentes afinidades e graus de domínio sobre os problemas econômicos. Os autores pertencem a diferentes gerações: Roscher nasceu em 1817, Wagner em 1835 e Böhm-Bawerk em 1851. Eles tendem a ser associados a distintas tradições de pensamento: Roscher à chamada velha escola histórica, Wagner à nova escola história ou em uma tradição própria nomeada *Sozialökonomie*²⁹ e Böhm-Bawerk à escola austríaca³⁰. Também são radicados em distintas universidades: Roscher em Leipzig, Wagner em Berlim, Böhm-Bawerk em Innsbruck. A parte essas

²⁸ A apreensão dessa fonte é especial para os propósitos desse texto porque permite a identificação do que mudou na crítica à Marx depois da publicação dos tomos restantes de *Das Kapital*, pois permite a projeção da mutação do argumento de um mesmo autor para a recepção de *Das Kapital*.

²⁹ A associação de Wagner a escola histórica aparece em Schumpeter [1954]. Ela é contestada em Lindenfeld, que insiste na incompatibilidade da metodologia dedutiva, defendida em parte por Wagner, com a abordagem de Schmoller e Brentano. Essa diferenciação teria como resultado inclusive a defesa conspícua de Wagner à Menger no debate deste último com Schmoller (cf. Lindenfeld, 2007, 243-244, 251).

³⁰ A problemática adequação e utilidade da noção de escola para se associar diferentes autores, bem como dos critérios que permitem tal associação é dos assuntos mais polêmicos dentro da história do pensamento. A polêmica ganha contornos dramáticos no caso da *Nationalökonomie* do século XIX. Este trecho usa da noção de escola do pensamento como aproximação de um mapa classificatório que é pressuposto pelos não especialistas da área. De modo geral, esse trabalho adere à seguinte formulação de Tribe quanto ao problema das escolas de pensamento na *Nationalökonomie*, especialmente a questão escola histórica alemã: "The problem thus becomes: is it possible to arrive at a systematic understanding of an object so diffuse as the 'Historical School'? Certainly, this was a label that united the majority of German economists in their self-understanding, but it can be doubted whether direct interrogation of this object would today yield very much more than vague generalisations. By contrast, a more worthwhile exercise would be to emphasise the ever-shifting heterogeneity of economic argument, rather than concentrating attention on 'Schools' and theoretical traditions, adherents to which turn out, on closer inspection, to share little of substance. The pursuit of generalisations at a high level of aggregation hinders, rather than helps, our understanding of the development of economic discourse. Too often effort is devoted to gathering together contemporaries under some convenient label, seeking to minimise or ignore inconvenient differences. A more useful attitude of mind is to accept heterogeneity as a natural, rather than a pathological, condition; we should accept it for the insights that it can give us, rather than seek to abolish it. Such an attitude will also assist our understanding of those forces generating areas of common agreement, as well as points of conflict; not forgetting the equally important areas in which divergence of interest leads to simple mutual indifference. Not only can we then identify sources for the dynamism of economic discourse, it also becomes easier to deal with the fact that no 'School' ever speaks with one voice all the time" (Tribe. 2008, 67-68).

diferenças, é fato que os autores dividiam um ambiente intelectual comum nas universidades alemãs e austríacas, como atestam suas biografias. Böhm-Bawerk fora aluno de Roscher em Leipzig. Seu mentor Carl Menger, dedicara seus princípios de economia política a Roscher. Wagner, por sua vez, fora professor em Viena antes de retornar a Alemanha (*cf.* Schumpeter, 1954, 482-483, 811-812; Kurz, 1994, p.11-12; Curi, 2018, p.99-100, 159-160; Hagelman *et al*, 2010, 72).

1.1.2 Exposição dos excertos

Roscher crítica a contribuição de Marx em seu capítulo sobre o socialismo na história do pensamento econômico germanófono. Embora destaque o amplo conhecimento que Marx possui da literatura, legislação e práticas econômicas na Inglaterra, Roscher crítica as formulações teóricas do autor de *Das Kapital*. Ele argumenta que Marx teve dificuldades de reduzir o fenômeno econômico às suas determinações fundamentais, por ignorar sua natureza psicológica, a qual foi obscurecida por uma interpretação mitológica dos bens físicos. A apologia socialista de Marx teria sua base na velha heresia da distinção entre capitais produtivos e capitais improdutivo, proveniente de uma interpretação errônea de Ricardo, da qual se origina a concepção de que o valor das mercadorias está baseado no trabalho médio necessário à sua produção. Roscher também remete a teoria do capital que se depreende da teoria do valor trabalho de Marx, a ideia de que todo o capital é formado pelo tempo de trabalho que excede o pagamento do custo de subsistência dos trabalhadores. Disso depreende que qualquer reforma proposta a partir da contribuição de Marx teria como primeiro efeito uma grande redução desse tempo excedente de trabalho e, portanto, da produtividade. Por fim, o autor critica a maneira tendenciosa que os socialistas adotam a história em sua formulação teórica, bem como sua visão cosmopolita que ignora as pessoas reais e os estágios da evolução cultural, bem como de sua política, cuja exigência excessiva de igualdade desmoraliza os pobres e provoca situações calamitosas (*cf.* Roscher, 1874, p.1020-1021; Kurs, 1995, p. 14-15).

Wagner toma a teoria do valor de Marx como pedra angular da contribuição de *Das Kapital*, concentrando sua análise nesse aspecto. Ele afirma que, antes de uma teoria do valor pura, a teoria do valor exposta em *Das Kapital*

se assemelharia mais as teorias dos custos de produção, à similitude do que Ricardo propôs nos *Principles*. Marx encontraria no trabalho a substância social comum do valor de troca, reduzindo os custos de produção apenas à produtividade do trabalho. Wagner funda sua crítica na afirmação de que, ao não considerar o capital como formador de valor, Marx deveria provar a possibilidade da execução do processo produtivo sem a atividade dos capitalistas privados, que formam e utilizam o capital³¹. O autor insiste que na ausência dessa prova, deve-se considerar o capital como um elemento constitutivo da produção e sua remuneração como não sendo uma dedução ou um roubo do trabalho, sob pena de se construir uma teoria unidimensional do valor, que não corresponde a formação do valor de troca no comércio atual, nem no Estado Social sugerido por Marx³² (cf. Marx, 1996, 230-234).

Eugen Böhm-Bawerk enquadra a teoria do valor sugerida em *Das Kapital* no grupo das teorias que explicam a remuneração do capital através da hipótese do trabalho não pago, comentando sua contribuição junto daquelas

³¹ As definições de capital de Marx e Wagner são distintas. No primeiro, de maneira sintética, temos duas definições: valor que se valoriza e relação social. No segundo, capital aparece como estoque móvel meios de aquisição, como estoque de bens que rende juros (cf *idem*, p. 230). O conceito de capital de Marx é peculiar e a divergência desse conceito em sua formulação e na de outros economistas é a regra, ao menos nesse período.

³² Nesse trecho do excerto, assim como do de Roscher, está presente a ideia de que Marx propõe uma forma de Estado pós-capitalista como resultado de seu sistema econômico. Tal formulação é rechaçada pelo próprio Marx, que atribui a Albert Schäffle *Quintessenz des Sozialismus* (1874) a construção da ideia do estado social marxiano: "Hence the social state which Herr Schaffle was so kind to 'shape' for me, is transformed into 'the Marxian [social state] (not the 'social state' falsely attributed to Marx in Schaffle's hypothesis)" (Marx, 1996, p.233). A décima edição do texto de Wagner, de 1879, inspirou um manuscrito de Marx em sua própria defesa, material produzido entre 1879-1880, traduzido pela primeira vez em 1930 para o Russo pelo Instituto Marx-Engels da URSS, depois traduzido para o inglês pela revista *Theoretical Practice* em 1972 e reeditado na coletânea *Marx Later Political Writings* de 1996. Utiliza-se dessa última edição enquanto material de apoio devido as transcrições que Marx fez diretamente do texto de Wagner, que nele se encontram traduzidas para o inglês.

Em sua notas, Marx critica a ponto a ponto da formulação que Wagner fez de sua teoria. Ele recorda que o assunto da sua seção é a mercadoria e não o valor em si. O autor de *Das Kapital* expõe que a substância comum do valor de troca das mercadorias é o valor e não o trabalho e que, em sua formulação, o trabalho não é apenas uma medida do valor das mercadorias, diferente do que ocorre no sistema ricardiano. Também argumenta que expôs várias vezes que as mercadorias não são trocadas pelos seus valores, mas por seus preços de produção, diferentes dos primeiros. Portanto, sua teoria do valor não é uma teoria dos custos de produção. Marx também relembra que, em sua teoria, o Capital é constitutivo do processo produtivo, mas apenas no modo capitalista de produção. Wagner estaria supondo que este modo de produção não é transitório, ao considerar que não se pode dispensar o capital do processo produtivo. Também é recuperada a ideia de que o capital não deduz uma parte do produto do trabalho, mas que o primeiro força a produção de mais-valor pelo último. Em *Das Kapital* troca de iguais é compatível com a produção da mais-valia, o que derrubaria a suposição de que a mais-valia é um roubo (cf. Marx, [1880], p.230-234).

escritas por Rodbertus. Böhm-Bawerk diferencia ambos autores a partir da centralidade que a proposição de que o valor de troca dos bens³³ é totalmente regulado pela quantidade de trabalho na argumentação de Marx. Não apenas, o autor reconhece que Marx é um dos únicos a não tomar o princípio de que a quantidade de trabalho regula o trabalho das mercadorias como axioma, o que o diferencia de Smith, Ricardo e Rodbertus (*cf.* Bawerk, [1884], p.368-369; 374-380).

Böhm-Bawerk insiste que Marx poderia provar sua teoria de duas maneiras: a partir da prova (dedução) dos princípios envolvidos em sua afirmação ou a partir da experiência. Marx optaria pelo primeiro. Böhm-Bawerk, então separa os princípios que Marx usa em sua prova. O primeiro diz que se duas mercadorias são trocadas porque há algo comum em ambas que possibilita essa troca. O segundo afirma que este elemento não pode ser o valor de uso. O terceiro fixa que, se valor de uso for deixado de lado, resta apenas um elemento comum entre as mercadorias: o trabalho incorporado nelas. Böhm-Bawerk parte para análise da consistência desses princípios. Ele aceita o primeiro princípio, mas recusa o segundo afirmando que se trata de uma colocação que só pode ser aceita a partir de uma falácia grosseira. Marx cometeria o erro de confundir a abstração do gênero em si, o valor de uso, com a abstração das formas em que esse gênero aparece. Numa troca as formas especiais segundo as quais o valor de uso aparece, como um sapato, uma pá, um alimento, realmente são abstraídas, o que não significa que o valor de uso em si, a utilidade, seja desconsiderada. Em relação a terceira afirmação, Böhm-Bawerk sustenta que ela só se mantém sustentada em falácias piores. Böhm-Bawerk crítica a demonstração de que o trabalho é o único princípio a partir do qual se produzem mercadorias. Ele argumenta que o procedimento de prova negativa, baseado em outros princípios, poderia justificar outras possíveis fontes do valor, como a natureza. Essas fontes, num lance retórico, seriam excluídas arbitrariamente por Marx (*cf. idem*, p. 380-383).

Nas páginas seguintes, Böhm-Bawerk dá um salto em sua argumentação, abandonando a análise dos princípios que sustentam a teoria do

³³ Neste texto, ainda não há uma clara distinção entre bens e mercadorias. Como apresentado a seguir, ela aparece em *Zum Abschluss des Marxschen Systems*.

valor em Marx, passa a análise de casos empíricos. O autor enumera os casos em que as mercadorias não são trocadas pelos seus valores, de modo a mostrar quão restrita é a teoria do valor trabalho na explicação das trocas. O primeiro caso, que a teoria de Ricardo comporta, é o dos bens escassos e não reprodutíveis como obras raras e vinhos de alta qualidade. O preço de tais bens é determinado por sua escassez. Todos os bens que são produzidos por trabalho qualificado compõem uma segunda classe de bens cujo valor não é explicado pelo trabalho. Bawerk afirma que, no caso do trabalho qualificado, Marx já estaria levando em conta o seu caráter, ao considerar que o trabalho composto é redutível ao trabalho simples, violando seu próprio pressuposto de que apenas o tempo de trabalho explica o valor das mercadorias. Um terceiro caso seria o dos bens produzidos em setores em que o trabalho é mal remunerado, tendo seus custos menores que o do valor. Assim, Böhm-Bawerk chega na conclusão de que os únicos bens que podem ser produzidos de acordo com a lei do valor trabalho, são aqueles que não possuem limitação natural e não necessitam de trabalho qualificado para serem produzidos. Porém, para o autor, mesmo estes bens se desviam do valor. Primeiramente porque há um efeito da oferta e da demanda que faz com que os preços coincidam somente as vezes com os valores. Böhm-Bawerk questiona a visão de que o valor é apenas um ponto em relação ao qual gravitam os preços, argumentando que os desvios são regra o que pode mostrar outros fatores de influência de importância igual ao trabalho. Por fim, Böhm-Bawerk lembra do problema na teoria de Ricardo em que mercadorias com o mesmo custo social em trabalho apresentam valores de troca diferentes se em uma houver mais trabalho pretérito que em outra. Assim, a quantidade de trabalho dispendido na produção da mercadoria não determina o valor das mercadorias em todos os casos e, mesmo nos casos em que determina, não o faz sempre. A conclusão de Böhm-Bawerk é de que a quantidade de trabalho não é a causa final do valor das mercadorias, mas antes disso uma causa intermediária e que os socialistas ricardianos erram exatamente ao forçar uma leitura de Ricardo que a torna o princípio único e essencial que norteiam o valor. Ao fim, Böhm-Bawerk retoma a crítica dos elementos comuns a formulação de Rodberthus. Marx ignoraria o aspecto do tempo de remuneração em sua consideração. Para ele não faz diferença se o trabalhador receberá agora o valor da sua produção ou receberá depois.

Também ignoraria as relações entre apropriação da natureza e renda. Por fim, ao diferenciar capital variável e constante, afirmando que só o primeiro cria valor, vai contra o fato de que os lucros devem ser calculados em proporção direta a todo o capital e não a apenas uma parte dele. Böhm-Bawerk lembra que Marx prometeu resolver essa questão no futuro, mas dúvida da elaboração de uma solução consistente (*cf. idem*, p. 383-388).

1.1.3 Análise e conclusões

Algumas conclusões parciais podem ser retiradas da reconstituição dos comentários dos 3 economistas germanófonos sobre o livro I. A primeira, a qual se infere a partir da caracterização das fontes, consiste em que os comentários indicam um grau razoável de disseminação da obra de Marx na economia acadêmica germanófona entre meados da década de 70 e meados da década de 80 do século XIX. Uma segunda conclusão é a de que os autores compartilham um foco de análise na crítica de Marx: a teoria do valor de Marx. Em todos os autores predomina³⁴ a análise da teoria do valor de Marx enquanto uma teoria explicativa dos preços relativos e, portanto, das trocas, a partir de um único custo de produção, o trabalho. Os autores compartilham, quanto a esse tópico, a crítica a desconsideração dos fatores psicológicos enquanto determinantes do fenômeno econômico e, conseqüentemente, do valor enquanto ponto de partida dos preços relativos das mercadorias. Roscher funda sua crítica nessa desconsideração. Wagner, ao supor que a teoria do valor de Marx não é uma teoria pura, mas apenas uma teoria dos custos de produção, esta destacando o mesmo ponto. O seu suposto é que uma teoria pura do valor levaria em consideração o valor de uso, determinado a partir da relação entre

³⁴ No início de seu texto Böhm-Bawerk destoa dessa visão dos dois primeiros autores. Primeiramente porque reconhece que a teoria do valor não é uma teoria dos custos de produção. Em segundo lugar porque reconhece as afirmações de Marx sobre a não coincidência entre valores e preços. Em terceiro, porque reconhece a diferença entre Marx e os demais defensores da teoria do valor está no fato que Marx deduz a teoria do valor, tenta prová-la, não a tomando como um axioma. Böhm-Bawerk inicia seu argumento com uma crítica à dedução de Marx que respeita todos esses pressupostos. Porém, no meio do seu argumento, Böhm-Bawerk abandona-a, passando a descrever os casos onde não apenas o trabalho determina o valor das mercadorias. Os pressupostos que Bawerk reconheceu na formulação de Marx também são descartados nesse momento do argumento. O trabalho passa a ser tratado enquanto um custo de produção, os valores são concebidos como sinônimos dos preços e a lógica dedutiva da prova da teoria de Marx é abandonada em prol de um teste empírico. A duplicidade da elaboração de Bawerk aponta limitações que o procedimento de crítica interna possuía àquela época, por escassez de material em que a formulação de Marx estivesse completa.

que os homens estabelecem com os bens econômicos em busca da satisfação de suas necessidades (cf. Marx, 1996, 232-235). Böhm-Bawerk destaca pontos similares ao questionar o procedimento pelo qual Marx exclui o valor de uso enquanto uma das causas do valor, bem como quando lista os casos em que a utilidade determina os preços mercadorias³⁵. Um terceiro ponto de questionamento à teoria do valor baseado no trabalho incorporado às mercadorias é extraído de suas decorrências para a teoria do capital. Pela teoria do valor trabalho, o capital não gera rendimentos, apenas absorve os rendimentos produzidos pelo valor³⁶. Os dois primeiros autores supõem que esse pressuposto implica a nulidade do papel do capital para Marx no processo de produção. Wagner insiste que a afirmação de que o capital não gera valor só se justifica se sua funcionalidade no processo produtivo for nula. Roscher, na mesma linha, afirma que Marx desconsidera o papel do capital para a produtividade ao desconsiderá-lo como fonte do valor³⁷. Já Böhm-Bawerk, a partir do esquema de sua longa apreensão das teorias do capital, classifica a teoria do capital de *Das Kapital* enquanto uma das teorias que explicam a remuneração do capital a partir da exploração do trabalho, grupo em que, segundo sua apreciação, se encontram as formulações mais frágeis dentre acerca da origem dos rendimentos do capital (cf. Böhm-Bawerk, [1884], p.387-388).

Aparte a seleção heterogênea das fontes ao que atribuir a recorrência na forma como estas criticam a teoria do valor de Marx? Uma resposta coerente é sugerida a partir da caracterização do que há de consenso no discurso da *Nationalökonomie* naquele período. Tribu a esboça:

Indeed, if one were to identify a specifically German trait in economic writing in mid-century, it would not be the provenance

³⁵ No texto de Wagner a crítica direta a Marx não aparece, embora ele formule os princípios de uma teoria do valor baseada na utilidade. Esta também foi analisada em Marx (1996).

³⁶ Essa interpretação remete a uma teoria dos fatores de produção. Capital, Trabalho e Terra entram como elementos a serem combinados na produção. Esses 3 elementos seriam remunerados pelos seus serviços no processo produção, originando salário, renda e lucros, pensados como custos de produção. Há uma controvérsia sobre o sentido dessa formulação na obra de Smith, a conhecida controvérsia das teorias do valor. Fato é que Say em seu *Traité d'économie politique* a desdobra na teoria da remuneração dos serviços de fatores de produção, a qual é absorvida pelo pensamento germanófono.

³⁷ Marx rebate a crítica de Wagner, diferenciando a importância do capital no processo produtivo da sua propriedade de gerar valor (cf. Marx, 1996, p.232).

of a historical method in economic writing, but rather this universally accepted conception that the point of departure for the consideration of economic life was the human being and its needs. The existence of such human needs and wants generated a realm of economic activity in which these needs were satisfied. The exchanges that occurred in this realm were summarized in the all-embracing topos of Verkehr - communication, commerce, social intercourse, traffic, exchange. Economic man was here conceived as der verkehrende Mensch. Verkehr is the axiom that unites studies of telegraphs, railways, stock exchanges, banks, and trade with a conception of the marketplace as a location at which the activities of individuals transmuted into an ordered economic whole (Tribe, 2007, 72-73)

É necessário um retorno ao discurso econômico germanófono anterior à consolidação do conceito de *Nationalökonomie* para se compreender as bases do consenso criado em torno do conceito de necessidades e do recorte dos fenômenos econômicos que se constrói a partir dele. Até o início do século XIX os temas que se compreendem hoje enquanto temas econômicos eram tratados dentro do paradigma mais amplo da *Kameralwissenschaften* (Ciências Camerais)³⁸. As ciências camerais operavam com dois pressupostos quanto a

³⁸ Em meados do século XVIII o léxico *Kameralwissenschaft(en)* tinha adquiria dois sentidos principais. Num sentido mais estrito, ela se aproxima das finanças públicas, a administração do orçamento do príncipe. Essa administração era função da *Kamer* e dos oficiais que trabalhavam nela. Num sentido mais amplo o termo diz respeito às ciências úteis para a formação de administradores públicos nos territórios germanófonos no século XVIII. A primeira cátedra dessa área do conhecimento foi fundada em 1727 pelo rei Friedrich Wilhem na Universidade de Halle de modo a auxiliar na formação dos estudantes de direito para funções na burocracia do Sacro Império Romano-Germânico. As *Kameralwissenschaften* englobavam áreas herdadas do conhecimento escolástico e temas relacionados ao governo do príncipe que eram condensados em 3 principais áreas: a *Ökonomie*, a *Politik* e *Polizei*. Essas ciências reuniam, no meio e fim do século XVIII, algumas características que davam peculiaridade à sua análise da realidade social. A primeira consistia no fato de que elas se inspiravam na proposta de científica e metodológica sintetizada por Linnaeus em sua concepção de História Natural. Esse modelo que concebe os campos do natural e social enquanto distintas gradações do ser que tendem ao equilíbrio, se concentrando em procedimentos descritivos e classificatórios aplicados à descrição de ambos campos e da sua interconexão. Um exemplo clássico do desenvolvimento desse tipo de abordagem da economia é a divisão das atividades econômicas nos campos da agricultura, manufatura e comércio. O pressuposto dessa divisão é exatamente que cada um desses campos delimita relações distintas entre homem e natureza. Era a partir dessa abordagem notadamente estática que a *Oekonomie* se estruturava no século XVIII. Uma segunda característica consiste em que as *Kameralwissenschaften* representavam a realidade social a partir da visão do Estado. Esse aspecto se expressa na centralidade que os conceitos de coesão social e equilíbrio têm

relação entre Estado e Sociedade. Elas não possuíam uma formulação da natureza humana ou constructo similar que possibilitasse uma teoria de movimento da sociedade civil em separado do Estado. A ação humana aparece assim como definida pelo Estado, o qual é responsável por gerar o bem-estar, o equilíbrio e a coesão social. O segundo é o pressuposto do estamento, ou seja, de que a posição social de cada pessoa é determinada pelo nascimento e pela opção entre a vida eclesiástica e a temporal. As *Kameralwissenschaften* operam assim ainda segundos os princípios do mundo moderno. Os Ares da *dupla revolução* que marca a transição da Era Moderna para a Era das Revoluções atingem a sociedade alemã e as *Kameralwissenschaften*, realizando uma revolução copernicana no campo, em fins do século XVIII³⁹. A absorção dos escritos de Smith, Kant, bem como a proposição do código cível alemão por von Humboldt, marcam o abandono de uma representação mecânica do Estado, onde este gera a ordem social, e a noção de uma ordem social estática baseada em estamentos. Eles são substituídos pela construção de uma teoria social fundamentada em hipóteses sobre o comportamento do homem, que o concebe enquanto um sujeito autônomo que apenas é restrito pelas forças impessoais do mercado e da lei, o que permitem designar um movimento próprio à sociedade civil. Para isso se libera o homem do pressuposto estático dos estamentos, que passa a ser substituído por um de homem genérico, sujeito universal calculador (cf. Tribe, 1988, p.149-158, 208-209)

O conceito de *Berdüfnis* (necessidades) aparece em contribuições das *Kameralwissenschaften* durante boa a última metade do século XVIII como base noção ideia de bem-estar econômico. No início desse período, tal conceito ainda é operado em um paradigma da antiga lei natural, que discerne o homem e, portanto, suas necessidades, segundo o estamento do qual ele faz parte. De acordo com que os efeitos da dupla revolução sob o campo das

nas formulações das *Kameralwissenschaften*, bem como no papel fundamental legado ao Estado para a obtenção de ambos. Os tópicos econômicos conectados a gestão do Estado, não eram tratados na *Oekonomie*, mas no campo da *Polizei* onde se combinavam com os demais problemas práticos ligados à gestão interna do Estado (cf. Lindenfeld, 2007, p. 14-19, 28-33).

³⁹ Uma análise mais profunda que interligue A Dupla Revolução e o iluminismo, bem como as repercussões de ambos na Alemanha está fora do escopo desse trabalho. Um tratamento mais detalhado do movimento geral da dupla Revolução, bem como de suas imbricações com o iluminismo, encontra-se em Hobsbawn (2009). Um tratamento análogo para o caso germanófono encontra-se em Blackbourn & Elley (1984) e Blackbourn (2001).

Kameralwissenschaften, ele passa a designar, dentro de um conjunto de esferas de ação desse sujeito universal, o âmbito da ação econômica. Na contribuição de 1894 Jung-Stillung o conceito de necessidades aparece como delimitador dos objetos de estudo da *Ökonomie*, nomeada enquanto *Gewerbwissenschaften* (Ciências da Indústria), e da *Polizei*. O objeto da *Gewerbwissenschaften* diz respeito à aquisição dos meios naturais para a satisfação das necessidades, enquanto o recorte da *Polizei* é definido como o da legislação, cujo objeto é a satisfação das necessidades individuais e a obtenção do bem-estar geral. A partir de então, o conceito de *Berdüfnis* torna-se indissociável da forma como essa nova representação da sociedade delimita as concepções de agente econômico, ação econômica e o recorte do objeto da economia. A definição da ação econômica e do recorte da economia terá seu ponto de partida na interação indivíduos auto interessados em busca da satisfação de suas necessidades nas contribuições dos intelectuais mais representativos da *Nationalökonomie* no século XIX como Roscher, Stein, Schmoller e Menger, a parte as diferenças de opção metodológica e as diferenças geracionais. O Verkehr (interstício) não é nada mais que o *topos* onde ocorre a ação econômica e os fenômenos econômicos (cf. Tribe, 1988, p.151-152, 155-156,160; Tribe, 2008, p.70-74,78-79; Lindenfeld, 2007, p. 34-36).

O essencial dessa digressão para os propósitos dessa análise consiste no fato de as novas concepções de ação econômica e sujeito econômico, estabelecidas a partir do significado e do uso específicos que o conceito de necessidades adquire no fim do século XVIII, implicam uma abordagem dos fenômenos econômicos em que predomina as dimensões psicológica e subjetiva, o que molda o tratamento dos temas clássicos da análise econômica, inclusive o do valor. Ainda assim, persistem elementos da abordagem descritiva, classificatória e estática das *Kameralwissenschaften*, que se combinam com as dimensões resumidas no conceito de necessidades. Essa persistência não apenas molda o tratamento do tema do valor, como lega uma importância secundária a este, quando comparado à importância que ele adquire nas abordagens francesa e inglesa dos fenômenos econômicos, fato que não impede a formulação de um pensamento particular sobre o problema.

Ela aparece a partir da recepção crítica dos economistas ingleses e franceses. Nos fins do século XVIII, o ponto de partida comum dos autores germanófonos é a negação de abordagens monocausais do valor, tanto na contribuição da Fisiocracia, quanto na da Economia Política Inglesa. No decorrer do século XIX, ela vai adquirindo novos nuances. Sartorius crítica Smith, por esse desconsiderar o valor de uso, além das condições geográficas, históricas e sociais, enquanto determinantes do valor. À obra de Lotz *Revision der Grundbegriffe* (Revisão dos Conceitos Básicos da Teoria Econômica), de 1811, é atribuída a fixação dos termos que o discurso econômico alemão dá ao problema dos valores e preços no século XIX. Baseando-se num trabalho anterior de Soden, Lotz associa o valor à ao estabelecimento de taxas de troca entre os bens, diferenciando-o do preço, que corresponde à massa de bens efetivamente transacionados⁴⁰. As trocas são definidas, assim, pelos fatores da oferta, da demanda, além de uma série de fatores subjetivos como a valoração de ambas as partes da dificuldade de obtenção do bem e dos motivos que levam o lado oposto a troca. Numa publicação de 1832, Hermann considera as determinantes da demanda no mais importantes que aquelas da oferta para a determinação do valor e dos preços relativos, em franca crítica ao papel diminuído dado a demanda por Ricardo. O autor chega a essa conclusão por considerar, dentre outros fatores, os efeitos da substitubilidade dos bens, os cálculos que os consumidores fazem em trocar um bem pelo outro, fundamentais para determinação do valor e preço das mercadorias (cf. Lindenfeld, 2007, p. 85-89, 124-126).

Quando Böhm-Bawerk anuncia que aquele era um tema que já fora atravessado muitas vezes por outros intelectuais e relata sua pouca esperança em trazer algum elemento novo ao debate, está referindo exatamente a essas contribuições. Soden e Lotz são mencionados nominalmente um pouco antes no texto, no início da seção sobre a questão do valor, como autores que rivalizaram com a perspectiva de Ricardo acerca dos valores e preços, referências de Böhm-Bawerk na abordagem desse problema (cf. Böhm-Bawerk, [1884], p.316; 375). Essa menção sublinha um ponto fundamental nas abordagens. Quando

⁴⁰ Essa distinção entre valor e preço persiste ao menos nos autores da escola austríaca, como Böhm-Bawerk. Esta definição é distinta àquela estabelecida em *Das Kapital*.

Roscher, Wagner e Böhm-Bawerk criticam a teoria do valor de Marx e suas consequências, eles não o fazem considerando tal assunto em si uma questão nova, mas como a continuação de um debate que fora travado na crítica das formulações de Ricardo e, em parte, de Smith. Os autores tomam a crítica as formulações de Ricardo, já consolidada na literatura alemã há décadas, como base suficiente para a crítica da contribuição de Marx.

Para que se compreenda a oposição entre a abordagem da *Nationalökonomie* e aquela de Marx, bem como o papel de Ricardo nesse debate, faz-se necessário um retorno ao tema das necessidades na obra marxiana. Ele aparece especialmente nos primeiros contatos de Marx com a economia política, sintetizados nos manuscritos *Ökonomisch-philosophischen Manuskripte aus dem Jahre 1844* e *Die deutsche Ideologie*⁴¹. O ponto de partida de Marx nos manuscritos de 1844 é a crítica disciplina da *Nationalökonomie*⁴², cujo o ponto central é a forma como ela abstrai a propriedade privada de sua análise. Para Marx, a *Nationalökonomie* abstrairia suas leis da propriedade privada, embora não tornasse isso explícito. A consequência seria a fuga do fundamento de sua análise e da origem de suas categorias, que seriam representadas como elementos fortuitos estabelecidos fora do que é próprio à análise econômica. O ponto de partida de Marx para a sua crítica da *Nationalökonomie* é a expressão do que ele nomeia enquanto fatos econômicos contemporâneos, resumida em 3 contraposições: Quanto maior a riqueza produzida pelo trabalhador, mais miserável ele é; o trabalhador se torna mais barato de acordo com que cria mais riqueza; de acordo com que o mundo das coisas se valoriza, o mundo dos homens se desvaloriza. Desses fatos, Marx desdobra o diagnóstico da alienação do trabalhador enquanto condição social contemporânea. As coisas produzidas pelo homem, concebidas como objetificações dele mesmo, aparecem-lhe como algo estranho, que tem um poder independente a ele. Desse modo, a efetivação do trabalho aparecia como desefetivação do trabalhador, como perda do objeto e como submissão

⁴¹ Que não foram publicados até a terceira década do século XX, não sendo de conhecimento dos autores da *Nationalökonomie*.

⁴² Marx usa o léxico *Nationalökonomie* na maior parte das vezes em que se refere a disciplina da economia acadêmica. O autor não o usa apenas para se referir a disciplina na Alemanha, no sentido que foi adotado por esse texto, mas para toda a disciplina da economia. Marx fala, por exemplo em, em *Nationalökonomie* francesa e inglesa.

a ele. Essa relação de alienação originaria a propriedade privada. Do ponto de vista de Marx, a *Nationalökonomie* ocultaria essa relação de estranhamento e de alienação ao ignorar a relação imediata do trabalhador com o produto de seu trabalho⁴³. Desdobramentos fundamentais dessa crítica de Marx à *Nationalökonomie* abarcam a temática das necessidades. Para Marx, a *Nationalökonomie* reduziria as carências do trabalhador a meras necessidades, que são o mínimo necessário para a sua reprodução, de modo que o salário pode ser aproximado à conservação do trabalhador. A sua abordagem das necessidades também negaria a oposição entre as necessidades dos ricos, os luxos, e as necessidades dos pobres. O paradigma das necessidades partiria do homem rico como sujeito, ignorando uma série de figuras marginais como o trabalhador, o desempregado, o bandido, etc. O uso do conceito de necessidades pela *Nationalökonomie* também mascararia o sentido invertido que este adquire com a propriedade. A polarização que a propriedade privada cria, faz com que o homem tente inculcar a necessidade no outro, de forma a dominá-lo, e não a resolvê-la. Por fim, o dinheiro instituiria a abstração da riqueza e o cálculo, de modo que a necessidade é reduzida a necessidade de dinheiro. Dada a contínua expansão dos produtos do homem e a existência do dinheiro, o homem passaria então a se tornar escravo calculista desses desejos (cf. Marx, [1844], p.79-85, 111-112, 139-141).

Se depreende do trecho que o conceito de necessidade não é negado por Marx, mas reinterpretado. A formulação de Marx se opõe ao rebaixamento das necessidades pela sociedade moderna, fruto do estranhamento, da alienação e da propriedade privada. Seu ponto é que a satisfação das necessidades, em seu sentido substantivo, é negada pela sociedade contemporânea⁴⁴. A *Nationalökonomie* falharia ao representar essa sociedade como uma sociedade já emancipada, em que os sujeitos podem satisfazer de fato suas necessidades e carências. Ao fazê-lo toma um ponto de vista, o dos

⁴³ Desse ponto de vista já é possível depreender uma crítica de Marx a que vale para *Nationalökonomie* germanófono: seu ponto de vista parte da produção e da relação do trabalhador com o produto e não de um sujeito universal pela satisfação de suas necessidades.

⁴⁴ Essa abordagem é corroborada em *Die deutsche Ideologie* onde Marx classifica como primeiro ato histórico o ato da produção com vistas a satisfação das necessidades. Nesse sentido a satisfação das necessidades é objetivo fundamental da produção, desde que se iniciou história (cf. Marx, [1845], p.32-33).

proprietários, como ponto de partida geral para a análise da sociedade. Depreende-se que, para a formulação de uma teoria que leve em conta o rebaixamento e a negação da satisfação das necessidades na sociedade, a busca pela satisfação não pode ser a mola propulsora da ação do homem, mas uma expressão de que a propriedade privada que constrange os sujeitos, que os escraviza e empobrece. O ponto para Marx então é como tratar dos fenômenos da sociedade contemporânea a partir desse seu caráter negativo, o que rejeita não apenas o sujeito da *Nationalökonomie*, mas também o fato desse ser o ponto de partida da análise. Sua análise tende, portanto, ao objetivismo. A sua preocupação também se difere dos demais autores da *Nationalökonomie* por partir da produção da riqueza, para então pensar a alocação dessa, e não diretamente da alocação. Nesses pontos sua perspectiva de análise se diferencia daquela que foi atribuída à *Nationalökonomie* acima, o que terá repercussões em seu tratamento da teoria do valor.

É na busca da sua própria perspectiva de análise que Marx se aproxima contribuição de Ricardo. Marx considera que, a parte as falhas da *Nationalökonomie*, alguns autores se aproximaram da representação dos fenômenos econômicos que ele almeja. David Ricardo seria o principal. Já nos manuscritos de 1844 Marx reconhece Ricardo e Mill como superiores a Smith e Say, por considerarem que o objetivo da produção é a acumulação de capital e não a satisfação das necessidades (cf. idem Marx, [1844], p. 92-93). Em suas *Theorie der Mehrwert* Marx reconhece Ricardo como o autor que chegou mais próximo ao que considera o nexo interno do capital “o fundamento, o ponto de partida do sistema burguês – da concepção de seu nexo orgânico interno e de seu processo vital – é a determinação do valor pelo tempo de trabalho” (Marx *apud* Grespan, p. 63). Já em *Kritik der Politischen Ökonomie*, de 1858, Marx partiria da teoria do valor de Ricardo, de sua concepção que é o trabalho contido nas mercadorias determina seu valor de troca, também da ideia que o valor-de-uso não participa dessa determinação⁴⁵. A aproximação que a *Nationalökonomie* faz de Marx em relação a Ricardo é correta na medida em que o último capta a importância legada pelo primeiro ao último. Porém é incorreta na medida que

⁴⁵ Trata-se exatamente de uma representação da prevalência da acumulação sobre as necessidades. Para um tratamento mais profundo deste tema ver Rubin (2017).

ignora a proposta superação da economia ricardiana, já esboçada em *Kritik der Politischen Ökonomie*.

Num trecho conciso, Marx resume as críticas e polêmicas suscitadas pelo trabalho de Ricardo:

Como Ricardo, ao dar sua forma acabada à Economia, foi o que mais claramente formulou e desenvolveu a determinação do valor de troca pelo tempo de trabalho, é natural que sobre ele se tenha concentrado a polêmica dos economistas. Despojando-a de sua forma, amiúde inepta, pode-se resumir essa polêmica nos seguintes pontos:

1° - o próprio trabalho tem um valor de troca, e trabalhos diferentes têm distintos valores de troca. Fazer do valor de troca a medida de si mesmo é um círculo vicioso, pois o valor de troca que serve para medir necessitará, por sua vez, de uma medida. Essa objeção se resolve no problema: dado o tempo de trabalho como medida imanente do valor de troca, desenvolver o salário operário sobre essa base;

2° - se o valor de troca de um produto é igual ao tempo que contém, o valor de troca de um dia de trabalho é igual a seu produto. Ou o salário de trabalho deve ser igual ao produto do trabalho. Mas o caso é que sucede o contrário. Ergo [logo, portanto – latim] essa objeção é que sucede o contrário. Ergo [logo, portanto – latim] essa objeção se resolve no problema: como é que a produção, sobre a base do valor resolve-se no problema: como é que a produção, sobre a base do valor de troca criado pelo único tempo de trabalho, conduz ao resultado de que o valor de troca do trabalho é menor que o valor de troca de seu produto? Resolveremos esse problema no estudo do capital;

3° - os preços de venda das mercadorias baixam ou sobem de acordo com seu valor de troca conforme a relação variável da oferta e da procura. E precisamente por isso que o valor de troca das mercadorias é determinado pela relação entre a oferta e a procura e não pelo tempo de trabalho nelas contido. Essa conclusão singular não faz mais que renovar a pergunta: como é que sobre a base do valor de troca se desenvolve um preço de venda distinto de dito valor? Ou, mais exatamente: como é que a lei do valor de troca não se realiza senão em prejuízo próprio? Esse problema está resolvido na teoria da concorrência;

4° – a última contradição, a mais surpreendente na aparência, quando não é exposta, como é corrente, em forma de exemplos raros, é a seguinte: se o valor de troca não é outra coisa que o tempo de trabalho contido em uma mercadoria como podem possuir valor de troca as mercadorias que não contêm trabalho? Ou, em outros termos: de onde provém o valor de troca das simples forças da natureza? Esse problema se acha resolvido na teoria da renda fundiária. (Marx, [1859], p.91-92)

Ao expor as polêmicas da formulação de David Ricardo, pensada como consciência limite da Economia, Marx resume os problemas que tentará superar nas formulações da categoria valor, da mercadoria força de trabalho, da teoria dos preços de mercado e da renda, respectivamente. As duas primeiras questões já têm respostas esboçadas no livro de 59 e no primeiro tomo de *Das Kapital*. Em nenhum dos textos acima resumidos, os autores identificam na contribuição de Marx a formulação da categoria valor e da mercadoria força de trabalho enquanto avanços em relação à formulação de Ricardo. Quem mais se aproxima de reconhecer algum ineditismo no tratamento da teoria do valor é Böhm-Bawerk, que reconhece em *Das Kapital* uma dedução lógica da teoria do valor que está ausente nas contribuições de Smith, Ricardo e Rodberthus. A resolução da terceira e da quarta questão, bem como o complemento da resposta a primeira, prometidas para os tomos seguintes, também são predominantemente ignoradas⁴⁶. Somente Böhm-Bawerk toma nota que Marx não entendia que os preços são apenas formados pela parte variável do capital, o trabalho, mas que também por sua parte constante, os meios de produção, e que a solução para a tensão entre essa teoria do preço e a teoria do valor estava prometida para o terceiro volume de *Das Kapital*. Porém, em sua análise, o autor ignora esse aspecto, e passa a realizar a mesma aproximação das demais contribuições⁴⁷. Esse movimento se dá quando o autor austríaco abandona a crítica da dedução da teoria do valor por Marx e passa à crítica do escopo empírico da teoria do valor trabalho. Quando o faz, Böhm-Bawerk passa a tomar como dado que o objetivo de Marx é explicar os preços relativos diretamente a partir dos valores, à similitude de Ricardo. Também toma que para Marx, como para Ricardo, os preços de mercado flutuam em torno dos valores. Ambas questões vão na contramão do que está indicado no livro I, que os preços

⁴⁶ No primeiro tomo, Marx afirma que está excluída a teoria da concorrência capitalista, a qual só pode ser compreendida após a investigação nexa interna do capital, presente naquele livro. Para o terceiro tomo são prometidas a discussão dos preços, da importância do capital total, da diferenciação da taxa de mais-valia da taxa de lucro, da das formas modificadas da mais-valia, renda inclusa.

⁴⁷ "But in this Marx, like Rodberthus before him, falls into a contradiction with facts; for facts show, on the contrary, that, under working of the law of assimilation of profits, the amount of surplus value obtained stands, over the whole field, in direct proportion to the amount of the total capital – variable and constant together- that has been expended. It is singular that Marx himself became aware of the fact that there was a contradiction here, and found it necessary for the sake of his solution to promise to deal with it later on. But the promise was never kept, and indeed could not be kept" (Böhm-Bawerk, [1884], p. 390).

médios, aqueles preços em que orbitam os preços de mercado determinados pela oferta e demanda, não coincidem com os valores⁴⁸. Essa formulação de um preço médio distinto do valor, possivelmente seria um dos passos para a crítica a teoria de “On the Value”, que Marx prometera completar nos livros III e IV de *Das Kapital*⁴⁹. Tal constatação é comum às formulações de Roscher e Wagner⁵⁰.

O que se segue é a descrição de como a recepção da obra de Marx vai se modificando de acordo com que se anuncia a publicação dos volumes restantes de *Das Kapital*, e com eles as respostas as questões já esboçadas em *Kritik der Politischen Ökonomie*. Engels será a figura nessa revolução copernicana acerca da Crítica a Economia Política marxiana. As especificidades da *Crítica à Economia Política* serão melhor sublinhadas, de modo que as sombras de Ricardo e Rodberthus se projetarão menos sobre *Das Kapital*. Não será mais possível mais associar a trabalho socialmente necessário como determinante único dos preços relativos. A distinção de dois níveis de análise, um que se refere a produção da mais-valia, e outro que diz respeito à sua repartição em formas concretas será sublinhada. Enfim, a especificidade da

⁴⁸ A partir da presente investigação, o leitor pode compreender que o que está em questão é o seguinte: a formação do capital tem de ser possível mesmo que o preço e o valor de uma mercadoria sejam iguais. Sua formação não pode ser atribuída a um desvio do preço em relação ao valor das mercadorias. Se o preço realmente difere do valor, é preciso, antes de tudo, reduzir o primeiro ao último, isto é, considerar a diferença como acidental a fim de poder observar em sua pureza o fenômeno da formação do capital sobre a base da troca de mercadorias, sem que essa observação seja perturbada por circunstâncias secundárias ao processo propriamente dito. Sabe-se, além disso, que essa redução não é de modo algum um mero procedimento científico. As constantes oscilações dos preços de mercado, suas altas e baixas, compensam umas às outras, anulam-se mutuamente e se reduzem a um preço médio, que funciona como seu regulador interno. Tal preço médio é a estrela-guia, por exemplo, do mercador ou do industrial em todo empreendimento que abrange um período de tempo mais longo. Ele sabe, assim, que, no longo prazo, as mercadorias não serão vendidas nem abaixo, nem acima, mas pelo seu preço médio. Se o pensamento desinteressado fosse seu interesse, ele teria de elaborar o problema da formação do capital do seguinte modo: como pode o capital surgir quando se considera que a regulação dos preços se dá por meio do preço médio, isto é, em última instância, pelo valor da mercadoria? Digo “em última instância” porque os preços médios não coincidem diretamente com os valores das mercadorias, ao contrário do que creem Smith, Ricardo etc” (Marx, [1867], p.241).

⁴⁹ “A insuficiência da análise ricardiana da grandeza de valor – e ela é a melhor de todas – será evidenciada no terceiro e quarto livros desta obra”. (Marx, [1867], p.241)

⁵⁰ A crítica a a-historicidade das categorias da economia política, à fetichização que está faz dos aspectos sociais, também passam ao largo dos textos analisados críticas retratadas. Temas mais distantes dos economistas, como a inspiração hegeliana da forma de exposição, a crítica metodológica à Hegel e a noção de uma teoria da história também estão ausentes. Tais ausências não são condicionadas pelo material disponível a época, o que é provado pelo tratamento, ainda incipiente, dessas questões em outros comentários com os de Ilarion Kaufmman, Joseph Dietzen e Nicolai Sieber. Para os comentários do próprio Marx sobre esses autores ver o prefácio à segunda edição alemã de *Das Kapital*.

contribuição marxiana passa a ser reconhecida. O debate da conclusão do sistema marxiano é fundamental é o episódio fundamental no qual ocorre essa mutação na compreensão do discurso da *Nationalökonomie* acerca da contribuição de Marx em *Das Kapital*.

1.2 Da emergência do debate da conclusão do sistema marxiano à publicação do volume III de *Das Kapital* (1885-1894)

1.2.1 Engels contra Rodberthus: A polêmica da autoria da teoria do valor, os prefácios de 1885 e a “Prize Essay Competition”

Nos anos posteriores a segunda metade da década de 1880 a atividade de Friederich Engels⁵¹ enquanto comentador e editor das obras de Marx foi fundamental para sublinhar alguns aspectos ainda não explicitados da crítica marxiana ao paradigma ricardiano, aspectos que já esboçados em *Kritik der Politischen Ökonomie* e no volume I de *Das Kapital*. Sua intervenção a partir da publicação nova edição Alemã de *Misère de la philosophie*⁵² e do segundo volume de *Das Kapital*, que delimitará os termos do *debate da conclusão do sistema marxiano*. Ela não surgiria como uma resposta direta as críticas dos economistas de cátedra tratados na secção anterior, mas em debates dentro do próprio campo dos herdeiros socialistas da Economia Política Clássica. Na década de 1870 Johan Karl von Rodberthus, Rudolf Meyer e T. Kozak, dentre outros seguidores do primeiro, acusaram Marx de plagiar a formulação da teoria da mais-valia de dois livros de Rodberthus: *Zur Erkenntniß unserer staatswirtschaftlichen Zustände* (1842) e *Sozialen Briele an von Kirchmann* (1858/1859).

Rodberthus era, assim como Marx, um egresso da universidade alemã. Havia estudado direito e economia em Göttingen, Berlim e Heidelberg. Tornara-se posteriormente oficial na justiça prussiana, cargo que deixa de exercer pouco antes adquirir terras. Em 1848 foi eleito para a assembleia nacional da Prússia, estabelecendo-se como político da centro-esquerda. O autor entendia o capitalismo como um estágio transitório na história da humanidade, formulando a proposta de um socialismo de Estado como

⁵¹ Engels fora indicado por Marx, antes de sua morte, como curador e editor de suas obras. Sobre as polêmicas acerca das edições de Engels do livro II e, especialmente, o livro III ver Moseley (2015a).

⁵² O título original desse prefácio é “Marx und Rodberthus” (cf. Engels, [1885a], p. 163).

alternativa à Revolução. Ainda assim, entendia que no capitalismo o Estado pode remediar os males econômicos no capitalismo. Rodberthus foi um dos poucos economistas alemães da década de 1840 a defender uma interpretação da teoria do valor trabalho considerando a principal causa da pobreza e das crises comerciais era a redução da participação dos salários no produto nacional. Esse tipo de análise axiomática e dedutiva, inspirada na obra de Ricardo, opunha-se ao historicismo predominante no discurso da *Nationalökonomie* nos anos 1840 e 1850. Por isso, as obras de Rodberthus tiveram tímida recepção na época de sua publicação. Porém, elas foram retomadas a partir dos anos 1860 por intelectuais como Wagner e Lassalle. Essa exposição se deveu pelos mesmos motivos daquela motivou a crítica da obra de Marx pela *Nationalökonomie*. A modernização alemã dos anos 1850, 60 e início dos 70 colocara a questão social no centro do debate econômico alemão. Nesse período a classe operária alemã cresce e passa a se organizar em organizações trabalhadoras como a *Allgemeinen Deutschen Arbeitervereins* (ADAV), em 1863, e o *Sozialdemokratischen Partei Deutschlands* (SPD), em 1869. Era o sinal que as tensões e conflitos entre o proletariado industrial, a classe proprietária e o Estado, previstos desde a década de 1840⁵³, estavam se concretizando. O interesse pelos economistas que se declaravam socialistas e suas obras aumentou nesse contexto (cf. Lindenfeld, 2007, p.151; 186; Schorkse, 1955, p.2).

Nesse contexto Rodberthus era considerado uma personagem mais central que Marx, ao menos pela economia acadêmica germanófona. Não apenas Wagner, mas o próprio Böhm-Bawerk legava maior centralidade ao proprietário e político nascido na Pomerânia. No texto discutido acima, Böhm-Bawerk nomeara Rodberthus como a personagem de maior peso do capítulo sobre as teorias da exploração e o pai espiritual do socialismo científico

⁵³ A questão social, pensada a partir dos conflitos entre o proletariado e a classe proprietária, já aparece no debate alemão na década de 1840, ainda que não houvesse um proletariado organizado na Alemanha. A organização da classe operária e a luta de classes aparecem como um advento, o qual Estado e sociedade civil se mobilizam para que não chegue ao caos extremo. O diagnóstico mais celebre era o de Lorenz Stein, que vivia a dupla condição de membro da imprensa radical ligada aos hegelianos de esquerda e agente secreto do serviço prussiano em Paris. No seu *Sozialismus und Kommunismus des heutigen Frankreichs*, um estudo da teoria socialista e da história do movimento na França, o autor defende que o proletariado aparecerá na Alemanha de maneira similar como se deu na França e na Inglaterra. A solução proposta pelo autor é da conciliação das classes via o Estado (cf. Lindenfeld, 2007, p. 147-149).

moderno. Marx, por sua vez, é tido como o mais importante teórico socialista depois de Rodberthus, sendo a base de seu sistema é atribuída ao trabalho pioneiro de Rodberthus (*cf.* Böhm-Bawerk, [1884], p.322-323). Delimitar os porquês dessa avaliação geral é uma tarefa complexa, impossível para esse trabalho. De qualquer modo, é possível estabelecer ao mínimo dois aspectos que provavelmente ajudaram Rodberthus a ser visto como precursor de Marx e um economista superior a Marx pela *Nationalökonomie* nas décadas de 1870 e 1880. O primeiro é a precocidade de seus escritos publicados sobre a economia, que remontam ao início da década de 1840. O segundo é a sua também mais precoce absorção pela *Nationalökonomie*, condicionada em parte por sua proposta reformista, mais familiar aos acadêmicos das *Staatwissenschaften* e politicamente mais palatável ao Estado.

As acusações de Rodberthus e seus seguidores não tinham como pano de fundo a disputa pela fama dos autores na universidade, mas da sua influência dentro da institucionalidade do movimento operário. Rodberthus exercera influência sobre Ferdinand Lassalle, fundador da ADAV e sobre o seu programa, que sugeria uma transição democrática para o socialismo via o estabelecimento de cooperativas de produtores via ação estatal. O SPD, por sua vez, possuía inclinações marxistas, expressa nas preferências de seus fundadores Wilhelm Liebknecht e August Bebel, também em seu primeiro programa⁵⁴. As duas organizações se fundem em 1875 na conferência de Gotha sob influência de um programa mais inclinado a Lassalle que à Marx⁵⁵. As denúncias do suposto plágio da teoria do mais-valor cometida por Marx contra Rodberthus, a partir de 1879, refletem atmosfera de disputa em um movimento socialista politicamente unificado, mas fragmentado em suas referências teóricas. Nesse contexto Engels escreve os prefácios das edições de 1885 defendendo a originalidade da contribuição de Marx (*cf.* Howard & King, 1992, p. 21-22; *cf.* Engels, [1885b], p.83-85; Marx, [1885a], 168-176).

⁵⁴ Conhecido como programa de Eisenacht.

⁵⁵ As polêmicas sobre o programa de Gotha e da disputa intelectual pelo SPD são tratados com maior detalhe na seção 2.4.1 deste trabalho.

A defesa de Marx elaborada por Engels⁵⁶ passa por 3 momentos lógicos. No primeiro, argumenta-se que a formulação da teoria da mais-valia é um longo processo que começa em teóricos do mercantilismo como James Mill, perpassa Smith, e tem em Ricardo um momento definidor. Marx atribuíra a um panfleto anônimo, *The Source and Remedy of the National Difficulties. A Letter to Lord John Russell*, de 1821, a elaboração do conceito de mais-valia. A partir da formulação do último, os economistas socialistas passam a aderir aos seus princípios e a desenvolvê-los, sendo o próprio Marx e Rodberthus regras, antes de exceções dentro desse grupo. No segundo, argumenta-se que Marx tinha pouco conhecimento da própria obra de Rodberthus e que formulou, antes de entrar em contato com ela, por suas próprias vias o problema da mais-valia, bem como havia iniciado suas críticas aos socialistas ricardianos. A reedição de 1885 de *Misère de la philosophie*, escrita originalmente em francês em 1846/1847, traduzida por Karl Kautsky e Eduard Bernstein, foi realizada dentre outros motivos para expor a precocidade dessas formulações por Marx, bem como uma crítica que caberia ao próprio Rodberthus⁵⁷. Num terceiro, expõe-se as críticas de Marx à ao desenvolvimento da teoria de Ricardo pelos socialistas, portanto, os termos em que sua contribuição se diferencia da destes (cf. Engels, [1885b], p. 85-91; Engels, [1885a], p.164-167; Howard & King, 1992, p. 21-22).

A diferenciação da contribuição marxiana se daria em três aspectos principais. O primeiro diz respeito exclusivamente à proposta política comum aos socialistas ricardianos⁵⁸. Para estes autores o problema econômico não estaria delimitado pela existência da propriedade privada, mas pelo falseamento das trocas. Desse modo, se as mercadorias fossem trocadas pelo trabalho contido nelas e os produtores remunerados pelo trabalho adicionado a elas o problema econômico estaria resolvido. A proposta clássica de John Grey, copiada pelos demais ricardianos de esquerda, era a criação de um banco central que certificasse as horas-trabalho despendida na produção das mercadorias, dando

⁵⁶ Engels não é o primeiro a escrever uma defesa de Marx em relação as acusações de Rodberthus. Em 1884 Karl Kautsky já escrevera um artigo "Das 'Kapital von Rodbertus'" (1884).

⁵⁷ Engels deixa tal questão clara na introdução à edição de 1885: "Esse livro, hoje, tem para a Alemanha uma significação que Marx jamais previra. Como ele poderia imaginar que, dirigindo a crítica a Proudhon, atingiria Rodberthus, ídolo dos arrivistas modernos, esse Rodberthus de que, naquela época, Marx nem conhecia o nome?!" (Engels, [1885a], p. 164).

⁵⁸ Engels agrupa nesse conjunto de intelectuais John Gray, Rodberthus e Proudhon (cf. Engels, [1885a], p. 169).

aos produtores certificados de horas-trabalho empreendidas em troca de sua produção, que ficariam depositadas no banco. Os produtores poderiam com esses certificados sacarem mercadorias cedidas por outros produtores no banco. A crítica de Marx reside na contradição entre se pensar uma produção de mercadorias que ainda mantêm a base de produção capitalista, mas que congrega com ela uma forma de troca não capitalista. A produção cria uma mercadoria privada, mas a troca se processa como se o produto fosse social. A necessidade do dinheiro enquanto forma equivalente do valor é dispensada nesse processo. Marx insiste que tal medida é incompatível com os pressupostos da produção burguesa, especialmente porque pressupõe que capital e renda sejam nacionalizados para poderem ser regulados pelo banco central⁵⁹. O segundo aspecto é a emulação do sistema categorial ricardiano. Marx não se contentara com as categorias da economia ricardiana e via nelas um problema para o avanço da compreensão da dinâmica da sociedade capitalista, problema não superado pelos socialistas ricardianos que apenas as replicavam. Para Marx, a superação do paradigma ricardiano, implica num procedimento de diferenciação dos fenômenos mais gerais, relacionados a produção de mais-valor, daqueles relacionados as suas formas fenomênicas: lucro, juro e renda. Sua contribuição consiste exatamente no desenvolvimento de um esquema conceitual da gênese categorial dessa forma universal e estabelece a partir dela as consequências do desenvolvimento do modo de produção capitalista. Somente após executada essa tarefa, Marx passaria à exposição das leis que regem a transformação da forma universal em suas formas particulares. Engels revela que Marx as desenvolveu no terceiro tomo de *Das Kapital*, a ser publicado. Essa abordagem se diferencia daquela feita por Rodberthus, que formulava a mais-valia como a diferença entre a renda, entendida como soma de lucro e renda da terra, e os salários. O terceiro é o não enfrentamento de dois problemas que levaram a derrocada do sistema Ricardiano: a diferenciação entre a mercadoria força de trabalho e o trabalho incorporado nas mercadorias e a questão das diferentes mais-valias produzidas por setores que empregam diferentes quantidades de capital vivo. Segundo Engels, nem Rodberthus, nem outros socialistas ricardianos haviam avançado em nenhuma dessas direções.

⁵⁹ Como aparece adiante, para Marx uma das culminações do modo de produção capitalista é a constituição de um mercado mundial.

O primeiro problema seria resolvido já no livro I. Os trabalhadores não ofertariam o trabalho em si, mas a mercadoria força de trabalho, que tem como valor de uso produzir valor e como valor de troca uma cesta de subsistência, fixada em cada área segundo um nível de vida médio. Assim, sem violar a lei das trocas se produz mais-valia pela diferença entre o valor produzido pela força de trabalho e o valor pago a ela. O segundo problema teria sua resposta apenas no terceiro tomo de *Das Kapital* (cf. Engels, [1885b], p. 91-99; Engels, [1885a], p.167-172; 179-181).

Engels aproveitou da ausência de resposta a esse problema por parte de Rodbertus, para desafiar seus seguidores, além de outros economistas:

De acordo com a lei ricardiana do valor, dois capitais que empreguem a mesma quantidade de trabalho vivo e com a mesma remuneração produzirão – mantendo-se inalteradas as demais circunstâncias –, no mesmo tempo, mercadorias de igual valor, assim como mais-valor ou lucro de mesma grandeza. Mas se empregam quantidades desiguais de trabalho vivo, eles não podem produzir mais-valor, ou, como dizem os ricardianos, lucro de mesma grandeza. Ora, o que ocorre é justamente o contrário. Na realidade, capitais iguais, qualquer que seja a quantidade de trabalho vivo que empreguem, produzem em tempos iguais, em média, lucros iguais. Aqui se apresenta, portanto, uma contradição na própria lei do valor, contradição que já fora encontrada por Ricardo e que também sua escola foi incapaz de resolver. Tampouco Rodbertus pôde evitar essa contradição; mas, em vez de resolvê-la, fez dela um dos pontos de partida de sua utopia (Zur Erkenntniß..., p. 131). Marx já resolvera essa contradição no manuscrito Contribuição à crítica...; a solução se apresenta, segundo o plano de O capital, no Livro III. Ainda teremos de esperar alguns meses até sua publicação. Portanto, os economistas que pretendem descobrir em Rodbertus a fonte secreta e um precursor de Marx têm aqui uma ocasião para mostrar do que é capaz a economia robertiana. Se conseguirem demonstrar de que maneira uma taxa média de lucro igual pode e deve ser formada, não apenas sem infringir a lei do valor, mas sobre a própria base dessa lei, estarei então disposto a continuar a discussão com eles. Mas é preciso que se apressem. As brilhantes investigações contidas neste Livro II e seus novíssimos resultados em terrenos até então quase inexplorados não são mais que um prelúdio do conteúdo do Livro III, que desenvolve os resultados da exposição marxiana do processo social de reprodução sobre a base capitalista. Quando o terceiro livro for publicado, muito pouco se falará da existência de um economista chamado Rodbertus. (Engels, [1885b], p.100)

Nos prefácios, Engels colocou duas questões teóricas fundamentais relativas a peculiaridade do sistema marxiano que em grande medida escaparam aos críticos de Marx: a- a centralidade que a diferenciação dois níveis conceituais de análise – um universal, relacionado ao mais-valor, outro particular, relacionado a análise as suas formas de manifestação – possuía em sua construção; b- a centralidade que Marx atribuía a resolução das incoerências teóricas do sistema ricardiano, especialmente a questão das remunerações distintas para capitais de mesma composição orgânica. É no entorno dessas questões, destacadas por Engels nos prefácios, que se estabelecerá o debate da conclusão do sistema marxiano. Elas ainda remeterão, especialmente sob a ótica dos economistas, à questão do estatuto e da consistência da teoria do valor de Marx. Porém, uma vez destacadas as peculiaridades da formulação, os termos dos textos de recepção se alteraram. Marx deixa de ser debatido em enquanto continuador da obra de Ricardo e Rodberthus, mas enquanto um autor que possui uma maneira particular de formular um sistema teórico. Para isso a provocação de Engels, resumida acima é fundamental, pois ancorou a interpretação de Marx no que sua contribuição traz de novo, mais no *horizonte de expectativa* que no *espaço de experiência* da *Nationalökonomie*⁶⁰. O desafio de Engels *Prize Essay Competition*⁶¹. É razoável afirmar que a *Prize essay competition* consiste numa nova etapa da recepção de *Das Kapital*. Ela pode ser considerada como uma prévia ou mesmo um período especulativo do debate acerca da conclusão do sistema marxiano, em que estão estabelecidos os termos do sistema marxiano, mas em que o volume final de *Das Kapital* segue ausente⁶².

A projeção de Engels para publicação do volume III era de alguns meses. Ela não se cumpre, sendo que o livro III é lançado pouco antes da morte de Engels. Os nove anos de debate mobilizam um número razoável número de

⁶⁰ As definições de ambos conceitos se encontram em Koselleck (2006), no capítulo XIV.

⁶¹ Embora sugira a concessão de um prêmio e embora Engels afirme nominalmente no livro III que não concedeu o prêmio para ninguém, não há nenhuma referência na bibliografia secundária do debate no que consistia o prêmio, numa honraria ou num prêmio monetário.

⁶² Uma pergunta que se coloca é a seguinte: por que o problema da teoria de Marx já não foi colocado nos termos de seu sistema antes da contribuição de Engels? Ou melhor, haviam condições de possibilidade para tal, desconsiderando a vontade dos autores e dos caminhos mais confortáveis para a sua retórica? As evidências aqui resumidas no item anterior apontam que sim, a parte as lacunas deixadas pela não publicação dos tomos restantes de *Das Kapital*.

contribuições que escapam do escopo deste trabalho⁶³. Dada uma necessidade de resumir as opiniões emitidas por Engels para questões pósteras, realiza-se aqui apenas um resumo de suas considerações na introdução do livro III. Engels credita a uma resenha sobre o volume II escrita em 1885 por Wilhem Lexis uma aproximação a totalidade do problema proposto, embora não a considere como uma resposta. Lexis apontou que o problema posto por Engels só poderia ser resolvido se o valor fosse desconsiderado enquanto fator de mediação das mercadorias individuais, sendo considerado apenas enquanto representativo da totalidade da produção de mercadorias, bem da divisão desse total entre as classes proletária e capitalista. Os capitalistas não distribuiriam o mais-valor segundo os trabalhadores empregados por eles, mas segundo o capital adiantado por eles. Disso decorria que as mercadorias seriam trocadas pelos preços, dos quais os valores podem ser considerados apenas os pontos de partida. O preço das mercadorias, vendidas acima ou abaixo de seus valores na maior parte dos casos, alteraria a distribuição da mais-valia entre os capitalistas, mas não seu montante uma vez que as diferenças se compensariam. Engels rejeita esse comentário ao considerar esse comentário uma resposta por sua pobreza conceitual. Peter Fireman chega a uma conclusão parecida com a de Lexis, porém utilizando de categorias marxianas. De maneira similar, percebe que no capitalismo a taxa de lucro deve ser calculada a partir do capital adiantado e que isso faz com que as mercadorias não sejam trocas por valores, mas por preços, que redistribuem a mais valia dentre os capitalistas. Fireman reparara que mercadorias produzidas em ramos de produção com composição orgânica acima da média terão preços acima de seus valores e que mercadorias produzidas em ramos de composição orgânica abaixo da média terão preços inferiores a seus valores. Ainda assim, Engels considera sua resposta incompleta. Engels analisou também as repostas de Conrad Schmidt, Julius Wolf, Achile Loria e George Stiebiling. Considera todas erradas, creditando apenas a Schmidt um desenvolvimento paralelo da lei tendencial da queda da taxa de lucro, bem como a derivação do lucro comercial da mais-valia, além de antecipações sobre a teoria dos juros e da renda fundiária que Marx desenvolve no livro III. Assim, nenhuma das repostas ao desafio foi considerada satisfatória

⁶³ Para uma apreensão detalhada da *Prize Essay competition* ver Howard & King (1992) capítulo II.

pelo exigente editor dos volumes II e III, que apenas congratula Fireman e Schmidt pelos seus desenvolvimentos, mas não concede o prêmio a nenhum dos autores (*cf.* Engels, [1894], p. 37-49).

1.2.2 A consolidação da especificidade da crítica da economia marxiana (II): as pistas metodológicas do volume III

Com a publicação do volume III em 1894, após um persistente atraso, pela primeira vez se tinha a mão a resposta integral de Marx às questões fundamentais postas por Marx 34 anos antes, e reafirmadas por Engels 9 anos antes. O que se expõe a seguir são linhas gerais acerca do estatuto conceitual do terceiro tomo do *Capital*, bem como um resumo da resposta de Marx a questão dos capitais de diferentes composições orgânicas.

No primeiro parágrafo do capítulo inicial do terceiro, o objeto do livro, bem como a sua relação com os demais livros é colocado:

No Livro I, investigamos os modos de manifestação que o processo de produção capitalista, considerado em si mesmo, apresenta como processo direto de produção; nessa análise, ainda abstraímos de todos os efeitos secundários provocados por circunstâncias alheias a ele. Mas o processo direto de produção não esgota a biografia do capital. Ele é complementado, no mundo real, pelo processo de circulação, que constituiu o objeto das investigações do Livro II. Nesse último, especialmente na seção III, dedicada à análise do processo de circulação como mediação do processo social de reprodução, mostramos que o processo de produção capitalista, considerado como um todo, consiste na unidade de processo de produção e processo de circulação. Neste Livro III, nosso objetivo não poderia ser o de desenvolver reflexões gerais sobre essa unidade. Trata-se, antes, de descobrir e expor as formas concretas que brotam do processo de movimento do capital considerado como um todo. Em seu movimento real, os capitais se confrontam em formas concretas, para as quais a configuração do capital no processo direto de produção, do mesmo modo que sua configuração no processo de circulação, aparece apenas como momento particular. Assim, as configurações do capital, tal como as desenvolvemos neste livro, aproximam-se passo a passo da forma em que se apresentam na superfície da sociedade, na ação recíproca dos diferentes capitais, na concorrência e no senso comum dos próprios agentes da produção. (Marx, [1894], p.53)

Pontos fundamentais da relação das ideias desenvolvidas no terceiro tomo em relação ao conjunto de *Das Kapital* são explicitados aqui. O objeto do livro III são as formas concretas que se desdobram do processo de produção e circulação do Capital, tratados nos dois primeiros livros. Trata-se, do ponto de vista do nível de abstração, de um movimento de concreção, de aproximação ao real, das formas de como movimento do Capital se processa na superfície da sociedade. A chave dessa concreção é a aproximação ao movimento dos capitais particulares, em confronto, na sua ação recíproca, ou seja, em concorrência. Marx sugere nesse trecho um deslocamento do raciocínio dos primeiros livros, em que O Capital é tratado a partir de seu nexos interno, para um raciocínio baseado no movimento particular dos capitais a partir de seu nexos externo, das relações dos capitais particulares uns com os outros, ou seja, da concorrência. O que isso significa, a luz do exposto nos outros volumes?

No livro I, Marx não afirma apenas que desconsideraria as determinações da concorrência sobre o movimento do Capital⁶⁴, mas também que a última só poderia ser compreendida depois de analisado o nexos interno deste. Ele utiliza uma metáfora da astronomia em relação ao nexos interno do Capital e a concorrência. O primeiro seria o movimento real do Capital, imperceptível aos sentidos do observador, a segunda seria o movimento aparente do Capital visível aos olhos dos agentes da produção. Essa consideração diz muito sobre o porquê de no primeiro parágrafo do Livro III a inserção da concorrência coincidir com a aproximação à visão dos agentes. Na sequência do terceiro tomo o sentido da coincidência desses movimentos aparece melhor trabalhada. Marx afirma que as leis internas que regulam a reprodução do Capital apenas são visíveis quando se observam as grandes massas de capital agrupadas, sendo incompreensíveis ou invisíveis para os agentes individuais da produção, os capitalistas. Estes, a partir de seus capitais, observam as relações de produção como estas fossem independentes umas das outras, o que leva a conclusões incorretas sobre o funcionamento do Capital. Assim, é a superação da visão dos agentes da forma parcial como estes representam o movimento do Capital, que guia a apresentação do Capital no

⁶⁴ Outras passagens do livro I também se explicita que a concorrência está ausente das considerações desenvolvidas no livro. Um exemplo "Limitamo-nos apenas a mencionar esse movimento, já que a análise da concorrência não tem lugar aqui" (*idem*, p.619)

sentido do movimento das grandes massas para o dos capitais separados (cf. Marx,[1867], p. 391). Essa centralidade apresentação está exposta no prefácio a segunda edição alemã do volume I:

Sem dúvida, deve-se distinguir o modo de exposição segundo sua forma, do modo de investigação. A investigação tem de se apropriar da matéria [Stoff] em seus detalhes, analisar suas diferentes formas de desenvolvimento e rastrear seu nexos interno. Somente depois de consumado tal trabalho é que se pode expor adequadamente o movimento real. Se isso é realizado com sucesso, e se a vida da matéria é agora refletida idealmente, o observador pode ter a impressão de se encontrar diante de uma construção a priori. (Marx, [1867], p.78)

O que é o nexos interno do Capital apresentado nos primeiros livros? Capital é definido no Livro I como valor que valoriza, sendo a substância do valor o trabalho abstrato. Para se valorizar o Capital força a produção de mais-valor, faz com que os trabalhadores dispendam um tempo superior de trabalho em relação ao que seria necessário para a sua reprodução, esse trabalho cristalizado no mais-valor é absorvido pelo Capital. O pressuposto da produção de mais-valor é que os trabalhadores estejam desprovidos dos seus meios de produção, o que os obriga a ofertar seu potencial de produzir valor, a força de trabalho, enquanto mercadoria. A mercadoria força de trabalho tem o valor de uso de produzir valor, porém tem como valor de troca um salário que é inferior à sua capacidade de reprodução. Cristalizadas essas condições, o Capital, como um vampiro, se alimenta desse trabalho não pago, se reproduzindo a partir da exploração do trabalho na produção. O nexos interno do Capital representado nessa sua relação com o trabalho, na maneira que ele enquanto forma nega a sua própria substância. As leis da produção que seguem o resto do livro I são todas determinadas com vistas a esse nexos interno, num nível de raciocínio que pressupõe as categorias de valor, mais-valia, trabalho abstrato, taxa de mais-valia, mais-valia relativa, mais-valia absoluta e também pressupõe a análise do Capital e do trabalho com duas massas agregadas que se confrontam. No livro II serão analisadas as leis da circulação a partir desse nexos interno de Capital, o que pressupõe o mesmo nível de análises, parte das mesmas categorias e algumas novas com os circuitos do Capital, as formas do Capital, a rotação do Capital, etc. (cf. Marx, [1867], 99-100, 171-173, 179-185, 221-223, 423)

A inserção da concorrência não implica à negação dessas leis gerais, definidas nos livros anteriores para a massa do Capital, mas na modificação dessas leis para os capitais particulares. No livro III é apresentada a forma como a concorrência modifica a distribuição da mais-valia, gerada conforme as leis do livro I. Mais que isso, a mais-valia se transforma e ossifica em formas autônomas a ela: o lucro, o lucro comercial, o juro e a renda. É a concorrência que diferencia a mais-valia nessas formas e esconde sua origem nelas. Daí a formulação, no livro III, dessas categorias e da transformação da mais-valia nelas. Ao capitalista industrial parece que é o seu capital total e não o trabalho que produziu o lucro, ao capitalista comercial que a troca produziu o lucro comercial, ao capitalista monetário que seu dinheiro produziu o juro só e ao proprietário que a propriedade produziu a renda. Ao Economista vulgar que Trabalho, Capital e Terra produziram o valor. Para a Marx é claro que esses apenas redistribuíram o mais-valor criado entre eles, segundo as regras da concorrência. O livro III é assim duplamente a formulação de como a concorrência redistribui a mais-valia e a crítica aos que legam a produção do valor as formas da mais-valia (*cf.* Marx, [1894], p.889-893).

Os primeiros capítulos do livro III investigam as leis que transformam a mais-valia em lucro. É nessa questão que o problema da remuneração dos capitais de diferente composição orgânica aparece. Se consideradas as formulações do Livro I, haveriam diferentes taxas de remuneração para os diferentes setores da produção, dadas as distintas relações entre capital constante e capital variável em cada um deles. Porém, essa tese confronta com o fato empírico de que a taxa de lucro tende a se uniformizar. Marx representa essa tendência a uniformização como uma exigência da classe capitalista que é efetivada pelo movimento dos capitais. Os capitais tenderiam a mover-se dos setores de menor remuneração para àqueles de maior. Esse movimento reduziria a oferta nos setores que produzem pouco mais-valor, elevando seu rendimento, e aumentaria a oferta nos setores que produzem muito mais-valor, reduzindo seu rendimento. Isso equalizaria uma taxa média de lucro aplicável a todos os capitais. A remuneração dos capitais, em seu nível individual, deixaria de ser calculada com base na sua parte variável, passando a ser calculada a partir de seu todo multiplicada por essa taxa. O total do capital multiplicado por

essa taxa média de lucro da origem a preço de produção das mercadorias. O que acontece com o mais-valor desse ponto de vista? Ele é redistribuído para os capitalistas não segundo o valor gerado em cada, mas segundo a sua participação no capital total da sociedade. Os capitais com uma composição orgânica acima da média recebem mais-valor dos capitais com uma composição orgânica abaixo da média. Portanto o critério de distribuição do mais-valor se modifica, sem que seja criada nova mais-valia. O preço de produção não será necessariamente o praticado no mercado, que ainda é sujeito a modificações determinadas pela relação entre oferta e demanda no mercado. Desequilíbrios entre oferta e demanda se anulam no tempo para uma mesma mercadoria e num corte de tempo para o conjunto das mercadorias, de modo que também não se gera valor adicional. Toda a construção embasada nos preços e na taxa de lucro pressupõe a distinção acima apresentada sobre dois níveis de abstração um que determina a produção da mais-valia, outro em que determina sua distribuição (cf. *Idem*, p.188, 197, 207-208, 214, 219, 227-229).

Os passos que se seguem no volume III dizem respeito a autonomização das demais formas em relação a mais-valia. Elas se autonomizam na medida que os capitalistas se especializam em determinadas funções do ciclo do capital. O capital do comércio de mercadorias e dinheiro, além do capital a juros, surgem da autonomização das atividades de comércio e de adiantamento de dinheiro por determinado grupo de capitalistas que tem seu rendimento no lucro comercial e nos juros. Após uma breve interrupção nos capítulos do fim da parte V, dedicados a questão do juro, é retomada a discussão da transformação da mais-valia em suas partes nos capítulos da renda. O direito do rendimento aqui brota não como pressuposto da propriedade do dinheiro, como no caso do juro, mas de um próprio valor de uso. Nesses dois casos a própria propriedade parece gerar o valor. Na última parte do livro III Marx contrastará sua formulação acerca das formas da mais-valia com a teoria da fórmula trinitária, que designa terra, capital e trabalhos como fatores de produção que geram respectivamente a renda, o lucro e o salário. Dada que nossa exposição se concentra nos trechos mais relevantes para o debate da conclusão do sistema marxiano, não se adentrará ao conteúdo dessas partes.

Como apontado acima, Engels havia sublinhado a existência de dois níveis de raciocínio sob os quais é erigido o sistema marxiano e a importância do problema das remunerações iguais aos capitais de diferentes composições orgânicas, pontos desenvolvidos no terceiro tomo de *Das Kapital*. O livro III avança revelando a conexão de ambas peculiaridades. Em relação a diferenciação dos níveis de análise fica claro que é a inserção ligadas a concorrência capitalista que fazem a passagem do nível de abstração do livro I para àquele do livro III. A inserção da concorrência significa, após a compreensão de seu nexos interno, reconsiderar o movimento externo dos capitais particulares em sua relação. Ao seguir essa ordem de apresentação, Marx pode ao mesmo tempo representar esse movimento externo e criticar a visão desses agentes, utilizando-se das mesmas categorias empregadas por esses. A estreiteza de visão dos agentes e de alguns economistas políticos consiste, para Marx, na suposição dos agentes de que os fenômenos da concorrência geram valor. A crítica a essa noção implicará numa formulação de um raciocínio de que a concorrência causas desvios da lei do valor no plano individual, desvios que se anulam do ponto de vista social, mantendo a lei do valor válida, como foi definida nos tomos anteriores, para o capital social total. Os desvios significarão uma redistribuição da mais-valia sob regras diferentes das quais se opera a sua produção. A resolução do problema remuneração equânime para os capitais de diferente composição orgânica é o primeiro passo e o mais geral dessa operação que conecta o mundo do movimento real do capital, àquele de seu movimento aparente. Ele presume um deslocamento categorial da análise da categoria valor e da mais-valia para o preço e o lucro. O nóculo de conexão entre esses dois mundos é a definição da igualdade entre massa de mais-valia, massa de lucro e taxa de mais-valia e taxa de lucro. Uma vez estabelecida a massa de mais-valia pode-se dividi-la pelo capital total adiantado originando a taxa de lucro. Daí se redefine a distribuição da mais-valia e a partir dela a troca operando de acordo com os preços. A novidade, em relação a Ricardo e a outros defensores da teoria do valor trabalho, é que os preços de mercado serão definidos diretamente como desvios do valor, mas como desvios dos preços de produção, os quais não coincidem com valores a não ser fortuitamente. A teoria do valor apresentada no volume I se distancia assim que explica diretamente os preços.

Se as provocações de Engels e seu mistério sobre o volume final de *Das Kapital* alteraram o foco da crítica de Marx, de suas semelhanças em relação a Ricardo e Rodberthus para o que ele trazia de novo, a publicação do volume III confirma a peculiaridade do sistema marxiano. Com a sua publicação a *Nationalökonomie* poderia debater pela primeira vez o sistema marxiano não por suas raízes no passado ou pela sua promessa de futuro, mas pelo conjunto de seu sistema, incompleto, mas publicado. Essa apreensão seria menos harmônica que nas duas décadas anteriores. É à transformação dessa apreensão que se refere o título deste texto.

2- A Dupla prova do valor: o debate da conclusão do sistema marxiano posterior à publicação do livro III a partir das contribuições de Sombart, Engels E Böhm-Bawerk (1894-1896)

A publicação do volume III de *Das Kapital* inspirou um número razoável de resenhas. Destacamos a dos já citados Lexis e Fireman, além da escrita por Eduard Bernstein e publicada na já notória *Die Neue Zeit*. Porém, foi uma resenha em específico que se tornou notável na época, 'Zur Kritik des ökonomischen Systems von Karl Marx', publicado por Werner Sombart no volume VII da revista *Archiv für soziale Gesetzgebung und Statistik*. Algumas especificidades conferiram notoriedade *in loco* a esse texto: a- trata-se da primeira avaliação razoavelmente sistemática do conjunto de *Das Kapital* por um economista de cátedra da academia germanófona⁶⁵ que não visa a refutação da teoria desenvolvida em *Das Kapital*, mas seu desenvolvimento; b- a resenha fornece não apenas os termos de uma interpretação da conexão entre as lógicas dos valores e do preço, como diferencia as teorias objetiva e subjetiva do valor enquanto bases distintas que reivindicam a ciência econômica, posicionando Marx enquanto último desenvolvimento da perspectiva objetiva da ciência econômica; c- a resenha motivou um texto suplementar ao volume III de *Das Kapital* escrito por Engels, onde o autor inglês elogia a interpretação de Sombart, mas desenvolve uma controvérsia com o último acerca da existência histórica da troca baseada nos valores e, através dessa, da existência do valor como fenômeno empírico e não apenas conceitual processo de formação e equalização da taxa de lucro; d- ela também motivou, junto da publicação do livro III, novas refutações da teoria marxiana, que foram dirigidas não apenas aos textos de Marx, mas a própria resenha, sendo a mais notável *ZAMS*, escrita por Eugen von Böhm-Bawerk.

Na seção a seguir é reconstituído o argumento de Sombart. Nas 2 seções subsequentes são reconstituídas as respostas de Engels e Böhm-Bawerk ao autor de modo corroborar as afirmações acima colocadas. Na última seção, é realizado um breve balanço do debate. O resultado dessa reconstituição

⁶⁵ Breslau fica na atual Polônia, àquela época era território do Império Alemão

é um questionamento à interpretação padrão do debate da conclusão do sistema marxiano.

2.1 Valor como fato conceitual, preço como fato empírico, sistema marxiano como última expressão da abordagem objetiva da economia: a interpretação de Werner Sombart acerca de *Das Kapital*

Werner Sombart, nascido em 1864 em uma família que descendia de comerciantes huguenotes. Era, no momento de lançamento da WKOS, um promissor acadêmico que lecionava na Universidade de Breslau. Sombart havia estudado economia, ciências políticas, história, filosofia de maneira intermitente em Pisa, Roma e Berlim entre 1882-1885. No último desses anos, participou dos seminários sobre história agrária na Universidade de Berlim, dirigidos por Gustav von Schmoller, Adolph Wagner e August Meitzen. A partir daí se associou aos *Kathedersozialists*, compartilhando das perspectivas tanto da escola histórica alemã⁶⁶, quanto da *Sozialökonomie* de Adolph Wagner⁶⁷. Concluiu seu doutorado acerca do desenvolvimento agrário da região da Campana Romana sob a orientação de Schmoller em 1889. Após breve período no serviço público, Sombart foi designado para a lecionar na Universidade de Breslau no semestre de 1890-1891, indicação provavelmente influenciada por seu pai, um político aposentado, e por seus professores de Berlim. A essa hora, além da tese, já publicada e traduzida para o italiano, o autor possuía trabalhos publicados sobre

⁶⁶ No que consiste a posição teórica da nova escola histórica alemã? Kurs dá uma ótima definição inicial: Schmoller, Lujo von Brentano and their followers were opposed to the abstract axiomatic-deductive approach of classical economics and the emerging marginalist school. Scholars engaged in theoretical work were attacked for doing the wrong kind of economics. Their theories were said to be at best irrelevant and generally misleading for the solution of the pressing problems of the time. According to Schumpeter (1954b, p. 765n), ‘Schmoller once asserted publicly that a “Smithian” was unfit to occupy a professorial chair’ (...). It would be wrong to assume that the younger Historical School was per se anti-theoretical. Its opposition was directed more against the received doctrines of laissez faire than economic theory as such. These former doctrines which centred around the notion of the ‘rational’ individual implied false abstractions and tended to generate a distorted view of historical processes, vastly underrating the importance of the centralized nation state in fostering economic and social development and in controlling particularist interests. Most members of the Historical School combined an aversion against the French revolution and liberal ideas at large with a belief in an étatist, state paternalistic way of coping with economic and social problems. The state, whether the Prussian state and its kings, which Schmoller tended to glorify, or some central authority in the German Empire which was founded in 1871, was to assume responsibility for the well-being of its subjects (Kurs, 1994, p. 9-10).

⁶⁷ Trabalhos clássicos sobre o pensamento econômico tendem a classificar Adolph Wagner junto de Gustav Schmoller e Lujo von Brentano como um expoente da “nova escola histórica alemã”. Tal visão pode ser questionada quando se nota que, dada a influência de Rodberthus, Wagner mescla os métodos dedutivo e indutivo, enquanto a perspectiva de Schmoller é contrária ao uso do método dedutivo (Lindenfeld, 1997, p.243-245).

família, comércio, proletariado e o movimento sindical na Itália. Sua perspectiva de análise estava alinhada aos movimentos socialistas, fato que se expressa na sua descendência acadêmica e nos seus temas de pesquisa. Tal posição que aprofunda a partir de sua indicação e mudança para Breslau, onde Sombart se aproxima a grupos políticos e intelectuais de matiz socialista, alguns ligados a ala direita do SPD. (Nogueira, 2004, 1126-1131).

É nesse contexto e período que Sombart inicia sua defesa da crítica da Economia Política Marxiana na resenha do livro *Sozialismus und Kapitalistische Gesellschaftsordnung. Kritische Würdigung beider als Grundlegung einer Sozialpolitik* (1892) de Julius Wolf. Sombart concentra seu comentário na tentativa de refutação de Marx por Wolf. Wolf tentou refutar a teoria da concentração de capital de Marx, as leis do salário e a teoria do exército industrial de reserva. O autor alegava que a crítica de Marx era redutível a inferências éticas contra a ordem capitalista. Sombart aponta inúmeras falhas nas leituras de Wolf sobre a contribuição marxiana, deixando claro que o autor estava propondo a refutação da construção marxiana a partir de uma imagem alheia a ela. Sombart professará uma ideia essencial de sua interpretação de Marx nessa resenha: o sistema marxiano é um sistema antiético, o que o diferencia dos demais sistemas socialistas. Segundo Sombart a teoria marxiana não faz uma crítica moral ao capitalista, mas antes mostra como determinadas tendências impessoais do desenvolvimento capitalista levam à crescente centralização da propriedade e a socialização da produção, efeitos que dentre outras consequências implicam a expropriação da própria classe capitalista⁶⁸ (cf. Sombart, 1892, p. 489-498).

⁶⁸ Tal enfoque diz algo sobre as preocupações de Sombart com a crítica de sua própria escola e de seu próprio orientador. A adesão de Sombart a Marx é um de seus primeiros passos da sua crítica ao *Werturteil* [Julgamento de Valor], que fazia parte da proposta de Schmoller. Na proposta de Schmoller, a economia é uma ciência normativa a ser posta em prática para propósitos políticos. O fazer da ciência econômica seria inicialmente vazio de implicações práticas, que viram a partir do juízo de valores dos pesquisadores. O juízo de valor seria natural ao ser humano, sendo que a análise científica apenas qualifica desse juízo de valor antes de negá-lo. Por isso, o campo da ética seria fundamental para a análise econômica. Ao defender o caráter antiético da teoria marxiana, Sombart está buscando uma porta de crítica para essas concepções. Essa primeira formulação de Sombart indica um outro flanco, independente do trilhado por Engels, Kautsky e outros marxistas, a partir do qual é possível delimitar a especificidade da abordagem de *Das Kapital*. Nesse caso, antes das inovações categoriais e das proposições de solução dos problemas do paradigma ricardiano, o que está em relevo é uma formulação científica para além dos juízos de valor (cf. Tamura, 2002, p.110; Schumpeter, 1954, 772-773; Koslowski, 2002, 165).

A resenha do 3º volume de *Das Kapital* redigida logo após a publicação do terceiro volume sinaliza alguns avanços na defesa empreendida por Sombart em favor teoria desenvolvida em *Das Kapital*. Sombart generaliza sua guerrilha pró-marxiana combinando elogios ao livro III com a crítica ao conjunto das refutações do sistema marxiano. As críticas, que apareciam individualizadas para Wolf na resenha de 1892, passam a ser generalizadas para um conjunto expressivo de economistas germanófonos, que incluía os próprios mestres de Sombart. O tom, tanto dos elogios de Sombart a Marx, quanto de suas críticas aos detratores do sistema marxiano é estridente. Um breve resumo da retórica de Sombart atesta essa afirmação: o autor afirma que a publicação do volume III foi um evento jubiloso do outono de 1894, fazendo desse período extremamente fértil para a literatura econômica; que ninguém, independentemente de sua posição em relação aos resultados dos estudos de Marx, deixará de contemplar a culminação do sistema marxiano no volume III; que o sistema de Marx é um dos mais imponentes da economia política e que o autor está no mesmo patamar de Quesnay, Smith e Ricardo; que era uma pena os manuscritos se encerrarem abruptamente na parte VII, o que trazia algo de melancólico como se um grande espírito fosse desaparecendo; que Marx foi sistematicamente mal interpretado; que a teoria marxiana do valor não foi um objeto das críticas até então elaboradas, que a trocaram por um fantasma imaginado; que a crítica pressupõe entender o que Marx falou e não o que ele poderia ter falado; que espanta o fato das pessoas falarem de uma crítica do sistema antes que ele fosse publicado por completo; que, diferente do que alguns imaginavam⁶⁹, não havia no livro I uma teoria do custo de produção; que alguns colegas, especialmente os mais velhos, não conseguiriam segurar a risada com sua defesa de Marx, enquanto os jovens aguardariam que as risadas morram gradualmente; que a teoria de Marx não havia sido refutada; que desejava que Böhm-Bawerk mudasse sua opinião; que os espíritos dos teóricos da utilidade marginal finalmente despertarão do seu sono para o choque; que se deve desenvolver uma crítica prospectiva do sistema de Marx e não uma refutação; que os mais jovens acreditam que é começo e não o fim da crítica da teoria de Marx (cf. Sombart, 2017 [1894], p. 169; 184-185, 201-202). Essa breve

⁶⁹ Trata-se de uma crítica direta a formulação de Adolph Wagner resumida no item 1.1.

enumeração representa a mescla entre as congratulações a Marx e o tom afrontoso com a qual Sombart trata as críticas anteriores a *Das Kapital* e os seus autores. As abordagens anteriores seriam impróprias devido a sua fuga do objeto, substituído por um espantalho, fato condicionado pela incompletude do sistema até a publicação do volume III, mas também por falta de bom senso e rigor dos autores. A retórica da guerra geracional parece se direccionar, ao menos em parte, aos seus mestres. Tampouco os economistas austríacos escampam das ironias de Sombart. São citados nominalmente Adolph Wagner e Eugen Böhm-Bawerk, Achille Loria, Julius Wolf, Henrich Dietzel e Ugo Rabeno.

A contribuição de Sombart não é apenas notável pela posição acadêmica do autor e pela sua retórica, mas também por sua interpretação das categorias valor, mais-valia e preço, no que diz respeito tanto à sua distinção, como à sua conexão. O autor localiza nessas relações a origem das controvérsias acerca do sistema marxiano. A problemática do valor e dos preços seria a questão central em torno da qual se desenvolveu o debate econômico sobre Marx. Essa leitura o conduz a enfrentar as questões destacadas por Engels nos prefácios de 1885 e reforçadas com a publicação do livro III. O autor percebe a coincidência entre inserção da concorrência⁷⁰ e aproximação da consciência dos agentes, proposta nesse livro. Também conecta essa percepção à proposta de Marx de ciência, amparada superação da consciência dos agentes, que captam apenas os movimentos externos e não o nexo interno da realidade do movimento do capital. O autor atribui uma interpretação própria a categorias que Marx, inspirada numa distinção de Hugo Landé, que diferencia as categorias apresentadas no livro I daquelas apresentadas no livro III na seguinte chave: enquanto valor e mais-valia seriam fatos conceituais trabalhados na mente do intelectual em busca de compreender fenômenos gerais, as categorias da teoria dos preços são fatos empíricos que fazem parte da consciência dos agentes e guiam a sua prática. Nesse sentido, as categorias valor e mais-valia são aquelas que Marx cria para analisar fatos sociais que estão excluídos do juízo dos agentes, mas que são fundamentais para entender o movimento da vida econômica capitalista.

⁷⁰ Sombart reconhece que em *Das Kapital* essa aproximação é incompleta e cita o trecho de Marx sobre a exclusão da doutrina da concorrência de sua análise.

O conceito de valor aparece como funcional para os intelectuais representarem um fato central da vida social⁷¹. Ele permitiria aos intelectuais representarem as mercadorias de qualidades diferentes enquanto produtos do trabalho, permitindo a agregação dos diferentes produtos da atividade humana. O trabalho social se justificaria enquanto forma de representação das mercadorias por ser o fato objetivamente mais relevante nelas, determinante da média de mercadorias disponível para as pessoas e, através deste, do desenvolvimento da vida material na economia capitalista. O conceito de valor tornaria os fenômenos da produtividade do trabalho, apreensíveis e operacionalizáveis para fins teóricos. A lei do valor explicitaria os efeitos recíprocos entre processo econômico capitalista e produtividade social do trabalho. A taxa de mais-valor, ainda a ser determinada no livro I, bem como a taxa de lucro e os preços, tratados no livro III, devem ser determinados em última instância pelos efeitos da produtividade do trabalho. Portanto, para Sombart, o valor não é um fim em si, mas uma ferramenta que torna possível exprimir o fato mais importante da vida econômica, a produtividade social do trabalho e estudar os efeitos do movimento desta sobre a sociedade (*cf. idem*, p. 190-192).

A mais-valia seria, por sua vez, o conceito que permite a determinação formal e numérica da quantidade de produto que se constitui como excesso da produção social. Esse sobre trabalho seria comum a vários tipos de sociedade, inclusive a uma sociedade socialista, onde ele aparece como uma precaução a acidentes e veículo de para o progresso da reprodução da sociedade segundo as necessidades da população. A especificidade do capitalismo seria que nele o sobre trabalho é apropriado pelo capital. O produto social seria dividido assim em duas partes, uma que é necessária para a reprodução do trabalho e outra que é apropriada pela classe capitalista, além de outras classes improdutivas. Essa quantidade pode ser determinada numericamente contabilizando o custo de reprodução trabalho produtivo e descontando-o de todo o produto. Para isso é necessária a ideia de trabalhador produtivo, que gera valor⁷². Esses trabalhadores seriam não apenas os trabalhadores manuais, mas todos os

⁷¹ "For the time being we have completely abstracted from the question: what is the value of this value? A more precise determination of that formal characterisation is still necessary" (Sombart, 2017[1894], p. 187).

⁷² No livro II é postulado que os setores de transporte e armazenamento criam ou conservam valor, sendo considerados parte do capital industrial.

trabalhadores empregados no processo de trabalho, o que inclui os gerentes, o pessoal empregado no transporte e armazenamento. Sombart também inclui a venda a varejo nesse caso. Eles seriam o trabalho coletivo da sociedade. Determinada essa quantidade de trabalhadores, bastaria multiplicá-la pelo trabalho necessário para deste trabalho⁷³. Sombart assume que tanto as quantidades de trabalhadores, como o valor da sua mão de obra, são passíveis de determinação numérica, de modo que é possível calcular o valor total do trabalho necessário à produção (*cf. idem*, p. 194-195).

Os conceitos de valor e mais-valia permitiriam expressar dois fatos sociais fundamentais na ordem capitalista, a produtividade social do trabalho e a relação entre a mais-valia social e o valor do trabalho necessário. Porém, eles seriam estranhos aos agentes, que utilizam de categorias empíricas como os custos de produção e a taxa de lucro. Como ambos universos se conectam? Do ponto de vista do conjunto das mercadorias, o total da mais-valia seria igual ao do lucro, sendo a primeira a reguladora do último. Sombart diz que a demonstração dessa condicionalidade é o conteúdo total do sistema marxiano e que o aprofundamento dessa questão dependeria da reprodução total desse sistema, algo fora de seu escopo⁷⁴. No âmbito da mercadoria individual essa conexão se resume ao fato que as variações da produtividade do trabalho seriam o principal fator explicativo da alteração dos preços das mercadorias. Não haveria conexão formal entre o lucro gerado por um capitalista individual e a mais-valia supostamente gerada por ele. Este apenas calcularia a taxa de lucro sobre o seu capital total, no qual não se distinguem as frações constante e variável do capital (*cf. idem*, p. 196-198).

A partir desta interpretação, Sombart formula suas ressalvas à obra de Marx. Elas incidem especialmente sobre as formulações de Marx sobre a equalização da taxa de lucro, que dão a entender que o valor teria existência empírica. Sombart as identifica nos trechos em que Marx o descreve o valor

⁷³ Encarado como um dado exógeno por Sombart. O autor diz que a determinação do valor da mão-de-obra, resumida na teoria da subsistência mínima de Marx, é algo externo ao seu sistema, não tratando a questão em profundidade. Sombart também insiste que Marx relaxa essa hipótese no volume III aceitando que, por períodos, o salário pode ser fixado acima ou abaixo desse mínimo de subsistência.

⁷⁴ Como veremos adiante é exatamente nessa omissão que Böhm-Bawerk construiu sua dupla crítica a Marx e Sombart.

como sendo produzido individualmente em cada setor da indústria e redistribuído segundo o movimento da concorrência e nos momentos em que sugere uma transição histórica do período onde as trocas são descritas pela lógica dos valores para outra onde ela é descrita pela lógica dos preços. Segundo Sombart, a primeira noção iria contra a natureza lógica da análise de Marx, desrespeitando a oposição entre a natureza social da análise do valor e a natureza individual da formulação do lucro. Sombart também nega o suposto processo histórico de equalização da taxa de lucro que representaria a transição da troca baseada em valores para a troca baseada nos preços. Para o autor, se essa transição existisse, a produção capitalista se iniciaria nos setores em que prepondera o trabalho vivo sobre os meios de produção. Esses setores receberiam um superinvestimento que reduziria sua margem de lucro e faria o capital migrar para setores de maior proporção de meios de produção frente ao trabalho num processo que equalizaria as taxas de lucro. O autor argumenta que a produção capitalista não se estabeleceu somente em setores de com alta proporção de mão-de-obra, mas também em setores com preponderância de meios de produção, especialmente na mineração e no setor naval. Nessa situação, seria natural uma fuga de capital no sentido inverso, dos setores com maior proporção de força de trabalho, mas ela não existiu. Essa situação também não explicaria como o capital migraria da esfera comercial, onde alta taxa de lucros, para a esfera industrial de maior composição orgânica, que inicialmente geraria menos mais-valia. Também seria natural que os superlucros obtidos por esses setores capitalistas tivessem como base a forte exploração de produtores independentes, algo incompatível com o *lócus* dessa classe social no processo produtivo. Sombart termina por questionar a própria existência material de um processo de equalização dos lucros. Estes seriam desiguais, dado o caráter monopolista da economia, sendo que a operação da equalização seria no máximo um pressuposto capitalista de cálculo uma operação feita em sua mente para a projeção de um lucro normal (*cf. idem*, p.198-200).

Após, suas críticas, Sombart retoma a defesa de *Das Kapital* enumerando as principais críticas à abordagem de Marx e as respondendo. A primeira consiste, antes de mais nada, num juízo científico. Para alguns autores Marx contribuíra apenas para a crítica da Economia Política Clássica e não para

o desenvolvimento positivo da ciência econômica. Sombart, que considera esse argumento uma falácia primordial, atribui a maior parte dos desenvolvimentos contemporâneos da ciência econômica ao socialismo científico e à escola austríaca de economia, considerando tal argumento injustificado. A segunda questão na qual Sombart se lança a análise diz respeito a não consideração dos benefícios do capitalismo por Marx. São citados trechos manifesto comunista e trechos do *Capital* acerca do caráter progressista e civilizatório do capitalismo, que rebatem tal afirmação. A terceira diz respeito a não consideração dos efeitos da conformação do mercado na conformação da vida econômica contemporânea. Sombart retira trechos do livro III, mais especificamente do capítulo “Considerações históricas sobre o Capital Comercial” para demonstrar como, a partir da teoria de Marx, pode-se afirmar que o capitalismo generaliza os mercados, sendo que a constituição do mercado mundial um dos fatos cardinais do capitalismo segundo a análise de *Das Kapital*. Na sequência Sombart descreve 3 questionamentos que julga ter respondido em sua reconstituição do sistema marxiano: o fato do valor não ser empiricamente provado, uma vez que as mercadorias não são trocadas por seus valores; o fato dos trabalhos diferentes não poderem ser reduzidos ao trabalho abstrato; e a desconsideração dos trabalhos que não sejam manuais enquanto produtivos. Sombart responde essas objeções a partir de sua definição de valor como um fato conceitual, portanto não passível de prova empírica; na ideia de que o valor diz respeito ao trabalho social total, expressão da produtividade social do trabalho, que já está agregado; e na sua análise do trabalho produtivo em Marx, que agrega todos os setores que apoiam a produção. Sombart termina suas contraposições na ideia de que Marx desconsideraria o valor de uso. Utilizando-se de passagens selecionadas de *Das Kapital*, especialmente da discussão dos esquemas de reprodução, o autor insiste que o valor de uso ser entendido como suporte e não como causa do valor, não implicaria a sua desconsideração na análise de Marx (cf. *idem*, p. 202-206).

Sombart termina o seu texto no que parece um complemento à primeira objeção aos críticos de Marx. Sombart divide o pensamento econômico em duas perspectivas: a objetivista e a subjetivista. Marx, junto de Quesnay, Ricardo e Rodberthus, construiria sua formulação partindo e retornando ao

conjunto da sociedade economicamente ativa, buscando desvelar as conexões que condicionam em última instância as ações de atores econômicos e setores. A abordagem leva Marx a pensar como a vida econômica individual esta embebida e determinada pelas relações sociais, que condicionam o comportamento dos indivíduos de maneira independente da sua vontade. Marx construiria a dominação dessas forças externas através da longa cadeia de causalidade que envolve a determinação dos preços: a produtividade social do trabalho, expressa nos valores, e a proporção entre o produto e custo do trabalho produtivo, expressa na mais-valia, determinam a taxa média de lucro, que por sua vez determina os preços de produção, o qual determina os preços de mercado. A economia marxiana configuraria, portanto, num caso de objetivismo econômico extremo. Ela não tem como objetivo compreensão dos fenômenos econômicos em geral, mas a descrição das leis de movimento da economia capitalista. Tal tendência se opõe a economia subjetivista, que traduz a vida econômica em leis que partem da motivação psicológica dos agentes, especialmente através da ideia de utilidade. Essa segunda tradição, que teria precedentes nas contribuições de Turgot e Smith, seria a dominante no pensamento econômico daquela época. Para o autor ambas formas de reflexão não possuem muito em comum a não ser se proclamar como pensamento econômico. Sombart sugere que a maioria dos impasses entre as diversas leituras dos sistemas econômicos poderiam ser resumidos nessa tensão. Ele finaliza o seu texto questionando-se se seria possível uma síntese entre ambas perspectivas e estabelecendo as questões centrais sobre que guiam a crítica prospectiva do sistema objetivo de Marx (cf. *idem*, p. 198; 206-208).

Resumiu-se aqui aspectos da interpretação da contribuição marxiana em *Das Kapital* realizada por Sombart em suas dimensões retórica e interpretativa. Ambas dimensões se sintetizam na proposta absorção e não a refutação da contribuição de Marx enquanto referência para a ciência econômica. Sombart abre um flanco acadêmico de defesa às formulações de *Das Kapital* e divergência às leituras dessa obra até então empreendidas pelos economistas acadêmicos germanófonos. O autor acata a dualidade conceitual inerente ao sistema marxiano que, em sua interpretação, aparece projetada na oposição entre fato conceitual e fato empírico. Também aceita que a somatória

dos preços e das mais-valias determinam os preços, que chama de caráter regulatório dos valores sobre os preços. No fim de seu texto Sombart sintetiza ambas dimensões localizando Marx dentro de uma grande tendência do pensamento econômico, a economia objetivista, e descrevendo as questões sobre a qual sua crítica prospectiva do sistema marxiano deve ser apoiada.

Há outros aspectos do texto de Sombart a serem trabalhados. Estes serão apresentados a seguir, em contraste com a contribuição dos outros autores. A importância da contribuição de Sombart dentro do debate da conclusão do sistema marxiano não se resume apenas à qualidade de sua abordagem, à forma como Sombart conecta Marx a história do pensamento econômico, mas pelo ineditismo da defesa de Marx por um acadêmico da *Nationalökonomie* e como ela influi no debate sobre a conclusão do sistema marxiano. Ao fundar a vida econômica no caráter das mercadorias enquanto produtos, Sombart está seguindo Marx contra o paradigma da *Nationalökonomie* que fala de bens os quais são definidos como objetos que satisfazem necessidades. A questão da acumulação de capital, da relação entre capitalismo e produtividade do trabalho, predomina sobre o problema da alocação e das necessidades. Mesmo que ao fim do texto acene para uma possível reconciliação entre as perspectivas, Sombart sinaliza uma ruptura com o principal consenso da *Nationalökonomie* à adotar o ponto de vista de Marx. Esta não fora a primeira vez que algum intelectual germânico rompia com esse consenso, Rodberthus e Marx de certo modo já o fizeram, mas era a primeira vez que ele vinha de um acadêmico profissional. As contestações agora vinham de dentro da universidade. Ele provocaria reações nos movimentos sociais e na academia.

2.2 O milenar valor e o processo histórico de transformação de valores em preços: A crítica de Engels à Sombart

Nos últimos meses de sua vida, Friederich Engels tomou conhecimento da interpretação de Werner Sombart comentando-a duas vezes: em uma carta a Sombart datada de 11 março de 1895, e num compilado de artigos publicado após seu falecimento na *Die Neue Zeit* como “Ergänzung und

Nachtrag zum III. Buche des "Kapitals"⁷⁵. Esses comentários marcam o início de uma divergência entre a interpretação de Sombart e grande parte dos marxistas ditos ortodoxos.

No início da carta, Engels congratula Sombart pela resenha. Escreve que a leu com grande interesse e que lhe causou satisfação encontrar tal leitura de *Das Kapital* na academia alemã. O restante do documento é dedicado as discordâncias que Engels estabeleceu com a interpretação proposta em ZKOS. Engels sugere que Sombart definiu o conceito de valor de uma maneira muito ampla, atribuindo-lhe pouca especificidade histórica. A parte disso, Engels considera a abordagem do valor proposta em ZKOS correta no que é essencial. A crítica à leitura de Sombart acerca da formação da taxa de lucro é mais enfática. Segundo Engels, a sequência lógica pela qual Marx define a taxa de lucro é totalmente estranha aos agentes. Para Marx, o processo da equalização se imporia objetivamente aos capitalistas, para além de sua percepção subjetiva, como resultado da ação coordenada de todos os capitalistas em busca da maximização da taxa de lucro. Ela conduziria transferências de capital entre os setores com diferentes lucratividades, onde capitais seriam desinvestidos nos setores com menor lucratividade e reinvestidos naqueles com maior lucratividade. O resultado *ex post* desse constante movimento em busca de maiores taxas de lucro é uma tendência à sua equalização. Portanto, os capitalistas não buscam o lucro médio *ex ante*, calculando-o a partir da taxa média, como sugerido em ZKOS. Segundo Engels, se a consciência dos agentes fosse necessária para a transformação da mais-valia em lucro, esse problema já estaria resolvido em Smith ou mesmo em Petty. Engels vai mais a frente com seu argumento, insistindo que a equalização da taxa de lucro não é apenas um processo objetivo, mas um processo histórico, que não foi tratado no volume III com a devida profundidade⁷⁶. Engels sugere que esse processo se inicia numa condição onde as mercadorias são trocadas diretamente por seus valores, situação onde o valor tem existência direta e real. Ao fim de sua carta, Engels sugere que uma análise desse processo histórico originaria uma consideração suplementar a *Das Kapital* (*cf.* Engels, 1895a, p. 209-211).

⁷⁵ Complemento e Suplemento do terceiro livro de *Das Kapital*, numa tradução livre.

⁷⁶ Como vimos na seção 2.1. Sombart havia questionado a existência de tal processo.

A consideração suplementar sugerida por Engels foi escrita por ele próprio, porém não foi publicada antes de sua morte. O manuscrito em que ela estava inclusa, foi publicado na edição de 1895-1896 da *Die Neue Zeit*, logo após seu falecimento. Ele é composto de três partes, uma breve introdução que versa sobre a edição do livro III, um trecho intitulado “Wertgesetz und Profitrate” (Lei do Valor e Taxa de Lucro), mais completo, e outro chamado “Die Börse” (A Bolsa), interrompido abruptamente. O diálogo direto com a contribuição de Sombart é estabelecido em “Wertgesetz und Profitrate”, que corresponde quase que em sua íntegra na reconstituição do processo histórico da equalização da taxa de lucro, prometido na carta a Sombart.

Assim como os prefácios aos livros II e III, esse trecho parte de uma avaliação da recepção de outros autores à obra de Marx. O início do comentário de Engels acerca de Sombart, é extremamente elogioso, sublinhando o ineditismo do texto de Sombart no contexto da academia germanófona⁷⁷. Engels aqui repete a sua crítica sobre a definição valor em ZKOS esboçada na carta:

Em *Archiv für soziale Gesetzgebung*, de Braun, VII, caderno 4, Werner Sombart oferece uma exposição, excelente no conjunto, das linhas gerais do sistema marxiano. É a primeira vez que um professor universitário alemão consegue, de maneira aproximada, ver nos escritos de Marx o que neles foi realmente dito, declarando que a crítica ao sistema do autor não pode consistir em refutá-lo – “disso pode encarregar-se o arrivista político” –, mas apenas em continuar a desenvolvê-lo. Também Sombart, é evidente, ocupa-se de nosso tema. Investiga a importância que o valor desempenha no sistema marxiano e chega aos seguintes resultados: o valor não aparece na relação de troca das mercadorias produzidas ao modo capitalista; não vive na consciência dos agentes capitalistas da produção; não é um fato empírico, mas um fato mental, lógico; em Marx, o conceito de valor, em sua determinidade material, nada mais é que a expressão econômica do fato de que a força produtiva social do trabalho é a base da vida econômica; a lei do valor rege, em última instância, os processos econômicos numa

⁷⁷ Pode-se comparar a avaliação de Sombart àquela dos textos comentados no prefácio do volume III. Nele Engels não considera solução da transformação de valores em preços como correto, embora alguns aspectos dela estivessem claros nas contribuições de Lexis e Fireman. Analisando dessa perspectiva, o termo correto ganha peso enquanto elogio de Engels a Sombart.

ordem econômica capitalista e, de modo geral, tem para esse sistema econômico o seguinte conteúdo: o valor das mercadorias é a forma histórica específica em que se impõe, de maneira determinante, a força produtiva do trabalho, a qual, em último caso, rege todos os processos econômicos. É o que afirma Sombart; não se pode dizer que esteja incorreta essa concepção da importância da lei do valor para a forma de produção capitalista. Porém, parece-me que sua formulação é demasiadamente larga, suscetível de uma formulação mais restrita, mais precisa; a meu ver, ela não esgota de modo nenhum a importância completa da lei do valor para os estágios de desenvolvimento econômico da sociedade regidos por essa lei. (Engels, [1895b], p. 955)

Após analisar o comentário de Conrad Schmidt acerca do livro III, Engels abre a divergência de maneira clara ao fazer objeção ao argumento, comum a Sombart e Schimidt, de que a formulação da lei do valor é um processo puramente lógico. Engels argumenta que se trata de um processo histórico do qual as consequências lógicas foram extraídas em *Das Kapital*. Engels se ampara em duas afirmações do capítulo X do terceiro tomo de *Das Kapital* para defender essa tese. A primeira consiste em que os produtos do trabalho não seriam trocados enquanto mercadorias no modo de produção capitalista, mas enquanto produtos do capital, o que implica a formação da taxa de lucro e dos preços partir do capital total adiantado e não apenas de sua fração variável. A troca da produção capitalista enquanto produto do capital exigiria certo nível de desenvolvimento capitalista. A segunda consiste em que a troca por valores não é apenas um antecedente lógico, mas também um antecedente histórico da troca segundo os preços, que vale para as trocas entre produtores independentes na Antiguidade e na Idade Média. O corolário extraído de ambas observações é que as trocas entre mercadorias segundo seu valor antecedem o modo de produção capitalista, sendo que a teoria do valor escrita no livro I foi abstraída dessas situações. Em sociedades pré-capitalistas, a transferência de capital entre os diferentes meios de produção é muito difícil, o que impediria o movimento de equalização suposto por Marx no livro III. Portanto, as mercadorias seriam trocadas enquanto produtos do trabalho e não do capital, ou seja, segundo seus

valores e não seus preços. Essas situações são corporificadas na produção pré-capitalista dos artesãos e dos camponeses, donos de seus meios de produção, quando estes trocam seus excedentes (*cf.* Engels, [1895b], p. 955-958).

A partir desses fragmentos, Engels justifica a necessidade de uma consideração suplementar ao volume III que discorresse sobre a existência histórica da troca segundo os valores e descrevesse a transição das trocas fundamentadas nos valores para aquelas em seu fundamento no preço de produção. Engels funda sua teoria das trocas no que caracteriza como economia natural da aldeia. Seu argumento central é que, no mundo da aldeia, os processos produtivos necessários à manutenção da vida eram conhecidos pela totalidade dos aldeões, a parte a existência de alguma divisão do trabalho. Nessas condições, as trocas tinham seu fundamento no tempo de trabalho médio para a produção de determinado gênero, o único fator que equiparava os diferentes produtos. O mesmo princípio valeria para as trocas na cidade, entre camponeses e artesãos, uma vez que os últimos também possuíam noção do tempo de produção dos gêneros agrícolas e animais. Para os produtos com maior tempo de trabalho e certa intermitência na produção, como os cereais e o gado, esse tempo de trabalho era aproximado a partir de tateamento com o mercado. Nesses casos, era recorrente uma disjunção entre preço de mercado e valor, mas ela tendia a ser corrigida via o instinto a reposição de custos dos produtores. A estagnação técnica também ajudava a manter certa estabilidade desses preços e facilitava sua aproximação aos valores. A monetização, embora escondesse o fundamento das trocas da mentalidade dos agentes, não o substituía (*cf.* Engels, [1895b], p. 958-960).

Engels abstrai desse quadro o que chama de produção simples de mercadorias e generaliza sua validade, e com ela a validade empírica da teoria do valor, para um amplo período:

Em resumo: a lei marxiana do valor tem validade geral, desde que as leis econômicas valham para todo o período da produção simples de mercadorias, portanto, até o tempo em que esta experimenta uma modificação por meio da introdução da forma de produção capitalista. Até então, os preços variavam na direção dos valores determinados pela lei marxiana e gravitam em torno desses valores, de modo que, quanto mais

desenvolvida a produção simples de mercadorias, tanto mais os preços médios de períodos mais longos, não interrompidos por crises violentas e de origem externa coincidem com os valores, podendo -se desprezar os pequenos desvios. Portanto, a lei marxiana do valor tem validade econômica geral para um período que se estende desde os primórdios da troca que transforma os produtos em mercadorias até o século XV de nossa era. Mas a troca de mercadorias tem origem numa época anterior a toda a história escrita; numa época que, no Egito, remonta a pelo menos 3.500, talvez 5.000, e na Babilônia, a 4.000, talvez 6.000 anos antes de nossa era; a lei do valor vigorou, pois, por um período de cinco a sete milênios. (Engels, [1895b], p. 961)

Uma vez a produção simples de mercadorias descrita, abstraída e generalizada, Engels então esboça a reconstituição da transição para a produção capitalista de mercadorias, onde a troca é regida pelos preços de produção. Tal transição teria seu primeiro ato na atividade revolucionária, mas não premeditada, do comerciante. O lucro e a taxa de lucro apareceriam pela primeira vez na idade média através das sociedades comerciais, como resultado da compra e venda de mercadorias em diferentes mercados. A equalização das taxas nessas sociedades devido a fixação de preços de compra e venda por essas corporações. A equalização ali era sustentada não pelo movimento de capitais entre setores, mas pelas duras censuras a que se impunha àqueles que praticassem preços de compra e venda diferentes dos determinados pelas corporações comerciais. Ainda assim, as taxas de lucro divergiam segundo as corporações, ou seja, segundo as nações de cada comerciante e, às vezes, segundo cada mercado no qual cada corporação operava. Os lucros se equalizariam, via concorrência, inicialmente nos vários mercados de uma corporação e depois entre as corporações. Quando um mercado oferecia um preço mais alto por uma mercadoria, uma maior quantidade dela era ofertada nele, sendo que esse excesso dessa reduziria seu preço. Com a expansão dos mercados no século XVI, o comércio fica atrelado a corporações ligadas às grandes nações, o respaldo dado pelas corporações passa a ser cada vez mais apoiado pelos Estados. As sociedades comerciais se transformam em

corporações armadas em associação com os Estados Modernos, que estabelecendo a colonização de países inteiros. Nesse período também começam a existir grandes fortunas pessoais, iguais às de algumas corporações, que aumentam sua influência de acordo com que o Estado adquire mais importância na atividade colonial. A equalização da taxa de lucro vai se tornando assim menos a imposição de um código das corporações e mais uma exigência desse tipo de concorrência em que está atrelada aos capitais pessoais e os Estados Modernos (*cf.* Engels, [1895b], p. 958-960).

A taxa de lucro, bem como sua equalização existia, nesse período apenas para o capital comercial, uma vez que os produtores ainda eram proprietários de seus meios de produção. Nessa situação, os lucros assim só poderiam ser auferidos dos compradores estrangeiros de produtos nacionais e dos compradores nacionais de produtos estrangeiros, uma vez que no comércio interno predominava a produção simples de mercadorias. Só o desenvolvimento do capital industrial altera a situação. Ele se desenvolve inicialmente nos setores têxtil, da navegação e da mineração. Engels se concentra nos efeitos do primeiro setor para as trocas internas, uma vez que era ele que fornecia uma mercadoria que concorria diretamente com o artesanato no mercado interno. Nesse setor se processou a contratação dos artesãos por comerciantes que adiantavam meios de produção e recebiam parte do excedente da sua produção, situação conhecida como *Verlag system*. O comerciante, contratante do artesão, deveria vender sua produção ao mesmo preço dos concorrentes e só podia lucrar pressionando o salário do artesão. Aparecia ali a relação de extração de mais-valor. O comerciante inicialmente obtém um lucro extra, redistribuindo-o entre os artesãos, originando outros comerciantes e equalizando a taxa de lucro. O mesmo efeito se processaria com a produção manufatureira. Ela inicialmente corta custos, produzindo lucros exacerbados que são redistribuídos aos trabalhadores e à cadeia de compradores e vendedores ligadas ao empresário manufatureiro. Essa redistribuição do lucro extraordinário, permite aos coligados tornarem, eles mesmos, manufatureiros, copiando sua forma de produção, o que generaliza e impõe uma nova equalização da taxa de lucro (*cf.* Engels, [1895b], p. 960-967).

A grande indústria é o avanço final da produção capitalista sobre as formas pré-capitalistas de produção. A constante revolução dos métodos de produção torna também constante a redução dos custos, o que garante a conquista do mercado interno, através da destruição da produção artesanal e dos modos de produção anteriores. Os obstáculos que impediam a movimentação dos capitais entre os diferentes setores da produção tendem a ser removidos e o nivelamento das taxas de lucro agora abarca todos os setores comerciais e industriais. Portanto, o desenvolvimento da grande indústria culmina com a mobilidade dos capitais e a equalização geral das taxas de lucro numa única média. A grande indústria inicialmente revoluciona os setores de alta composição orgânica, para depois atingir aqueles de baixa composição orgânica como a agricultura. Nos setores de alta composição os preços de produção encontram-se acima dos valores, mas abaixo daqueles das mercadorias fabricadas através de métodos pré-capitalista. A primazia de custos sobre a concorrência garante uma taxa de lucro vigente em sua localidade que a aproxima do lucro comercial (*cf.* Engels, [1895b], p. 967-970).

O trecho é interrompido nesse momento, sem uma conclusão melhor amarrada. Suas implicações à luz do debate da conclusão do sistema marxiano, no entanto, são claras. O argumento central formulado por Engels consiste na ideia de que o valor é um fato empírico e histórico, cujas determinações foram abstraídas em *Das Kapital*, e não apenas uma ferramenta intelectual formulada e manejada nessa obra para determinado fim analítico. Sua existência social é, portanto, real e não virtual. Dada a impossibilidade de se comprovar empiricamente a existência do valor no modo de produção capitalista, onde as trocas não são pautadas por esse princípio, Engels retoma uma suposta situação anterior onde as trocas seriam fundadas diretamente no tempo de trabalho socialmente necessário para a produção de mercadorias. Postulada a existência histórica da transformação de valores em preços, seria possível o argumento de que os valores continuariam a existir no modo de produção capitalista, só que de forma oculta. A interpretação da seção I do livro I poderia ser ancorada nessa situação histórica.

Para chegar nesse resultado, a narrativa de Engels lança contraposições aos argumentos de ZKOS que combatiam a tese da existência

de um processo histórico da transição dos valores para os preços. Em ZKOS, a suposição de Sombart é de que, se houvesse o processo histórico de transformação de valores em preços, a produção capitalista deveria começar nos setores de baixa composição orgânica e se mover para os de alta, de modo que o movimento de penetração do capital nos diversos setores necessariamente deve coincidir o movimento dos capitais em busca da equalização de lucro descrito no terceiro tomo de *Das Kapital*. Como a evidência empírica não corrobora essa hipótese, Sombart nega a existência desse processo. Engels se contrapõe a Sombart, diferenciando o processo histórico de equalização da taxa de lucro do movimento lógico da equalização que se impõe uma vez estabelecido o modo de produção capitalista. Tal diferenciação permite a Engels reconstituição de um processo histórico não contraditório em relação ao processo de penetração do capital na produção, como sugerido por Sombart. A penetração do capital nos setores de diferentes composições orgânicas é sustentada pelo lucro auferido dentro dos setores de produção contra os resquícios do artesanato e não fora, contra os setores com coeficiente de trabalho vivo mais elevado. A equalização da taxa de lucro e as transferências de renda entre os setores afirma-se apenas de acordo com que a destruição das formas artesanais vai se impondo e destruindo as barreiras à mobilidade do capital. Portanto, o fato histórico de a produção ter começado também em setores de alta composição orgânica do capital, como a mineração e a navegação, não é um empecilho para o argumento favorável a existência do processo de transformação de valores em preços. No caso dos setores de menor composição orgânica, como o têxtil⁷⁸, a produção capitalista também não se inicia a partir de indivíduos livres das relações de classe, capitalistas deles mesmos, como argumentado em ZKOS, mas a partir de conexões entre o capital comercial e a produção artesanal sintetizadas no conceito de *Verlag System*. Elas se dão num estágio de desenvolvimento capitalista anterior ao da Grande Indústria, mas já apontam para a penetração do capital comercial na produção e para o estabelecimento de relações de expropriação entre artesão e capitalista.

⁷⁸ A narrativa de Engels supõe que nem o setor têxtil é bem um setor de baixa composição orgânica do capital, papel atribuído a agricultura. Em Sombart ele já aparece como um setor de baixa composição orgânica. Nesse trecho foi utilizada a nomenclatura de Sombart para deixar explicitar seu diálogo com Engels.

O outro grande ponto de divergência entre Engels e Sombart, melhor expresso na carta, diz respeito à questão da equalização da taxa de lucro. O debate quanto a esse aspecto incide sobre certa hierarquização do que foi apresentado no livro III. A equalização ali é apresentada uma tendência materializada pelo movimento do capital entre os diversos setores da produção, mas também como resultado do cálculo do lucro capitalista que parte do capital total adiantado e não de sua parte variável⁷⁹. Os autores caracterizam extremos nessas posições. Para Sombart essa equalização é um processo apenas mental, que estabelece o conceito de taxa de lucro e o que fixaria uma taxa média na mente dos capitalistas, mas que não tem efeitos materiais dada a existência dos monopólios. O movimento dos capitais está excluído de sua análise. Já posição de Engels é a de que o processo é objetivo, independente da mentalidade dos agentes. A equalização da taxa de lucro seria resultado *ex post* do movimento dos capitais e não produto de um cálculo *ex ante* dos agentes. Nessa leitura, o cálculo perde importância, aparecendo como reflexo do movimento dos capitais.

Ambas divergências apontam para um terceiro debate, travado de maneira implícita pelos autores. Tanto na formulação de Sombart do valor enquanto fato conceitual, quanto na da equalização da taxa de lucro enquanto uma operação mental dos capitalistas, predomina uma análise que parte das ideias, de como elas impactam a interpretação e agência numa realidade que é exterior a mente humana. A distinção entre fato empírico e fato conceitual na realidade é, antes de mais nada, uma distinção entre as mentalidades do agente da produção e do intelectual, não uma distinção entre a realidade nela mesma e consciência dos agentes, sugerida em *Das Kapital*. O intelectual, frente as suas necessidades, tece e usa categorias, da mesma maneira com que fazem os agentes da produção. Portanto, de ambos os lados, se trata de uma questão de ótica, de com qual lente se procura enxergar a realidade. A peculiaridade do intelectual é que ele pode usar suas ferramentas para compreender fatos objetivos da realidade, independentes da consciência ou vontade dos agentes,

⁷⁹ Há uma imbricação entre movimento objetivo dos capitais e mentalidade capitalista. Os capitais migram entre setores na busca de maiores lucros, sendo esse movimento regula a lucratividade dos setores a partir do controle da oferta de mercadorias em cada um deles. É possível defender que esse movimento não é totalmente independente da consciência dos capitalistas, porque a forma com que os capitalistas enquanto classe calculam a lucratividade condiciona seu movimento entre os setores.

que explicam determinadas tendências e comportamentos sociais que regulam a ação dos agentes. A consciência dos agentes impacta diretamente alguns fenômenos, enquanto a do intelectual tem repercussões mais indiretas. A taxa de lucro se impõe objetivamente porque é uma mentalidade compartilhada por muitos agentes, só por isso ela é empírica. Sombart se aproxima de Marx exatamente no sentido que vê em seu sistema a possibilidade de conjugar os fatores objetivos que regulam a atividade dos agentes, formulados pelo intelectual, com a própria consciência, ação destes e seus resultados na realidade. Engels possui uma visão distinta, que parte da ideia de realidade objetiva⁸⁰ que é decifrável em si, mas que ludibria os agentes. O intelectual pode acessar através de suas ferramentas a realidade do capital, decifrando-a em sua essência. Já os agentes teriam uma visão distorcida da realidade do capital que é condicionada pelo próprio comportamento do capital, jamais condicionadora deste. No sentido em que Engels se aproxima mais do realismo que Marx propõe em sua análise que Sombart.

Excetuando a controvérsia sobre a formação da taxa de lucro, mais lateral nesse momento do debate, podemos destacar dois pontos centrais de divergências para a questão da teoria do valor. O primeiro diz respeito ao realismo da categoria valor, no sentido que *Das Kapital* lhe confere. A caracterização do valor enquanto fato conceitual, que existe apenas na mente do teórico, faz da abordagem de Sombart mais cautelosa quanto a correspondência entre a realidade externa ao intelectual e a sua reconstituição pelo intelectual. Embora relaxe o realismo teórico que Marx propõe, essa leitura tem poucas consequências aos resultados da análise marxiana bem como suas conclusões. A possibilidade de uma prova empírica do valor é descartada, bastando a prova dedutiva para mantê-la. A resposta de Engels é exatamente contra essa relativização da teoria do conhecimento esboçada pelo materialismo histórico. O autor busca demonstrar a existência empírica do valor em contextos históricos pré-capitalistas e um processo em que o valor se oculta enquanto base da troca. Embora não esteja explícito, se deduz da argumentação de Engels que o valor segue como um regulador oculto da produção e das trocas, mas se torna opaco graças aos movimentos da concorrência, que agem na formação dos

⁸⁰ No mínimo uma realidade objetiva do capital, imposta por ele.

preços de produção. A existência da troca segundo os valores nos contextos de produção simples de mercadorias, somada da reconstituição de um processo histórico que explica como as mercadorias são trocadas pelos seus preços funciona como uma prova indireta da persistência oculta do valor enquanto regulador da produção do capital. É sobre essa prova empírica indireta que se situa a divergência. Sombart não considera a troca baseada no valor como uma realidade antes do capitalismo, nem considera a narrativa da transformação dos valores em preços compatível com o movimento de penetração do capital na esfera da produção. Engels produz uma resposta que complexifica a questão do processo a partir do qual as mercadorias passam a se trocar pela lógica dos preços, e propondo uma hipótese ampla sobre a existência do valor em situações pré-capitalistas.

Uma outra dimensão do debate, mais conhecida do economista contemporâneo, relacionada a prova de dedutiva da conexão dos valores em preços aparece na resenha crítica de Eugen Böhm-Bawerk. Ela é tratada em detalhe na seção seguinte.

2.3 A Contradição irreconciliável, falha fatal do sistema marxiano e a crítica à apologia de Sombart: A crítica de Böhm-Bawerk ao sistema marxiano

Doze anos separam a publicação de *Kapital und kapitalzins* e “Zum Abschluss des Marxschens Systems”. Foram anos importantes na biografia de Eugen Böhm-Bawerk. Quatro anos após a publicação de *Kapital und kapitalzins*, o autor publicaria sua teoria sobre a origem do juro e do crescimento econômico em *Positive Theorie des Kapitals*. Dois anos após, o autor seria convidado a trabalhar como chefe de seção do ministério Austríaco, atividade que exigiu sua mudança de Innsbruck para Viena. Nesse período, embora afastado da Universidade, Böhm-Bawerk continuou seu esforço de divulgação do pensamento econômico austríaco. Um exemplo são as publicações de dois artigos nos *Annals of the American Academy of political e social science* em 1890 e 1891, o primeiro versa sobre a polêmica germanófona acerca dos métodos indutivo e dedutivo na economia, o segundo resume o que é a economia e os economistas austríacos⁸¹. Böhm-Bawerk também se manteve ativo nas

⁸¹ Böhm-Bawerk & Leonard (1890,1891).

polêmicas referentes à questão do valor, escrevendo um artigo crítico à abordagem do economista Heinrich Dietzel e um verbete sobre o tema publicado em um dicionário de *Staatswissenschaften*⁸². Em 1895 Böhm-Bawerk é indicado ministro das finanças pela primeira vez, permanecendo por menos de um ano no cargo. É exatamente após esse primeiro período como ministro das finanças que Böhm-Bawerk publica *Zum Abschluss des Marxschen Systems* num volume de ensaios em homenagem a Karl Knies (cf. Lindenfeld, 1997, p.252, 261; Sweezy, 1949, p. vi, viii).

O ensaio é uma resposta não apenas à publicação do volume III, mas também a resenha de Sombart com a qual estabelece um firme diálogo. Sua retórica, embora estabelecida forma mais sutil, é tão incisiva quanto a de Sombart. Ao fim de seu texto, Böhm-Bawerk declara que o sistema marxiano possui presente, passado, mas nenhum futuro a frente. O autor sugere por vezes que Marx manipulou a apresentação e os resultados de seu sistema, obscurecendo os trechos que explicitam o fato de o trabalho contido não ser a única nem a principal determinante dos preços. Tal manipulação guiaria a apresentação das categorias de seu sistema, atrasando para o livro III a postulação das demais determinantes do preço. O instrumento justificar tal abordagem e ordem de apresentação seria a dialética, valorada enquanto uma forma não honesta de lógica, um *hocus pocus*. O objetivo de Marx seria da construção de um fundamento científico a um argumento de autoridade⁸³ que é favorável às convicções socialistas do autor. Böhm-Bawerk insinua que Marx esteve cego por essas convicções. Tal véu irracional e pseudocientífico é estendido aos seguidores de Marx que, segundo Bawerk, não o defendem pela coerência de seu sistema, mas por suas paixões, vontades e desejos. A parte do véu irracional legado aos socialistas, Böhm-Bawerk considera que parte do sucesso de *Das Kapital* se deve a lenta publicação dos volumes complementares, o que atrasou a percepção das falhas de seu sistema. Ao fim do texto, o autor clama pelo bom senso das lideranças socialistas para a escolha de abordagens que, segundo ele, são mais suscetíveis a sobrevivência. O autor

⁸² Böhm-Bawerk (1893, 1894).

⁸³ Böhm-Bawerk sugere que Marx na realidade extraiu sua opinião da abordagem escolástica do problema do valor que tem seu ponto de partida em Aristóteles e que reaparece em Smith e Ricardo. Segundo o autor, Marx daria um verniz científico a um argumento de autoridade baseado nesses autores ao forjar uma prova do valor.

elogia o socialismo, sua contribuição teórica para a economia e prática para os estadistas. Por fim argumenta que, assim como houve vida para o socialismo anterior a Marx, existirá vida para o socialismo após Marx (cf. Böhm-Bawerk, 1949, p. 3; 66-67, 73, 77-78, 80, 88-90, 116-117).

Esse argumento contra a cientificidade do sistema marxiano e em prol de seu abandono, direcionado primeiramente aos economistas socialistas, está estruturado em 5 seções. Nas duas primeiras se Böhm-Bawerk trata, respectivamente, da formulação da teoria do valor do livro I e da teoria dos preços de produção do livro III. Na seção III o autor se volta à exposição da contradição irreconciliada entre as duas teorias. Na seção IV o autor trata do que considera o erro fatal do sistema marxiano, origem das contradições expostas na seção III. Na última seção é discutida a interpretação de Sombart do sistema marxiano. Dado que as primeiras seções discutem assuntos já tratados aqui, dispensa-se uma apresentação mais profunda de ambas. O único ponto a se ater sobre essas seções é que Böhm-Bawerk constrói as teorias do valor trabalho e dos preços de produção enquanto duas teorias dos preços relativos, ou seja, duas teorias que explicam as proporções relativas pelas quais se estabelece a equivalência de duas mercadorias numa situação de troca⁸⁴.

O início da crítica Böhm-Bawerk à Marx parte se dá prova da derivação da condicionalidade dos valores sobre os preços. Trata-se exatamente de um tópico que Sombart destacara como o fundamento do sistema marxiano, mas evitou em seu texto:

Profits are regulated by the ratio of surplus-labour to necessary labour: the total surplus value equals total profit. Why, therefore, the rate of profit at a given moment is 20 percent and not 200 percent or 2,000 percent, necessarily depends on the total surplus value of society, which is divided between the capitalists, etc. It cannot be the object of this sketch to describe in detail the conditionality of economic phenomena following from the law of value and surplus value, for that would mean reproducing the Marxian system, whose content consists of nothing more than showing this conditionality. (Sombart, 2017, p. 198)

⁸⁴ Esse um ponto de partida distinto daquele de Sombart, que liga a teoria do valor a acumulação de capital aos efeitos da produtividade do trabalho sobre os preços, e têm importantes desdobramentos na sua crítica.

Böhm-Bawerk postula que as proposições básicas de Marx, sobretudo a de que o preço relativo das mercadorias é explicado unicamente pelo trabalho contido nelas, e a forma como seu sistema evolui, a introdução de uma teoria dos preços de produção, coloca uma contradição que não é conciliada dentro do sistema. Marx tentaria contorná-la afirmando de que os preços de produção são regulados apenas em última instância pelo trabalho contido nas mercadorias. Essa tese não seria defendida num único argumento por Marx, mas em raciocínios interligados, sintetizados por Böhm-Bawerk em 4 argumentos: o da igualdade entre as somatórias dos preços de produção e valores, o do controle do movimento dos preços de produção pelos valores, o do governo direto da lei do valor sobre as trocas em certos estágios primitivos de desenvolvimento, em que a passagem dos valores para os preços de produção ainda não se concluiu, e a regulação indireta e em última instância dos preços via a massa de mais-valia. Böhm-Bawerk estrutura o restante da seção III a partir da resposta a esses argumentos. Quanto a questão da igualdade entre a somatória dos preços de produção e dos valores, o autor critica o tratamento dos valores a partir de sua somatória. Ao estabelecer relações a partir da somatória dos valores, essa abordagem ignoraria a relações que os valores estabelecem entre as mercadorias, tópico central sob o qual versa as teorias do valor, o que por sua vez mascararia as divergências fixas entre os valores das mercadorias e os preços de produção na teoria de Marx. Em seu lugar apareciam raciocínios ligados ao produto como a igualdade entre a somatória dos valores e dos preços. Essa seria uma identidade contábil válida, mas vazia de significado teórico, cuja única função é a validação do pensamento de Marx. Quanto ao segundo argumento, do controle do movimento dos preços pelos valores, Böhm-Bawerk afirma que ele só se mantém válido sob uma hipótese de *ceteris paribus* que mantém outras determinantes do preço constantes no raciocínio. Assim, exclui-se o efeito de outros fatores determinantes dos preços de produção, por exemplo, o tempo de circulação das mercadorias. O terceiro argumento diz ao tema já tratado da existência ou não da troca baseada diretamente no tempo de trabalho contido nas mercadorias em condições pré-capitalistas ou de menor desenvolvimento do modo de produção capitalista. Böhm-Bawerk ignora a contribuição de Engels, se restringindo aos apontamentos do livro III sobre o tema. O autor argumenta que a hipótese indiferença dos produtores em relação

ao capital fixo, projetada por Marx para períodos primitivos, é economicamente e psicologicamente infundada. O autor usa de uma demonstração por absurdo via um exemplo em que se supõe um grande capital fixo para um produtor, proprietário dos meios de produção, no qual a recuperação de seu investimento seria afetada pela desconsideração de seu investimento em capital fixo. Böhm-Bawerk chama mais uma vez atenção para a desconsideração do tempo de circulação das mercadorias por Marx, agora projetado sobre o problema do capital fixo. Quanto a questão da transição dos valores para os preços, Böhm-Bawerk se restringe a reproduzir o argumento de Sombart, não sem antes deixar claro que esse é o único ponto de concordância entre ambos (*cf.* Böhm-Bawerk, 1949, p. 39-50).

O último argumento atacado por Böhm-Bawerk é o da regulação em última instância dos valores sobre os preços, via a determinação da taxa de lucro pela razão entre a massa de mais-valia e o capital social total. A parte seu protesto em relação a consideração de efeitos do agregado sobre as trocas individuais, Böhm-Bawerk considera essa determinação em parte correta. Porém, considera que Marx esqueceu um fator importante na determinação dos preços de produção: o preço do trabalho, o qual junto da quantidade de trabalho compõe o capital variável adiantado, determinante dos preços de produção. Os salários não seriam determinados pelos valores, mas também sujeitos aos desvios de mercado como todo preço na teoria de Marx. Portanto, fatores estranhos ao tempo de trabalho, como a somatória dessas massas de salários, bem como a somatória dos lucros sobre os desembolsos salariais, passariam a determinar os preços. Se deduz disso que o capital social total, determinante da taxa média de lucro, não pode ser determinado em valor porque ele também depende do nível dos salários. Assim, têm-se no capital social total mais um fator determinante dos preços definido em termos estranhos a teoria do valor trabalho. Na produção individual das mercadorias, além da somatória dos preços das mercadorias e do salário dispendido no setor, um terceiro determinante do preço estranho a teoria do valor aparece: o capital adiantado, a ser remunerado. A conclusão de Böhm-Bawerk é que o trabalho contido nas mercadorias não é a única condição que determina as relações de troca entre elas. Assim, o valor é um fator explicativo dos preços e não o fator explicativo dos preços, o que

contradiz a formulação e prova da teoria do valor trabalho por Marx no livro I (cf. *idem*, p. 50-63).

Böhm-Bawerk não se dá por satisfeito ao expor a contradição irreconciliável entre a teoria do valor do livro I e a teoria dos preços de produção do livro III. Ele afirma que, para que um sistema seja derrubado, é necessário localizar o momento em que erro se dá no sistema e como ele se espalha. A seção IV é dedicada a análise do erro fatal no sistema marxiano. Böhm-Bawerk atribui esse erro à proposição que o valor das mercadorias é regulado exclusivamente pela quantidade de trabalho contido nelas. Ele ataca esse argumento de três formas: questionando a prova de Marx para essa teoria, questionando a forma como Marx agrega os diferentes trabalhos concretos e questionando o rebaixamento da concorrência enquanto determinante do valor. O primeiro tópico já fora desenvolvido com alguma profundidade em *Kapital und Kapitalzins*, de modo que argumentos se repetem: a crítica a opção por uma prova negativa, a confusão entre abstração de um gênero com a abstração de suas formas na questão do valor de uso, a fuga de uma teoria que explique o preço relativo dos produtos da natureza. O que é adicionado em relação ao argumento de 1884? Em primeiro lugar, a hipótese de que Marx sabia, por via da evidência empírica, que os preços relativos não eram explicados pelo trabalho contido nas mercadorias, sendo que sua operação lógica consiste em escamotear tal conclusão. Parte dessa operação seria apresentar inicialmente a teoria do valor como explicação única dos preços de produção. Um segundo adendo aparece na crítica à abordagem Aristotélica, associada a Marx, de que o valor de que os preços relativos são estabelecidos via igualdade de um fator que dá comensurabilidade aos bens. Segundo Böhm-Bawerk a troca é determinada antes de mais nada pela desigualdade dos bens, pelo desequilíbrio e não pelo equilíbrio. Um terceiro elemento é o reconhecimento da dualidade entre bens e mercadorias. Böhm-Bawerk considera como parte da operação de controle de resultados aplicada por Marx no livro I, a adoção das mercadorias como unidade de análise. Essa unidade seria mais restrita que os bens, auxiliando na exclusão dos objetos de troca que desmentem a teoria do valor trabalho como, por exemplo, os produtos da natureza. Böhm-Bawerk também

alega que Marx confunde e mistura os termos valores, valor-de-uso, coisas, bens e mercadorias em sua apresentação (*cf. idem*, p.64-79).

Böhm-Bawerk passa a questionar o tratamento de Marx aos trabalhos concretos e complexos. Marx reduziria trabalhos de diferentes qualidades e quantidades em trabalho de diferentes quantidades. Tal dedução seria incorreta porque confunde a hipótese de os trabalhos contarem como de um tipo só, com o fato deles serem um tipo só. Böhm-Bawerk atribui à a redução dos trabalhos complexos em trabalhos simples um caráter circular. Sua função é justificar o raciocínio de Marx e não explicar a redução dos trabalhos. A circularidade estaria na fundamentação de tal tese no pressuposto de que a tradição e o processo social reduzem o trabalho. Böhm-Bawerk critica a ausência de explicações sobre como a tradição e processo social operam essa redução. Böhm-Bawerk atribui a Grabski, um seguidor de Marx, a explicação de que o trabalho complexo é formado pelo tempo gasto na formação da mão de obra que executa as atividades complexas. O autor, mais uma vez via exemplo, faz uma demonstração por absurdo da não validade dessa hipótese, sugerindo novamente que a consideração do tempo de circulação das mercadorias, no caso da mercadoria força de trabalho, resolveria o problema.

O último elemento do erro fatal do sistema marxiano é o rebaixamento da concorrência e de seu poder explicativo na determinação dos preços relativos. Antes de buscar a definição marxiana da concorrência, Böhm-Bawerk dá sua própria definição a ela: a concorrência consiste na soma de todos os motivos psicológicos e impulsos que determinam a ação de negociantes no mercado. Há motivos dos compradores, que pode ser resumida na oferta, e dos vendedores, que pode ser resumida na demanda. Nesse conflito se formam preços⁸⁵. Böhm-Bawerk ataca a ideia de Marx de que essas forças se anulam. A determinação dos preços seria dada pelas forças da oferta e da demanda, inclusive pela parte destas que é excluída do mercado, e não pela anulação dessas forças. Marx acabaria por ignorar esse papel ao tratá-las a partir da ideia de cancelamento, não as analisando em sua profundidade. Assim, desvios fixos dos preços de produção, que se estabelecem entre valores e preços de produção e entre os

⁸⁵ Böhm-Bawerk se aproximação à diferenciação entre valores e preços esboçada nas contribuições de Soden e Lotz, mencionada na seção 1.1.3.

últimos e os preços de mercado, seriam normalizados, justificando a teoria do valor trabalho. Böhm-Bawerk insiste que o uso de uma abordagem psicológica levaria Marx a outras conclusões sobre a função da oferta e da demanda na determinação dos valores (*cf. idem*, p.80-101).

Explicitada a contradição irreconciliável do sistema marxiano e seu erro fatal, resta a crítica a apologia do sistema marxiano por Sombart. Böhm-Bawerk considera, antes de mais nada, a interpretação de Sombart sobre Marx como uma nova interpretação, irreconciliável com o ensino marxiano. O autor considera impossível, para o ponto de vista de Marx, a suposição de que as trocas descritas no livro I são imaginárias e que a conclusão de que os preços são governados por uma lei do pensamento. O autor ironiza a interpretação de Sombart da lei do valor como fato conceitual, questionando-se se tal interpretação seria aceita pelos marxistas. Ele cita como exemplo a abordagem de Conrad Schmidt que lega a lei do valor o *status* de lei da ação humana. Ainda assim, o autor passa a discutir a interpretação de Sombart em seus termos. O primeiro tópico tratado é a justificativa do valor enquanto base da abordagem do fenômeno econômico. Böhm-Bawerk considera esse ponto de partida correto. O problema seria o nome valor, não apenas diz respeito a propriedade comum que torna as mercadorias comensuráveis, mas a propriedade que estabelece proporções de troca entre as mercadorias. Do ponto de vista de Böhm-Bawerk, Sombart justificara um princípio a partir de um raciocínio estranho a ele, como um físico que baseia suas afirmações sobre ótica em princípios da dinâmica. A outra crítica de Böhm-Bawerk diz respeito a diferença entre o valor ser o fato objetivamente mais relevante, como ele alega, ou valor ser o único fato explicativo da troca, como Marx parece sugerir⁸⁶. O fato de o valor ser o fator objetivamente mais relevante na determinação dos preços não excluiria a consideração dos demais fatores na análise. Böhm-Bawerk termina sua crítica a formulação do valor de Sombart destacando a contradição entre o valor ser o elemento objetivamente mais importante e o fato dele estar preso a mente do intelectual. De seu ponto de vista ou ele lhe dá com os fatos, ou fica

⁸⁶ Do ponto de vista de Böhm-Bawerk a interpretação de Sombart não dá validade empírica para a formulação do valor de Marx. O autor desafia Sombart a esclarecer esse ponto.

entrincheirado na mente do intelectual servindo apenas como uma ferramenta para o pensamento (*cf. idem*, p.102-112).

A última questão que Böhm-Bawerk responde a Sombart diz respeito a sua distinção entre as abordagens objetiva e subjetiva do fenômeno econômico. Segundo ela, Marx explicaria a ação humana a partir de impulsos objetivos e irracionais. O autor austríaco defende que em todos esses casos o fator irracional e objetivo deve aparecer em conformação com o impulso interno dos agentes. A compreensão das conexões objetivas só faria sentido, portanto, em conexão com conexões subjetivas. Não apenas isso, para o recorte do problema econômico que lhe dá com a ação humana consciente e com o cálculo, os fenômenos objetivos são menos importantes, apenas complementares para a compreensão da ação econômica. Por fim, o problema não seria o método objetivo em si, mas a teoria de Marx que, antes de mais nada, faz parte do gênero das teorias erradas. Böhm-Bawerk termina respondendo as questões do fim do artigo escrito por Sombart. À questão de se o sistema objetivo é complementar ou exclusivo ao subjetivo, ele responde que sim, à questão de se o valor pode auxiliar a determinar a análise do fenômeno econômico em sua determinação quantitativa, ele também responde positivamente, à questão de o trabalho ser a substância do valor, ele responde negativamente, à questão da teoria de Marx poder ser disputada, ele responde positivamente. O que se segue após essa apreensão é o veredito da ausência de futuro da teoria marxiana, e o convite aos teóricos socialista ao seu abandono (*cf. idem*, p.102-112).

Finda a reconstituição da teoria de Böhm-Bawerk, fica a questão de como posicioná-la no debate até aqui reconstituído. Um primeiro ponto a posicionar a contribuição de Böhm-Bawerk é em relação a sua crítica anterior a Marx, empreendida em *Kapital und kapitalzins*, e aos demais textos discutidos na seção. O ponto de continuidade segue sendo a definição da ação econômica e do sujeito desta ação a partir do conceito de necessidades, o qual define os fenômenos econômicos de uma lente psicológica e subjetiva ação econômica. Essa abordagem continua projetada numa leitura específica da teoria do valor. Böhm-Bawerk insinua mais de uma vez que Marx obteria resultados melhores em seu sistema se reconhecesse a natureza psicológica e subjetiva do fenômeno econômico. Porém, um novo elemento é adicionado a

esse raciocínio em ZAMS: existe um método correto para captar o fenômeno econômico, considerando a sua natureza. Trata-se do método que Böhm-Bawerk chamada de método psicológico. A delimitação desse método é inspirada no *Grundsätze der Volkswirtschaftslehre*, publicados pelo seu mentor Carl Menger em 1871. No prefácio do livro, Menger anuncia em que medida contínua e em que medida propõe uma ruptura com o pensamento econômico germanófono:

Esse é o método que seguiremos na presente obra. Na exposição que segue, procuramos reduzir os complexos fenômenos da economia humana aos elementos mais simples, ainda acessíveis à observação segura, dar a cada um desses elementos simples o peso que por natureza lhes cabe e, com base nisso, investigar novamente como os fenômenos econômicos mais complexos evoluem normalmente a partir de seus elementos mais simples.

As tentativas até agora feitas no sentido de transferir pura e simplesmente as características do método das ciências naturais para a pesquisa no setor da Economia Política têm levado aos mais graves erros metodológicos, como comparar os fenômenos da Economia Política com os das ciências naturais em bases analógicas puramente externas.

"Com grande leviandade e desvario descrevem e por vezes inventam falsas semelhanças e analogias entre as coisas",

diz Bacon, referindo-se a pesquisadores desse jaez - uma frase que se aplica ainda hoje e, por mais curioso que seja, precisamente àqueles investigadores da nossa ciência que se proclamam incessantemente discípulos de Bacon, embora ignorem profundamente o espírito de seu método. (Menger, [1871], 240)

O método proposto por Menger romperia com a transferência pura e simples das características dos métodos das ciências naturais para o fenômeno econômico, criando um método próprio para lidar com ele⁸⁷. Trata-se de uma ruptura com o pensamento econômico germanófono corrente que é marcada por duas inovações. Em primeiro lugar, Menger rejeitaria o holismo predominante na

⁸⁷ Como mencionado na nota 21 o método da história natural de Linnaeus influenciou nas abordagens germanófonas dos problemas econômicos quando estes ainda eram classificados como parte das *Kameralwissenschaften*, durante o século XVIII e início do XIX.

Nationalökonomie e adotando o individualismo ontológico e metodológico. Para ele, a economia de um povo seria a somatória das economias individuais, que se conectariam pelo comércio, mas que não perderiam a sua individualidade. O individualismo metodológico está proposto no trecho acima quando Menger postula que o fenômeno econômico deve ser traçado a partir de seus elementos mais simples, classificados segundo sua natureza, a partir dos quais se reconstituí os fenômenos mais complexos. O segundo é uma opção construtivista de abordagem que usa dos tópicos fundamentais dos livros textos do pensamento econômico alemão da época enquanto corpo de um argumento único, desenvolvido segundo o pressuposto do individualismo metodológico. Assim, sucedem-se em seu raciocínio a necessidade, a utilidade, o bem, o valor, os elementos de produção, o preço e o dinheiro. Como bem resumido por Böhm-Bawerk, no método psicológico esses elementos seriam deduzidos dos motivos psicológicos que levam os agentes a troca. A parte isso, seu recorte da ação econômico, do sujeito econômico e do fenômeno econômico segue a tradição da *Nationalökonomie*. (Lindenfeld, 1997, p.247-248).

A crítica estabelecida em ZAMS pode ser entendida como uma projeção não só do recorte dos fenômenos econômicos da *Nationalökonomie* e de sua abordagem do valor para a contribuição de Marx, como já acontecia nos anos 1870 e 1880, mas da projeção do método de Menger para o sistema marxiano. Essa projeção é facilitada por que há uma analogia aparente entre a análise e a forma de apresentação do fenômeno econômico proposta por Menger e àquela proposta por Marx no livro I. Assim, como a proposta de Menger, o sistema de Marx também possui uma unidade da qual parte a sua análise, a mercadoria⁸⁸ e também parte de uma teoria do valor que explica as proporções relativas pelas quais se trocam as mercadorias⁸⁹. Essa analogia permite à Böhm-

⁸⁸ Essa, diferente do bem, não seria definida apenas a partir de seus atributos enquanto valor de uso, mas a partir da natureza da sua produção, voltada para a troca.

⁸⁹ As divergências se dão do ponto de vista do recorte que introduz a análise dos fenômenos econômicos e do princípio que estabelece as proporções de trocas entre as mercadorias. Em relação a primeira questão, os fenômenos econômicos ainda são tratados por Menger a partir do recorte que descreve a ação econômica como àquela que o ser humano dirige para a satisfação das suas necessidades, para Marx o problema legado à economia é o da compreensão das leis de movimento do modo de produção capitalista, uma formação histórica específica que define o mundo moderno. Quanto ao segundo tópico, enquanto para a perspectiva psicológica é a utilidade que determina essas proporções para Marx, ao menos numa primeira aproximação, é o trabalho contido nas mercadorias que faz essa função.

Bawerk atribuir o mesmo construtivismo e individualismo presente no método psicológico para Marx. Desse ponto de vista, no livro I, Marx seguiria os passos corretos para a formulação do pensamento econômico, sendo o que está em juízo são os fatores que ele julga como determinantes do fenômeno econômico e dos preços relativos estabelecidos entre as unidades de seu sistema, além dos critérios os quais ele usa para delimitar a unidade de seu sistema. Porém, quando Marx desenvolve sua teoria dos preços de produção, rompendo não só com a teoria do valor enquanto explicação dos preços relativos, mas com o aparente individualismo e construtivismo da sua construção no livro I, tal movimento é interpretado por Böhm-Bawerk como uma violação lógica do sistema marxiano e não como a violação da lógica específica sob a qual Böhm-Bawerk quer erguer a teoria econômica.

Essa leitura tem um contraponto na resenha de Sombart, no qual o valor não é considerado nos termos em que fora inicialmente proposto no livro I, mas nos termos que toma no livro III. Sombart considera os efeitos do valor do todo, a massa de mercadorias produzidas, para as partes, a mercadoria individual. Ele parte do fenômeno da valorização do capital, como um dado, e busca entender a partir desse processo os preços relativos são afetados. Assim o valor apenas é uma hipótese de explicação do crescimento da massa de mercadorias que destaca os efeitos da produtividade do trabalho nos preços, aspecto central a partir do qual a produção capitalista age sobre a vida social e, conseqüentemente, sobre fenômenos econômicos como os preços. Esse recorte não exige que a produtividade social do trabalho seja seu único fator explicativo, de modo que uma incongruência parcial entre o todo e as partes não seria um problema deste ponto de vista, pois o seu objetivo é a compreensão das leis de movimento do modo de produção e não “constatar a existência de uma teoria abrangente do preço, de perspectiva unitária, correspondente à natureza das coisas e englobando todos os tipos de fenômeno monetário a ele referentes” (Menger, 1983, p.141). Em suma, sob a pena de Sombart, a teoria de Marx é uma abordagem holista que usa de um conceito central, o valor, para destacar os principais efeitos do modo de produção sobre os preços. A leitura de Böhm-Bawerk é exatamente a oposta, pois presume o individualismo e construtivismo da abordagem de Menger projetado na contribuição de Marx. Para isso, o autor

tem de representar a teoria do valor enquanto uma teoria dos preços relativos, sem que esta mude de significado quando o sistema é analisado como um todo. Desse modo, o pressuposto do livro I não pode ser abandonado, de modo que há no sistema marxiano duas teorias dos preços relativos. A crítica de Sombart por Böhm-Bawerk faz-se necessária a medida em que é necessário desmentir a abordagem alternativa enquanto uma leitura incoerente com os ensinamentos. Seu argumento é em parte verdadeiro, Sombart relaxa realismo da abordagem marxiana, confinando a teoria do valor na mente do intelectual. Embora, conforme discutido acima, essa colocação não totalmente incorreta, ela exacerba as discordâncias e ignora as concordâncias entre Engels e Sombart, retratadas na seção acima⁹⁰.

A conclusão dessa contraposição entre essas duas leituras para o texto de Böhm-Bawerk é que ele prossegue uma interpretação conservadora do sentido que a teoria do valor adquire no texto de Marx, à medida que mantém a leitura de Marx nos termos mais próximos da apreensão que a obra teve nos anos 1870 e 1880, como uma teoria incompleta da determinação dos preços relativos para mercadorias individuais. Essa manutenção tem uma componente complementar, a leitura que Böhm-Bawerk projeta sobre o método dialético. Antes de aceitar as justificativas de Marx que embasam seu modo de apresentação e a dualidade de sistemas categoriais resultantes, que foram resumidos acima⁹¹, o autor passa a um argumento que o real motivo da ordem de apresentação de Marx é manipular o resultado de que o trabalho é a única fonte do valor. Tal alegação é um argumento *ad hoc*, para o qual não há nenhuma prova ou evidência. Ele reforça as incompatibilidades metodológicas entre a abordagem de Böhm-Bawerk e a de Marx. Para Böhm-Bawerk não é possível alcançar um conhecimento objetivo por outros meios que se não a psicologia dos agentes. Não existe fetiche ou outro tipo de véu falseador na realidade, e se ele existe não pode ser desvelado. Nem por ferramentas da mente dos intelectuais, nem numa investigação minuciosa do concreto que o

⁹⁰ O texto do primeiro autor, inclusive é solenemente ignorado por Böhm-Bawerk, mesmo quando é discutida a determinação direta dos preços de produção pelo valor na produção simples de mercadoria. Dado a proximidade dos textos é impossível inferir se tal lacuna é proposital ou meramente acidental. Fato é que, como mostra em seu prefácio, Böhm-Bawerk tinha conhecimento da centralidade de Engels para o debate da conclusão do sistema marxiano.

⁹¹ No item 1.2.2.

reconstitua enquanto concreto pensado. Nesse sentido, não seria exagero afirmar que, seguindo o raciocínio Böhm-Bawerk, qualquer abordagem da economia teórica que não parta das percepções subjetivas poderia ser uma manipulação de resultado assim como a de Marx⁹².

A grande novidade que aparece na contribuição de Böhm-Bawerk é sua insistência, correta, de que variações no salário romperiam com a linearidade do sistema marxiano, colocando as relações entre valor e preço em cheque para abordagens a longo prazo. É exatamente nesse ponto que Böhm-Bawerk consegue questionar a demonstração da condicionalidade que sustenta o sistema marxiano formulada segundo Sombart. Essa é uma questão para qual não haveria resposta àquele momento e que origina o centenário debate da transformação dos valores em preços. Como não havia resposta para essa questão na época um comentário sobre essa questão é legado para uma futura discussão sobre a economia marxiana a pós a publicação dos manuscritos completos de Marx⁹³.

Duas considerações finais considerações de amarração fazem-se necessárias aqui. Primeiramente, a parte a ausência de evidências sobre o estatuto do salário no sistema marxiano, se sua determinação sobre os preços era uma falha do sistema ou um problema reconhecido no mesmo, não é possível separar essa questão daquela dos distintos olhares da ciência econômica neoclássica e marxiana, como faz Sweezy e os que o seguem sua construção. A leitura desses autores parte do pressuposto de que existem dois sistemas de preços relativos no argumento de Marx, ou seja, aderem a leitura de Böhm-Bawerk de que a teoria do valor é uma teoria do preço relativos da mercadoria individual. Nesse sentido o esforço de separar as premissas lógicas

⁹² Curiosamente o autor classifica apenas a abordagem de Marx enquanto pertencente ao gênero das teorias erradas. Os exercícios de Böhm-Bawerk para restringir sua crítica a Marx, embora seus pressupostos se apliquem a uma gama maior de autores são interessantes. Ao mesmo tempo ele afirma que não possui problemas com formulações que partam do método objetivo e que o método objetivo é apenas complementar, sendo que os fenômenos objetivos devem ser captados a partir dos impulsos internos dos agentes, ou seja, a partir da perspectiva subjetiva.

⁹³ A perenidade do questionamento pode ser atribuída as modificações que Engels fez nos manuscritos de Marx, modificações que tornaram opacas as partes em que Marx deixava clara a hipótese de constância dos salários para manutenção da igualdade. Não por acaso a formulação resposta para essa questão é coetânea com a publicação dos manuscritos preparatórios para *Das Kapital* pela MEGA. As modificações de Engels são resumidas em Moseley (2015a) e a interpretação lógica que de conta dessa problemática esta sintetizada em Moseley (2015b).

de Marx das de Böhm-Bawerk é incompleto neles. O segundo ponto diz respeito à famosa alegação de que Böhm-Bawerk refutou Marx. A pergunta correta sobre a refutação de Böhm-Bawerk a Marx não diz respeito ao fato de se ela ocorreu ou não, em termos lógicos puros. O questionamento correto é o dos pressupostos que permitem dizer que Böhm-Bawerk refutou Marx e das condições em que eles se sustentam. A resposta é que existem 3 pressupostos: que a teoria do valor diz respeito a uma teoria dos preços relativos e não tem seu significado alterado no livro III, transformando-se em uma hipótese sobre a origem da riqueza nas sociedades capitalista que torna possível a formulação da valorização do capital e de suas consequências; que o efeito dos salários sobre os preços é uma falha e não um pressuposto do sistema marxiano; e que o recorte da economia, mais especificamente a abordagem correta da economia teórica, é aquela que está baseada no que Böhm-Bawerk chama de método psicológico e no recorte de ação, agente e fenômeno econômico que ele pressupõe. Em última instância, se a teoria do valor é considerada um axioma do sistema marxiano e a rigidez de salários uma hipótese, apenas o reconhecimento do recorte de economia proposto por Böhm-Bawerk, de sua metodologia e de seus pressupostos como os únicos possíveis para economia sustentam a alegada refutação. Portanto, do ponto de vista deste trabalho considera-se a refutação de Böhm-Bawerk a Marx está baseada em diferentes premissas metodológicas de dois sistemas de economia e não em um erro de lógica pura de qualquer um dos autores.

2.4 Rumo a uma conclusão

2.4.1 A transformação da recepção de Marx: síntese e condições de possibilidade

Até aqui foi descrita a evolução da recepção da crítica à Economia Política marxiana pela *Nationalökonomie*. A linha mestra que estruturou essa narrativa foi a da cronologia do processo de publicação dos volumes de *Das Kapital*, dos prefácios de Engels sobre a obra e de comentários provenientes de outros autores. O resultado até aqui obtido é o de uma transformação na forma com que a *Nationalökonomie* compreendia a obra de Karl Marx, que se inicia a partir dos meados da década de 1885 com o estabelecimento do debate da conclusão do sistema marxiano. A contribuição de Werner Sombart é a

expressão máxima dessa transformação. Pela primeira parte dos elementos consensuais que a *Nationalökonomie* presumia em seu recorte da ação econômica, do sujeito econômico e dos fenômenos econômicos é rompida por um economista acadêmico. Sai-se do paradigma do homem e suas necessidades, com sua proeminência subjetiva, psicológica e alocativa, para o paradigma da produção capitalista da vida econômica, ancorada numa visão objetiva, centrada no problema do crescimento e da exploração. Tal ruptura é respondida com a ácida crítica de Böhm-Bawerk a Marx e Sombart, a qual tem entre seus objetos o de expulsar o corpo estranho desse paradigma e afirmar a preponderância de uma nova forma de análise do fenômeno econômico. É essa disputa pela adoção ou rejeição da Crítica à Economia Política pela marxiana pela *Nationalökonomie*, difere do consenso sobre a rejeição da obra de Marx que marcava os anos 1870 e parte dos anos 1880.

É fato que a condição fundamental para que essa transformação ocorresse fora a publicação dos volumes restantes de *Das Kapital*. Somente a partir dele as especificidades da contribuição de Marx, especialmente em relação às de David Ricardo e Johan Karl Rodberthus, tornaram-se visíveis e proeminentes. Karl Marx não poderia ser mais representado enquanto um mero bom ou mal leitor de Ricardo, nem como o maior socialista científico depois de Rodberthus. Porém, tal resultado não foi automaticamente estabelecido pela mera publicação dos volumes. A atividade de Engels, não só como editor, mas como polemista fora importantíssima para que a recepção de Marx tomasse esses rumos. Com a formulação do debate da *Prize Essay Competition* as atenções sobre a obra de Marx foram ancoradas na conclusão de seu sistema e, junto dele, nos elementos que diferenciam suas contribuições dos demais economistas socialistas que partiam de Ricardo⁹⁴.

⁹⁴ O atraso de 9 anos na publicação não deixou de cumprir um papel nesse sentido, prolongando o debate e acumulando expectativas quanto a publicação do último volume. É curiosa a avaliação de Howard e King associam o atraso de Engels ao congelamento do desenvolvimento teórico do marxismo por uma década. Os autores terminam avaliando que Engels eixara a desejar como executor da obra de Marx. Tal visão nos parece inocente por deixar de levar em conta o interesse crescente no volume III que o atraso produziu, que pode ser visto no prolongamento da *Prize Essay Competition*. O atraso, seja ele involuntário ou proposital, indexa a atenção do debate no livro III, cria um maior impacto a sua publicação, de modo que amplifica o alcance do debate acerca de *Das Kapital*. Desse ponto de vista o atraso foi um sucesso e não uma falha. (cf., Howard & King, 1992, p. 16-17, 34).

Portanto a publicação em si dos volumes II e III é uma condição necessária e central, mas insuficiente para a introjeção do debate da conclusão do sistema marxiano. Tampouco ela é suficiente para a transformação da absorção da contribuição marxiana pelo discurso da *Nationalökonomie*, a qual se projeta como uma ruptura dentro desse mesmo discurso. As demais condições para tal foram pressupostas aqui. Resta inseri-las. No mínimo mais três elementos os quais contribuem para a transformação absorção da contribuição de Marx pela economia acadêmica a partir dos anos 1890: a conquista da hegemonia teórica dentro do partido socialdemocrata, a partir do congresso de Erfurt, o retorno dos *Kathedersozialists* ao debate público sobre o socialismo e a famosa *Methodenstreit*, o debate protagonizado por Schmoller e Menger sobre a metodologia. O primeiro garantiu ao marxismo o *status* de linguagem oficial de uma das principais, se não a principal, instituição socialista da Alemanha. Certamente essa conquista teve influência sobre os intelectuais próximos ao partido, como Sombart, fato cujas repercussões na economia acadêmica não podem ser descartadas. O segundo consiste no retorno de vozes que se excluíram do debate e do espaço público socialista, o que permitiu um retorno do debate entre universidade e sociedade acerca do socialismo. Já o terceiro é, ele próprio, uma exacerbação das diferenças de perspectiva e metodologia dentro do discurso da *Nationalökonomie*, uma primeira rachadura que cria condições mais propícias para a absorção prospectiva da contribuição de Marx. Abaixo se resume esses episódios, não de modo a esgotar o tema, mas de expor sua influência sobre a transformação na recepção da obra de Karl Marx.

Como já destacado, os dois partidos socialistas alemães a *Allgemeinen Deutschen Arbeitervereins* (ADAV) e o *Sozialdemokratischen Partei Deutschlands* (SPD) se fundem na conferência de Gotha em 1875, mantendo o nome e a sigla do SPD. Essa unificação é feita sobre um programa que está predominantemente baseado na doutrina de Lassale. A inclinação Lassalliana do programa de Gotha inspira a redação por Marx de uma circular para seus partidários no SPD, que fazia duras críticas ao programa. Dentre os aspectos criticados por Marx está a ausência de uma análise do desenvolvimento econômico, a ausência da palavra revolução e nenhuma menção ao caráter de classe do Estado. A parte os protestos de Marx aos chefes do SPD, Liebknecht

e Bebel, ambos mantêm a proposta de fusão com a ADAV nos termos do programa de Gotha, o qual lega um papel teórico praticamente nulo ao marxismo no programa do partido. O marxismo ganhará espaço no partido apenas pós a promulgação das leis antissocialistas por Bismarck. A legislação colocou o partido na ilegalidade e exigiu que sua militância se mantivesse por meios clandestinos. O impacto da clandestinidade pela década que vigoraram as leis antissocialistas cria um ambiente de maior radicalidade, que abre a possibilidade de um novo programa para o partido logo após a sua suspensão em 1890. Em tal contexto Engels recupera a circular de Marx sobre o programa de Gotha e a publica unilateralmente na *Die Neue Zeit*, sem que os demais líderes socialdemocratas soubessem disso. A única anuência que Engels teve foi a do editor da revista, o aliado e amigo Karl Kautsky, que o apoiara desde de as polêmicas com Rodberthus. A publicação que causou fúria não apenas dos Lassalianos, mas da direção do partido. Ela revela com clareza que o papel de Engels como executor testamentário de Marx ia além da mera publicação de seus textos, envolvendo ações para conquista da hegemonia teórica do marxismo nas instituições e no espaço público socialdemocrata. Tal publicação contribui para que sejam cimentadas as bases para a constituição do novo programa do partido sob uma formulação marxista. Ela se dá em 1892 sob a pena de Kautsky no programa de Erfurt. O programa é composto de duas partes. Seu primeiro trecho fala sobre a evolução da sociedade capitalista, aponta para a sua superação, em estilo similar ao do manifesto comunista. Já o segundo diz respeito a objetivos políticos imediatos da socialdemocracia, que pressupõem o modo de produção capitalista em larga medida não se diferenciam daqueles do programa de Gotha. O programa separaria as condições objetivas, necessárias para a revolução, da vontade subjetiva do proletariado, harmonizando o discurso revolucionário marxista com o horizonte não revolucionário dos anos 1890. Ao fazê-lo, ele cria um compromisso temporário entre os setores reformistas e revolucionários partido. Fato é que, a parte seu caráter conciliador, o programa torna o marxismo linguagem oficial do partido socialdemocrata (cf. Schorkse, 1955, p.2-5).

Não é apenas o SPD altera sua retórica e interpretação após o fim das leis antissocialistas. Os *Kathedersozialists* também alteraram sua inserção

no debate público. Depois de focarem seus estudos e intervenções políticas na questão agrária durante a vigência das leis antissocialistas⁹⁵, esses intelectuais voltaram com maior vigor ao debate público acerca da questão social que no período dos anos 1870. Tais intelectuais retomam a ocupação do espaço público, seja por via da publicação de revistas, ou via aulas e discursos públicos. Eles construíram vínculos com a ala direita do partido socialdemocrata, mais próxima das suas ideias reformistas, e com as nascentes organizações estudantis de viés socialista. Uma expressão da crescente aceitação do discurso socialista, ainda que sobre vestes reformistas, é o discurso de posse de Adolph Wagner enquanto reitor da universidade de Berlim, intitulado *Die Akademische Nationalökonomie und der Sozialismus*. Nele Wagner defende a respeitabilidade científica das teorias de Marx, Rodberthus e Lassalle, bem como rejeita o seu socialismo enquanto doutrina prática. Esse ambiente de hegemonia do marxismo no SPD e o retorno dos *Kathedersozialists* ao debate público sobre o socialismo, bem como sua validação do discurso dos autores do socialismo científico, são componentes da atmosfera política e intelectual que motivam a resenha de Sombart. Dado a conexão que o autor tinha com o movimento socialdemocrata⁹⁶, trata-se claramente de uma intervenção que em primeiro lugar o debate universitário, mas que não deixa também de ser endereçada também a interlocutores fora desse espaço (cf. Lindenfeld, 1997, p. 228-230, 269, 271-275).

A outra condição de possibilidade é a crescente tensão metodológica sobre o estatuto da economia teórica. Para compreendê-la faz-se necessária

⁹⁵ O que indicava, senão sua anuência, seu respeito às leis anti-socialistas.

⁹⁶ Vale lembrar que a geração mais jovem dos *Kathedersozialists*, da qual faz parte Sombart, cultivava essas conexões já no início da década de 1890. Nogueira resume o engajamento de Sombart no movimento socialdemocrata: “Mas aquilo que verdadeiramente o comprometeu à esquerda da socialdemocracia alemã foi o seu envolvimento em Breslau, na Silésia, com os círculos liberais, o seu interesse pela condição dos trabalhadores ao domicílio, dos mineiros-metalúrgicos e dos tecelões, pelo movimento sindicalista¹, as preleções que deu em Zurique (1896), os seminários em que participou na *Ethische Gesellschaft in Deutschland, Österreich und der Schweiz* (Sociedade Ética na Alemanha, Áustria e Suíça), fundada em 1892 pelos professores Georg von Gizycki, Wilhelm Foerster e Ferdinand Tönnies, entre outros, as suas publicações científicas, a recensão da obra de Karl Marx *Das Kapital* (O Capital), vol. III, ed. póstuma (1897), a correspondência com Engels, o envolvimento em organizações socialistas, como a *Verein für Sozialpolitik* (Associação para a Política Social), em, a *Association internationale pour la législation du travail*, sediada em Paris, no ano de 1900, e a secção alemã de Berlim, a *Gesellschaft für soziale Reform* (Sociedade para a Reforma Social), aberta em Janeiro de 1901, da qual Sombart foi membro do conselho até à sua resignação ao cargo em Dezembro de 1913” (Nogueira, 2004, p. 1130-1131).

uma regressão às formulações de Wilhem Roscher. Herdeiro da tradição pós-cameralista da *Nationalökonomie* Roscher dá, ainda na década de 1840, uma nova roupagem a herança descritiva e classificatória cameralista. Para Roscher a *Nationalökonomie* não tinha como finalidade a explicação de como se faz crescer a renda, mas o julgamento das formas de governo sobre as pessoas em diferentes sociedades. Para isso, devia-se retratar como as pessoas, desejam, pensam e sentem em matéria econômica, nos distintos contextos sociais. Em cada uma dessas sociedades seria possível a abstração de leis próprias de desenvolvimento. A economia necessitaria de ciências auxiliares, especialmente a história para abstrair tais leis. A partir da caracterização das sociedades e de suas leis de desenvolvimento se retomaria a perspectiva de comparação das formas de governo. É deste modo que está recolocada a perspectiva comparativa e classificatória herdada das ciências cameralistas, numa combinação com o historicismo e nacionalismo daquele momento. A proposta de uma economia necessariamente contextual por Roscher é embasada pelo mesmo numa crítica às abordagens abstratas e dedutivas, que aparecem na contribuição de David Ricardo. Parte da pouca atenção dada nos anos 1840, 1850 e 1860 às contribuições de Rodberthus e Marx, deve-se a hegemonia da proposta de Roscher e de sua crítica à economia estruturada em argumentos dedutivos (*cf.*, Tribe, 1994, 68-70; Lindenfeld, 1997, p. 155-156).

Quando, no prefácio dos seus *Grundsätze*, Carl Menger faz sua crítica a adoção direta e acrítica dos métodos das ciências sociais pelos economistas alemães, ele está se referindo exatamente a tradição historicista da *Nationalökonomie*. O objetivo Menger era estabelecer da maneira mais clara e simples possível os conceitos gerais da economia teórica. Menger não o faz recorrendo a uma retórica de ruptura, mas de reforma do discurso alemão, dedicando seu trabalho a Roscher e citando predominantemente os economistas ligados a *Nationalökonomie*. No ano de 1883, após mais de uma década da publicação dos *Grundsätze*, Menger entra em controvérsia direta com a tradição historicista com o seu *Untersuchungen über die Methode der Sozialwissenschaften und der politischen Ökonomie insbesondere*. A crítica de Menger tem por base algumas separações que o autor faz dos campos de estudo ligados à apreensão do fenômeno econômico. Primeiramente Menger divide o

campo das ciências auxiliares à economia, como a história e a estatística, que nomeia enquanto *Volkswirtschaftlehre*, do campo das ciências econômicas em si, nomeadas como *Politische Ökonomie*. Depois separa a *Politische Ökonomie* em duas áreas: *Nationalökonomie*, a economia teórica, e *Volkswirtschaftspolitik*, a economia aplicada e prática. Sua defesa é que a *Nationalökonomie* tem de ser formulada a partir de princípios próprios e não via abstrações importadas da *Volkswirtschaftspolitik* e da *Volkswirtschaftlehre*, como fazem aqueles que partem do método historicista. As aproximações empíricas-realistas dos historicistas, forjadas via indutivamente, sempre traçam uma aproximação incompleta a realidade complexa irregular que eles tendem a descrever. Essa direção é diferente daquela exata, que busca definir os conceitos e leis o mais rigorosamente possível para as condições mais abstratas e gerais do fenômeno econômico, que Menger adota como base da economia teórica (cf., Tribe, 1994, 76-79; Lindenfeld, 1997, p. 252-253; Kurs, 1994, p.15).

Gustav Schmoller, um dos principais intelectuais ligados ao historicismo àquela época, responde a crítica de Menger. Em sua crítica, Schmoller não nega a importância da abstração na ciência econômica, mas defende que ela seja feita de maneira a obter-se resultados cientificamente concretos. Para isso, ela não poderia partir de fantasmas esquemáticos. Schmoller considera a economia uma ciência jovem, com pouco suporte empírico, para se amparar em conceitos rigorosos e leis como quer Menger. O autor também critica o individualismo substantivo de Menger, afirmando que este é questionado por resultados contemporâneos da psicologia, linguística e filosofia da lei. A crítica de Schmoller termina no reconhecimento das críticas de Menger à perspectiva historicista como um sinal gratificante da tensão intelectual e das *Staatwissenschaften* naquele período. O autor considera que em alguns detalhes Menger está certo, mas nega a originalidade de suas concepções, as quais atribui a John Stuart Mill. As perspectivas de Schmoller rivalizam em sua compreensão da natureza do fenômeno econômico e, especialmente, na forma com que se deve proceder a sua investigação. Schmoller compreendia o fenômeno econômico como complexo e cheio de dimensões, de modo que ele não poderia ser reduzido aos seus mais simples fatores causais. Seu objeto era dirigir a atenção do iniciante, não aos conceitos fundamentais da economia da

maneira mais clara a possível, mas à dificuldade e complexidade do fenômeno e dos problemas econômicos. Essa complexidade estaria pressuposta na ação econômica, a qual não seria guiada apenas pelo auto interesse, mas por caracteres éticos e culturais enraizados na psique como instintos adquiridos. A história torna-se necessária exatamente para explicar quais são esses caracteres éticos e culturais em cada circunstância histórica e como eles se materializam na psique, nas instituições sociais e formações culturais objetivas. A formulação de Schmoller comporta uma economia teórica que trata dos aspectos gerais do fenômeno econômico. Schmoller a chama de economia geral e a estrutura a partir de categorias básicas, as quais expressam padrões a partir dos quais os fenômenos sociais mais amplos impactam na ação econômica nas diferentes circunstâncias sociais⁹⁷. Nessa concepção, a economia geral jamais está separada de um estudo mais amplo da sociedade⁹⁸. Segundo o autor, a observação empírica e histórica tem nesse modelo um papel mais proeminente que a conceitualização e classificação, embora ambas forneçam a matéria-prima para a formulação das explicações causais. Nesse último passo da teorização, poderiam ser identificadas leis de causalidade e desenvolvimento próprias a uma determinada formação cultural. Portanto, embora comporte leis de desenvolvimento e formulação de causalidades, sua compreensão nega a existência de leis universais que expliquem os fenômenos econômicos em última instância (Lindenfeld, 1997, p.234-237, 253-254).

A oposição entre ambas perspectivas resume alguns impasses centrais das *Staatwissenschaften* numa época de especialização científica. Há um conflito sobre o grau de ruptura metodológica da economia, concebida enquanto uma ciência social, para as ciências naturais. Menger se opõe a simples transposição do método das sociais, mas não a sua emulação em um

⁹⁷ Essas categorias da economia geral são sintetizadas em seus *Grundrisse der allgemeinen Volkswirtschaftslehre*, livro publicado em 1900. Elas são divididas em grupos: o das fundações naturais do fenômeno econômico (território, população e tecnologia), dos seus atores individuais e coletivos (famílias, corporações, municipalidades, classes e empresas), as categorias que estruturam a sua variação (ciclos, crises, luta de classes e relações internacionais), além daquelas que expressam a circulação e distribuição de renda (comércio, dinheiro, valor e preços, juros, relações de trabalho e instituições).

⁹⁸ Nesse sentido a concepção de economia geral de Schmoller pode ser considerada parteira da sociologia, a qual ainda aparece indiferenciada do estudo da economia em sua contribuição. O autor ajudaria a ciência da sociedade a sair de uma ideia rudimentar para um sistema mais articulados de conceitos concebido em sua abordagem da economia geral.

grau mais geral. A economia teórica poderia basear seu desenvolvimento lógico a partir de conceitos abstratos que estabelecem, não sem algumas hipóteses compulsórias, as determinações básicas do fenômeno econômico em geral. Essa abordagem leva a uma concepção da economia teórica mais concisa e, ao mesmo tempo, que é mais especializada por separar os fenômenos econômicos dos demais fenômenos da realidade. Schmoller se opõe de maneira mais frontal à adoção a um tratamento similar das ciências sociais em relação as ciências naturais. Considera demasiadamente jovens para serem formuladas em termos puros e abstratos. Também considera que é impossível tratar da economia em sentido puro, isolado das demais ciências sociais. Isso o leva a uma apreensão menos econômica e mais baseada num conhecimento geral que combina diversas dimensões para explicitar o fenômeno econômico. As leis causais que teorizam esses fenômenos apenas poderiam se originar da compreensão profunda de como determinados padrões se estabelecem em dada configuração social, o que exige sobretudo pesquisa histórica e empírica. O debate entre os intelectuais expõe as encruzilhadas da *Staatwissenschaften* num período de especialização científica. Essa especialização tem como uma de seus sintomas os debates metodológicos, que sinalizam o deslocamento do ecletismo que caracteriza o paradigma descritivo para a autoconsciência metodológica que caracteriza a pesquisa. Os intelectuais passam também a ter maior percepção da sua natureza enquanto um grupo específico que disputas internamente o discurso científico, os objetos de estudo, as metodologias, os cargos em universidades, além de posições no debate público e no Estado (*cf.*, Lindenfeld, 1997, p.255-256).

O ponto fundamental desse debate para esse trabalho se dá a partir da forma com que ele direciona o debate dentro da *Nationalökonomie*. As posições de Menger e Schmoller são extremos aos quais outros intelectuais e grupos respondem. A posição de alguém que mesclava procedimentos dedutivos dedução e indutivos em sua análise, como era o caso de Adolph Wagner, é interessante desse ponto de vista. O autor não sai em defesa de Schmoller, seu companheiro da Universidade de Berlim, ao mesmo tempo que orientado, Heinrich Dietzel, publica um texto em que concorda com as críticas de Menger a Schmoller, opondo-se apenas em qual deveria ser a metodologia

correta para a economia teórica. Portanto, num primeiro momento da polêmica, a posição dos economistas ligados ao paradigma da *Sozialökonomie* está mais próxima a de uma defesa da economia teórica baseada na dedução que na defesa da proposta de Schmoller. Ao se apoiar na contribuição de Marx, Sombart parece em busca uma formulação que concilie a possibilidade de uma teoria dedutiva e o método histórico, numa formulação distinta da *Sozialökonomie*. A contribuição de Marx possibilita a abstração de leis gerais do desenvolvimento econômico para uma dada formação social histórica, o modo de produção capitalista, o que compatibilizaria a combinação de uma abordagem dedutivo-abstrata para a Economia Teórica, com a análise histórica e indutiva das formações sociais. Do ponto de vista estrito da Economia Teórica, sua abordagem rivalizará com da abordagem clássica sob a roupagem dada por Rodberthus, defendida por Wagner, e com abordagem psicologista, de Menger e Böhm-Bawerk. Quanto a questão da análise histórica, o autor parece apropriar-se dos próprios resultados de Schmoller enquanto o questionamento do argumento de Engels sobre a validade empírica da lei do valor para períodos anteriores a conformação do capitalismo⁹⁹.

Assim, é possível traçar uma hipótese de leitura que justifica a adesão de Sombart a proposta marxiana como uma resposta as questões lançadas na *Methodenstreit*. O autor adotaria a perspectiva marxiana do ponto de vista da economia teórica, porém faz a crítica a partir das bases de seu orientador à história econômica que sai dela. Essa dupla apreensão, que combina as dimensões da economia teórica e da histórica econômica, estrutura a sua contribuição e o debate que sai dela nos termos de uma dupla prova do valor, que questiona sua coerência lógica e sua existência empírica (Lindenfeld, 1997, p.255-256).

2.4.2 A Dupla Prova do valor: uma breve proposta de síntese do debate

A partir da construção da seção anterior, o debate da conclusão do sistema marxiano pode ser compreendido como uma parte de um debate mais

⁹⁹ Schmoller estruturou a pesquisa universitária de seu grupo num tópico único que versava sobre a história das Guildas em Strassburg. É muito provável que a evidência empírica contra a existência histórica lei do valor, mencionada por Sombart em seu artigo fora extraída dos resultados do grupo de pesquisa de Schmoller (cf. Lindenfeld, 1997, p.233).

amplo sobre metodologia, travado por intelectuais ligados à *Nationalökonomie*, o qual tem sua primeira grande expressão na controvérsia entre Menger e Schmoller. Não por acaso, estão projetadas ao julgamento da teoria do valor de Marx as duas dimensões relacionadas ao debate da metodologia alemã: a da coerência da sua dedução e a da existência do valor na consciência dos agentes, ou seja, da prova dedutiva e da prova indutiva da teoria do valor, respectivamente. Embora uma dualidade entre prova empírica e prova lógica esteja presente no comentário de Böhm-Bawerk sobre Marx em *Kapital und Kapitalzins*, é a partir da contribuição de Sombart que ambas provas adquirem os termos que caracterizam o debate da conclusão do sistema marxiano posterior a publicação do livro III. Engels questionará a negativa de Sombart a prova indutiva, da existência empírica do valor enquanto guia direto das trocas. Böhm-Bawerk questionará a aceitação da prova dedutiva por Sombart, questionando a coerência lógica da formulação de Marx. Essas duas provas não são apenas procedimentos que testam a validade das teorias do valor em *Das Kapital*, elas também qualificam a natureza da categoria valor. Nesse sentido, diferente da imagem do debate da conclusão do sistema marxiano construída com base no problema da transformação dos valores em preços propõe, não se trata apenas da validade ou não da derivação lógica de Marx e da possibilidade de ela ser reparada, caso ainda seja inválida. O problema também é o da natureza da categoria valor, se ela existe ou não no concreto, para além da mente idiossincrática dos intelectuais.

Assim há 3 posições possíveis no debate. Apenas do ponto de vista da contribuição de Engels o valor é um fato empírico, isso na produção simples de mercadorias. Como já discutido, está implícito no argumento do autor que no capitalismo os valores são ocultados da percepção dos produtores, mas que continuam presentes, o que pode ser provado pela reconstituição do processo de estabelecimento do movimento de capitais que cria a taxa de lucro, diferenciando preços e valores, bem como desviando os valores individuais de seus preços. Sombart discorda da suposição de que a troca fosse regulada pelo valor em alguma condição pré-capitalista¹⁰⁰. Ainda assim, Sombart concordam

¹⁰⁰ Ele daria uma resposta, a qual não poderia mais chegar a Engels, no seu texto clássico de 1902, *Der Modern Kapitalismus*, obra que estuda a gênese do capitalismo e traz o léxico *Kapitalismus* entre no debate acadêmico alemão. *Der Modern Kapitalismus* também lança boa

com Engels dedução da teoria do valor trabalho por Marx é coerente, o que torna possível a ambos considerá-la uma categoria que permite uma abordagem objetiva e holista do impacto leis de desenvolvimento capitalista sobre a produção e o preço, uma possível abordagem para a Economia Teórica¹⁰¹. A resultante das posições de Sombart consiste na concepção da categoria valor enquanto um fato conceitual, com repercussões teóricas validas para se entender o movimento da economia capitalista, mas que nunca guiou a ação consciente dos agentes, que o autor associa à inexistência empírica da categoria. Böhm-Bawerk é o único autor que nega a coerência da dedução da teoria do valor, bem como sua existência histórica. A conclusão de sua contribuição é pela não validade da teoria do valor, nem enquanto uma ferramenta de análise que torna possível determinada abordagem da economia teórica, nem como fato que guia ou guiou a troca dos agentes em alguma outra circunstância histórica. *Das Kapital* é compreendido enquanto uma contribuição que fornece uma abordagem incorreta do valor e dos fenômenos econômicos.

Em síntese, o debate da conclusão do sistema marxiano, quando lido em seus termos históricos, pode ser resumido enquanto um debate sobre duas provas do valor, estabelecido a partir da contribuição de Sombart. A prova empírica diz respeito às questões da existência de situações históricas, onde o trabalho agregado às mercadorias é o princípio que regula as trocas e da transição dessa situação para aquela governada pelos preços de produção, via o estabelecimento da mobilidade de capitais. A transição revelaria que o valor é o atributo oculto que ainda guia a produção capitalista, sendo os preços das mercadorias individuais meros desvios dos valores. Essas questões só podem ser respondidas com base em evidências históricas, antecipando debates que mais tarde seriam legados à história econômica e à antropologia econômica. A prova dedutiva diz respeito a coerência da formulação de Marx. Nesse aspecto, a questão central são as repercussões do efeito dos salários sobre os preços, se eles violam ou não a formulação de Marx. A resposta a essa questão depende

parte da discussão que a história econômica e social fez no século XX nas contribuições de Braudel, Postan e Dobb, sendo a grande referência do debate germanófono junto com a *Das Kapital* (cf. Lenger, 1994, p. 251).

¹⁰¹ Sombart considera a formulação marxiana em seus principais aspectos, apenas negando a tendência real a equalização da taxa de lucro, entendida como uma projeção mental dos capitalistas que não é realizada concretamente dada a existência dos monopólios.

de dois pressupostos. O primeiro é de como se lê a formulação de Marx sobre o valor. Se ela é lida como uma hipótese do livro I sobre a produção de riqueza nas sociedades capitalistas, tendo seu conteúdo como explicação monocausal das trocas parcialmente abandonado, não se exige que ela explique toda a variação dos preços das mercadorias individuais, apenas que ela determine os efeitos da produção capitalista, sobre tudo das pressões sobre a produtividade do trabalho, nos preços. Isso faz dela e do sistema marxiano coerentes. Se não é abandonado o pressuposto de que ele é a explicação monocausal das trocas, ainda que indiretamente, então o efeito dos salários sobre os preços de produção sugere que a teoria do valor e o sistema marxiano incoerentes, ao menos quando se supõe variação de salários. Como a formulação de Marx dá margem para ambas leituras, os pressupostos metodológicos de cada autor são um segundo fator é importante. Assim, a compreensão do sistema marxiano que entende o valor como determinante exclusiva dos preços, supõe que a teoria econômica deva ser construída a partir do individualismo ontológico, metodológico e do construtivismo, leitura que pode ser sobreposta a formulação do livro I. Já a outra interpretação projeta uma leitura holista e objetiva do sistema marxiano. Trata-se em essência de um debate antes metodológico que lógico, cujo o resultado depende dos distintos recortes que cada autor faz dos fenômenos econômicos, dos diferentes axiomas que partem e das diferentes metodologias que empregam. O único problema que está no limite entre um problema lógico e metodológico é o do estatuto do salário na formulação marxiana. Ele seria amplamente discutido pelos teóricos das ciências econômicas do século XX.

Conclusão

Conclui-se que houve uma mutação na apreensão da contribuição de Karl Marx em *Das Kapital* pelo paradigma da *Nationalökonomie* do período delimitado pela publicação do livro I e a publicação do livro II para aquele que se delimita entre a da publicação do livro II e os anos posteriores a publicação do livro III. Karl Marx não fora mais lido enquanto um epígono de Ricardo e Rodberthus, mas como um autor com uma análise peculiar. Essa mutação se dá, em boa medida, devido a ação de Engels como editor das obras de Marx e polemista no debate público. Como resposta a acusações de plágio, movidas por Rodberthus e seus seguidores, Engels estabelece a peculiaridade do sistema marxiano na diferenciação dos níveis fenomênicos relacionados a formação da mais-valia e a sua expressão em diversas formas. Ele estabelece na solução da contradição, já presente em Ricardo, entre diferenças proporções entre os capitais variáveis e constante nos diferentes setores da produção e o princípio pelo qual se forma uma taxa uniforme de lucro, um passo fundamental para essa diferenciação, a ser estabelecido no livro III. Mais que isso, Engels desafia outros economistas a adiantarem a solução de Marx, fato que leva desloca o foco do debate sobre o Marx para a publicação do volume III. É esse novo foco que delimita o debate da conclusão do sistema marxiano como uma fase em específico da recepção da obra de Marx pela *Nationalökonomie*. Esse debate possui duas fases separadas pela publicação do volume III: uma primeira fase, na qual os intelectuais buscam adiantar a solução da contradição entre os capitais de diferentes composições orgânicas e uma única taxa de lucro; e uma segunda fase, onde a conclusão do sistema de Marx é avaliada pelos intelectuais da *Nationalökonomie*.

Conclui-se que a resenha de Werner Sombart teve papel-chave nessa segunda fase do debate do sistema marxiano, pois expressou uma fratura na recepção de *Das Kapital* dentro do paradigma da *Nationalökonomie*, estruturando o debate póstero. Ele fora o primeiro texto de um acadêmico da *Nationalökonomie* a considerar a formulação da teoria do valor de Marx enquanto correta, apontando para a crítica prospectiva do sistema marxiano e não sua refutação. Sombart rompia ali a definição consensual do fenômeno econômico

como problema estático e subjetivo que parte da relação entre homem e natureza mediada pelas necessidades, aproximando-se da fundação marxiana do problema econômico no modo de produção capitalista a partir da acumulação de capital. Essa ruptura desencadeara tanto considerações dos autores marxista, notadamente Engels, quanto dos defensores do recorte dos fenômenos econômicos da *Nationalökonomie*, da qual a mais notável é a de Böhm-Bawerk. A ruptura de Sombart tem como condições de possibilidade não apenas a publicação do volume III de *Das Kapital*, mas a conquista da hegemonia intelectual no SPD pelo marxismo, o retorno dos *Kathedersozialists* ao debate público sobre o socialismo e a controvérsia acerca do método para a economia teórica, lançada pela crítica de Menger a escola histórica. Uma hipótese de leitura possível é que o autor tomaria a teoria de Marx como uma possível conciliação de questões relacionados a essa controvérsia: notadamente a contradição a exigência de uma análise lógico-dedutiva como estruturante da economia teórica, nos termos que lhe deu Menger, e a perspectiva historicista na qual se formou.

Conclui-se que esses antecedentes são fundamentais para plasmar a absorção de Marx por Sombart em termos que estruturarão o debate que se segue nos termos de uma dupla prova do valor. Sombart aceita a validade teórica da dedução de Marx, mas nega que o valor tenha existência empírica, fundada na prática dos agentes, em condições pré-capitalistas. A resultante dessa análise é que as teorias de valor de Marx, bem como a maior das suas decorrências, são válidas, ao mesmo tempo em que o valor é um fato conceitual que existe apenas na mente dos intelectuais. Essa posição originará dar os termos das respostas de Engels e Böhm-Bawerk. O primeiro concorda com a formulação teórica de Sombart, mas argumenta a favor da existência da troca segundo valores em situações pré-capitalistas que qualifica enquanto produção simples de mercadorias. Haveria uma transição dessa situação para a troca por preços de produção, tipicamente capitalista. É implícito na contribuição de Engels que, portanto, os valores continuariam existindo, só que estariam opacos aos agentes dado o movimento da concorrência capitalista. Assim os valores teriam existência no concreto, O segundo concorda com Sombart sobre a inexistência empírica do valor e discorda da coerência lógica da teoria do valor

de Marx. Segundo Böhm-Bawerk, uma variável externa a teoria do valor, os salários, também influenciariam no preço de produção das mercadorias descompatibilizando as igualdades presumidas pelo sistema marxiano entre somatória dos valores e dos preços, bem como a determinação da taxa de lucro pela massa de mais-valia. Nesse caso a teoria valor não possui nem coerência teórica, nem existência empírica.

Conclui-se que o debate da conclusão do sistema marxiano em sua fase posterior a publicação do volume III se estrutura a partir da chave dada pela contribuição de Sombart. As reconstituições do século XX acerca desse debate falharam em lê-lo em seus próprios termos, projetando o centro do debate na contribuição de Böhm-Bawerk, que diz mais sobre o problema teórico da transformação de valores em preço, tema caro a economia acadêmica do século XX, mas que escapa do contexto do debate no século XIX.

Bibliografia

BLACKBOURN, David. **The peculiarities of German history: bourgeois society and politics in nineteenth-century Germany.** Coautoria de Geoff Eley, David Blackbourn. Oxford: Oxford University Press, 1984

BLACKBOURN, David. **History of Germany, 1780-1918: the long nineteenth century.** Coautoria de David Blackbourn. 2nd ed. Malden, MA: Blackwell, 2003.

BÖHM-BAWERK, Eugen von. **Capital and interest: A critical history of economical theory.** Macmillan and Company, 1890 [1884]

BÖHM-BAWERK, Eugen von. **Positive Theorie des Kapitaless.** G. Fischer 1889

BÖHM-BAWERK, Eugen von; LEONARD, Henrietta. The historical vs. the deductive method in political economy. **The Annals of the American Academy of Political and Social Science**, v. 1, n. 2, p. 244-271, 1890.

BÖHM-BAWERK, Eugen von; LEONARD, Henrietta.. The Austrian Economists. **The Annals of the American Academy of Political and Social Science**, v. 1, p. 361-384, 1891.

Böhm-Bawerk, Eugen von. Wert, Kosten und Grenznutzen, **Jahrbücher für Nationalökonomie und Statistik**, Vol. 58, no. 3, p.321–67. 1982

BÖHM-BAWERK, Eugen von 1, Wert, **Handwörterbuch der Staatswissenschaften**, Jena, Bd. 6.

BÖHM-BAWERK, Eugen von. Karl Marx and the close of hys Systemem: Sweezy, P.M [org]. **Karl Marx and the close of hys System**, AM Kelley, 1949 [1896]

BORTKIEWICZ, Ladislaus On The Correction Of Marx's fundamental Theoretical Construction in The Third Volume of Capital **Karl Marx and the close of hys System**, AM Kelley, 1949 [1906]

COX, Robert W. Social forces, states and world orders: beyond international relations theory. **Millennium**, v. 10, n. 2, p. 126-155, 1981.

CURI, Luiz Felipe Bruzzi. **Nationalökonomie nos trópicos: pensamento econômico alemão no Brasil (1889-1945).** Tese de Doutorado. Universidade de São Paulo.

DAY, Richard B.; GAIDO, Daniel F. **Responses to Marx's Capital**. BRILL, 2017 [DILKE, Charles Wentworth]. **The source and remedy of the national difficulties. Deduced from Principles of National Economy (London, 1821)**, 1821.

ENGELS, Friederich. Prefácio da Primeira Edição em MARX, Karl. **O Capital: Crítica da Economia Política. Livro II: O Processo de Circulação do Capital**, São Paulo, Boitempo, 2014 [1885b]

ENGELS, Friederich. Prefácio a Primeira Edição Alemã in MARX, KARL. **A Miséria da Filosofia**, São Paulo, Global Editora, 1985 [1885b]

ENGELS Friedrich Engels a Karl Kautsky (excertos) in Marx, K. **Crítica do programa de Gotha**, São Paulo, Boitempo, 2012 [1891a].

ENGELS Friedrich Engels a August Bebel in Marx, K. **Crítica do programa de Gotha**, São Paulo, Boitempo, 2012[1891b].

ENGELS, Friederich. Prefácio da Primeira Edição em MARX, Karl **O Capital: Crítica da Economia Política. Livro III: O Processo Global da Produção Capitalista**, São Paulo, Boitempo, 2017[1894].

ENGELS Engels to Werner Sombart in Breslau, London, 11 March em: DAY, Richard B.; GAIDO, Daniel F. **Responses to Marx's Capital**. BRILL, 2017 [1895a]

ENGELS, Friederich. Apêndice e Notas Suplementares ao livro III d'O Capital em MARX, Karl. **O Capital: Crítica da Economia Política. Livro III: O Processo Global da Produção Capitalista**, São Paulo, Boitempo, 2017[1895b].

GRESPLAN, Jorge. Marx, crítico da teoria clássica do valor. **Crítica Marxista**, v. 1, n. 12, p. 59-76, 2001.

FRISON, Guido. Linnaeus, Beckmann, Marx and the foundation of technology. Between natural and social sciences: A hypothesis of an ideal type: First part: Linnaeus and Beckmann, Cameralism, Oeconomia and technologie. **History and Technology, an International Journal**, v. 10, n. 2-3, p. 139-160, 1993.

HAGEMANN, Harald; NISHIZAWA, Tamotsu; IKEDA, Yukihiro (Ed.). **Austrian economics in transition: from Carl Menger to Friedrich Hayek**. Springer, 2010.

- HOBSBAWM, Eric. **Sobre história**. Editora Companhia das Letras, 2009.
- HOBSBAWM, Eric J. **A era das revoluções**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2008.
- HOWARD, Michael Charles; KING, John E. **A History of Marxian Economics: Volume I: 1883-1929**. Macmillan International Higher Education, 1992.
- KAUTSKY, Karl. Das “Kapital” von Rodbertus. **Die Neue Zeit, II**, v. 337, p. 50, 1884.
- KOSELLECK, Reinhart. **Futuro passado**. Rio de Janeiro: Contraponto, p. 25, 2006.
- KOSLOWSKI, Peter. Economics as Ethical Economy and Cultural Economics in the Historical School em:NAU, Heino H.; SCHEFOLD, Bertram (Ed.). **The historicity of economics: continuities and discontinuities of historical thought in 19th and 20th century economics**.Heidelberg: Springer Science & Business Media, 2002.
- KURZ, Heinz D. Marginalism, classicism and socialism in German-speaking countries, 1871–1932. In: **Socialism & Marginalism in Economics 1870-1930**. Routledge, 2003. p. 15-94.
- LENGER, Friedrich. Marx, the crafts, and the first edition of Modern Capitalism. **BACKHAUS, Jürgen. Werner Sombart–Social Scientist. 1996.**, p. 251-73, 1996.
- LINDENFELD, David F. **The practical imagination: The German sciences of state in the nineteenth century**. University of Chicago Press, 2008.
- LOTZ, Johann Friedrich Eusebius. **Revision der Grundbegriffe der Nationalwirthschaftslehre**. Sinner., 1811
- MARX, Karl. **Manuscrítos econômico-filosóficos**.São Paulo: Boitempo Editorial, 2008 [1844].
- MARX, Karl; ENGELS, Friedrich. **A ideologia alemã**. Boitempo editorial, 2007 [1845/1846].
- MARX, Karl. **A Miséria da Filosofia**, São Paulo, Global Editora, 1985 [1847]
- MARX, Karl. **Contribuição à Crítica da Economia Política**, São Paulo: Expressão Popular, 2008 [1858].

MARX, Karl. **Theorien über den Mehrwert: Aus dem nachgelassenen Ms. zur Kritik d. politischen Ökonomie. Zweiter Band David Ricardo** Dietz, 1905 [1861-1863].

MARX, Karl **O Capital: Crítica da Economia Política. Livro I: O Processo de Produção Capitalista** São Paulo, Boitempo, 2013[1867].

MARX, Karl. 'Notes' on Adolph Wagner em: MARX, Karl **Marx: Later political writings**. Cambridge University Press, 1996.

MARX, Karl **O Capital: Crítica da Economia Política. Livro II: O Processo de Circulação do Capital**, São Paulo, Boitempo, 2014 [1885]

MARX, Karl **O Capital: Crítica da Economia Política. Livro III: O Processo Global da Produção Capitalista**, São Paulo, Boitempo, 2017[1894]

MENGER, Carl Princípios de Economia Política em: JEVONS, William; MENGER, Carl. **A Teoria da Economia Política/Princípios de Economia Política**. Abril Cultural, 1983[1871].

MENGER, Carl. **Untersuchungen über die methode der socialwissenschaften: und der politischen oekonomie insbesondere**. Duncker & Humblot, 1883

MOSELEY, Fred. Introduction em: MARX, Karl. **Marx's Economic Manuscript of 1864-1865**. Brill, 2015

MOSELEY, Fred. **Money and Totality: A Macro-monetary Interpretation of Marx's Logic in Capital and the End of the'transformation Problem'**. Brill, 2015b

NOGUEIRA, António de Vasconcelos. Werner Sombart (1863-1941): apontamento biobibliográfico. **Análise Social**, p. 1125-1151, 2004.

PROUDHON, Pierre Joseph. **Système des contradictions économiques ou philosophie de la misère**. Garnier frères, 1850.

RICARDO, David. **On the principles of political economy**. J. Murray, 1821.

RODBERTUS, Johann Carl. **Zur Erkenntniss unsrer staatswirthschaftlichen Zustände**. 1842.

RODBERTUS-JAGETZOW, Johann Karl. **Sociale Briefe an von Kirchmann**, Dritter Brief. 1858/1859.

ROSCHER, Wilhelm. **Geschichte der National-oekonomik in Deutschland**. R. Oldenbourg, 1874.

RUBIN, Isaak Il'ich. Marx's Teaching on Production and Consumption em: DAY, Richard B.; GAIDO, Daniel F. **Responses to Marx's Capital**. BRILL, 2017

SAMUELSON, Paul A. The „Transformation“ from Marxian „Values“ to Competitive „Prices“: A Process of Rejection and Replacement. **Proceedings of the National Academy of Sciences**, v. 67, n. 1, p. 423-425, 1970.

SCHÄFFLE, Albert. **Die Quintessenz des Sozialismus**. Friedrich Andreas Berthes, 1885.

SCHORSKE, Carl E. **German Social Democracy, 1905-1917: The development of the great schism**. Harvard University Press, 1955.

SCHUMPETER, Joseph A. **History of economic analysis**. Routledge, 2006 [1954].

SMITH, Adam. **An Inquiry Into the Nature and Causes of the Wealth of Nations** T. Nelson and Sons, 1776.

SOMBART, Werner. Besprechung von Julius Wolf, Sozialismus und Kapitalistische Gesellschaftsordnung. **Archiv für soziale Gesetzgebung und Statistik**, v. 5, p. 487-498, 1892.

SOMBART, Werner. Werner Sombart's Review of Karl Marx, Das Kapital em: DAY, Richard B.; GAIDO, Daniel F. **Responses to Marx's Capital**. BRILL, 2017 [1894]

SOMBART, Werner. **Der moderne kapitalismus**. Duncker et Humblot, Leipzig, 1902.

STEIN, Lorenz von. **Der Sozialismus und Kommunismus des heutigen Frankreich**. 1842.

TAMURA, Shin'ichi. Gustav von Schmoller and Werner Sombart: a contrast in the historico-ethical method and social policy. In: **The German Historical School**. Routledge, 2002. p. 117-131.

TRIBE, Keith. **Governing economy: the reformation of German economic discourse, 1750-1840**. CUP Archive, 1988.

TRIBE, Keith. **Strategies of economic order: German economic discourse, 1750-1950.** Cambridge University Press, 2007.

Sweezy, Paul Malor [org]. **Karl Marx and the close of hys System,** AM Kelley, 1949

WAGNER, Adolph. **Allgemeine oder theoretische Volkswirtschaftslehre.** Winter, 1879.

WALLERSTEIN, Immanuel Maurice. **Unthinking social science: The limits of nineteenth-century paradigms.** Temple University Press, 2001.